



LAP

VERITAS

REVISTA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO GRANDE DO SUL

Pôrto Alegre — Brasil

LIBRARY OF PRINCETON

JAN 25 1958

THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

DOM VICENTE SCHERER — Discurso sôbre liberdade de ensino	3
DR. OLYNTHO SANMARTIN — Arte Moderna	9
P. CARLOS BORROMEU C. PP. S. — Um perfil intelectual de nossa época	18
PROF. ^a HILDEGARD HILTMANN — Le test de pyramides des couleurs et les résultats cliniques obtenus	23
IR. IGNÁCIO JOSÉ — El Idioma Español ..	38
IR. ELVO CLEMENTE — Lôbo da Costa Satírico	53
PROF. ^a RUTH CABRAL — Monografia da Profissão de Técnico em Educação ..	65
PROF. ^a BETTY B. B. FORTES — Dionísio Fuertes Álvarez	77
PROF. IR. JUVÊNCIO — Fixação de dunas	84
Bibliografia	94

ANO III — Março de 1958 — N.º 1

VERITAS

Publicação Periódica-Trimestral

EXPEDIENTE:

Diretor-responsável

Irmão José Otão

Secretário

Irmão Elvo Clemente

Comissão de Redação

Prof. Irmão Faustino João
Prof. Antônio César Alves
Prof. Francisco da Silva Juruena
Prof. Des. Celso Afonso Pereira
Prof. Manuel Santana
Professôra Elsa Helm

ADMINISTRAÇÃO

Pontifícia Universidade Católica do RGS — Praça Dom Sebastião, 2
PÔRTO ALEGRE (Brasil)

Preço anual	Cr\$ 100,00
Número avulso	Cr\$ 30,00
Exterior	\$2 dólares
Professôres e alunos da Univ. assinatura anual	Cr\$ 50,00

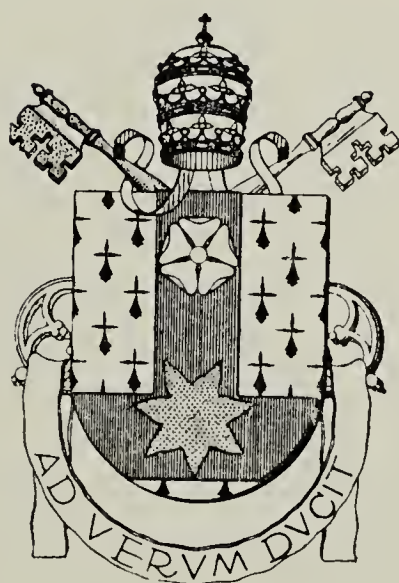
Formas de pagamento: Vale postal, valor declarado ou cheque pagável em Pôrto Alegre.

VERITAS

REVISTA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO GRANDE DO SUL

TOMO III



1958

PÔRTO ALEGRE (RGS)

BRASIL



Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

<https://archive.org/details/veritas3119unse>

DISCURSO DO SR. ARCEBISPO METROPOLITANO POR OCASIÃO DO SEU 11.º ANIVERSÁRIO DE SAGRAÇÃO EPISCOPAL — 23-2-1958

A Direção da «VERITAS» se honra em publicar o monumental discurso de S. Ex.^a Rev.^{ma} D. Vicente Scherer, em defesa da educação cristã e do ensino particular

Atribuo a esta solenidade, com palavras empregadas em recente documento por Pio XII, a significação de um «testemunho de unidade e de caridade». Testemunho de unidade das forças, das iniciativas, das vontades e dos corações em torno da pessoa do Bispo, como penhora de ortodoxia na doutrina e de fecundidade na ação; testemunho de caridade, compreensão, amor fraterno que necessariamente, na família diocesana cristã, manifestam e caracterizam a presença e o espírito de Deus. Não é como «príncipe da Igreja» que apraz ao Bispo ser definido e tratado, mas como Pastor e Pai, que não conhece preocupações e alegrias outras que o bem espiritual e material das ovelhas de Cristo confiadas à sua solicitude, à sua vigilância e ao seu govêrno. Aos presentes, pois, e a todos que bondosamente se associaram a êste expressivo testemunho, principalmente ao generoso intérprete dos sentimentos da coletividade católica, a segurança do nosso sincero reconhecimento.

Acrescentou o Santo Padre às palavras citadas que «para o Bispo, responsável pelo apostolado em sua diocese e pela doutrina que nela se ensina, todos os esforços devem convergir. Faltando esta inserção profunda nos empreendimentos comuns da Igreja em tal região em tal meio, o ministério particular arrisca-se bem depressa a perder sua fecundidade sobrenatural, como um rio desligado de sua nascente não tarda em secar». (Carta ao Cardeal Feltin, 25-3-1957).

TRIGO E JOIO

Consola-nos sobremodo o exuberante florescimento das obras de religião, de apostolado, de assistência e caridade que o zêlo e a generosidade do clero e de leigos operosos por tôda parte promovem e aperfeiçoam, dominados pelo amor de Cristo, obedientes aos apelos da Igreja, angustiados pela miséria moral e espiritual dos esquecidos de Deus e pela penúria econômica dos abandonados pela justiça social dos homens.

Mas, observamos igualmente a ação destruidora das forças da negação e do mal. O ateísmo também entre nós conta com apóstolos e evangelistas que desdobram atividade tenaz e articulada que, sob êsse aspecto, a muitos de nós, apáticos e comodistas, poderia servir de exemplo e incitamento.

Na sementeira do trigo da verdade e da virtude, segundo a parábola do Senhor (Mt. 13), surpreendemos o adversário, o «inimicus homo», que, na calada da noite ou até sem disfarces, à plena luz do dia, vai passando e espalhando o joio e a cizânia da falsa doutrina.

ORIENTAÇÃO MATERIALISTA DE ORIENTADORES DE ENSINO

Queremos hoje referir-nos a um grupo poderoso que, — impõe-se-nos a renovada denúncia à consciência católica e cristã do País —, instalado no Ministério da Educação e Cultura do Rio de Janeiro, está promovendo não só o laicismo do ensino mas também a laicização e o materialismo da vida. Sistemáticamente procura-se realizar um plano de orientação materialista e ateísta do ensino nacional e se move uma campanha artilosa contra as escolas particulares, em favor do monopólio estatal do ensino. Os patrocinadores dêsse programa de ação apresentam e defendem uma doutrina de desenvolvimento nacional inspirada e baseada na mesma filosofia em que se abeberou Carlos Marx para elaborar as teses fundamentais da sua interpretação materialista da história e a sua teoria econômica, viga mestra do comunismo.

MONOPÓLIO ESCOLAR

O Sr. Prof. Anísio Teixeira, a figura mais destacada do referido grupo, apresenta a escola pública, universal e gratuita do Estado como remédio para os males da educação do Brasil (Educação não é privilégio, 1957). Em artigo publicado em CAPES, boletim informativo da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, afirma: «Obrigatória, gratuita e universal, a educação só poderia ser ministrada pelo Estado. Impossível deixá-la confiada a particulares, pois, êstes sòmente podiam oferecê-la aos que tivessem posses (ou a protegidos) e daí operar antes para perpetuar as desigualdades sociais que para removê-las» (n.s 48, 1956, pg. 3). Com desprêzo soberano e preconcebido, o Professor fala do ensino ministrado pela Igreja na Idade Média (A Educação, pg. 24).

A mentalidade hostil ao ensino particular, dominante em certas esferas oficiais, ficou evidenciada igualmente no recente congelamento, pela COFAP, das anuidades escolares.

EDUCAR, DIREITO DA FAMÍLIA

Mas, a voz da natureza e da razão, o consenso unânime dos povos,

as leis positivas de todos os Estados civis democráticos, o ensino da Igreja, proclamam concordemente que a educação dos filhos é um dever natural de quem lhes deu a vida. O direito de educar decorre da própria geração dos filhos. Depois que êstes atingiram seis ou sete anos, a família necessita de uma escola para dar-lhes formação completa. A escola deve ser, pois, considerada um prolongamento e um aperfeiçoamento da família. E os pais, confiando os filhos à escola, não podem renunciar ao seu direito inalienável de educar mas somente o delegam, na medida reclamada pelo bem dos filhos e da coletividade.

OS MESTRES, MANDATÁRIOS DOS PAIS

Realmente, se a educação dos filhos é um direito natural e intangível da família, as pessoas associadas a esta obra educativa, mestres e dirigentes dos institutos escolares, são mandatários e representantes dos pais. E como a escola tem essencialmente uma função educativa, escolher uma determinada escola significa preferir uma certa forma de educação escolar: informada de especiais princípios pedagógicos, morais e religiosos. Decorre daí um primeiro e fundamental aspecto da liberdade escolar: a livre escolha da escola por parte dos pais. Os direitos da família são anteriores e superiores aos do Estado e da comunidade política que se constitui pela união de famílias existentes antes dêle.

Não reivindicamos o direito de educar somente para os pais católicos; aos adeptos de qualquer crença e mesmo às famílias pagãs assiste êle igualmente, com fundamento nas razões apontadas. O monopólio estatal do ensino é um violento atentado a prerrogativas insuprimíveis da família.

A PALAVRA DOS PAPAS

Multiplicaram os Sumos Pontífices nos últimos setenta anos as manifestações do seu magistério sôbre êste ponto. Ainda há poucos meses, em novembro do ano findo, Pio XII, falando ao 1.º Congresso Internacional das Escolas Particulares da Europa, insistiu: «Um Estado que atribui a si exclusivamente a tarefa da educação e proíbe aos particulares ou aos grupos independentes de assumir nesse setor responsabilidade própria, manifesta uma pretensão incompatível com as exigências fundamentais da pessoa humana. Assim a idéia da liberdade escolar é admitida por todos os regimes políticos que reconhecem os direitos do indivíduo e da família» (Oss. Rom. 13-11-57).

O MONOPÓLIO E OS REGIMES TOTALITÁRIOS

O monopólio estatal do ensino é tese essencialmente totalitária e antidemocrática. Nos países satélites da Rússia, os dirigentes so-

viéticos iniciaram, em todos êles, a supressão dos direitos políticos e a perseguição religiosa com o fechamento das escolas da Igreja. Hitler, desde 1935, movimentou a tremenda máquina publicitária do nazismo contra as escolas confessionais, até sua total extinção. Mussolini, em 1929, preparou o golpe destruidor do ensino particular na Itália e foi esta a ocasião que motivou a publicação da monumental encíclica de Pio XI «Divini Illius Magistri», verdadeira Carta Magna da educação cristã da juventude.

A socialização dos meios de produção, postulado básico do comunismo, estabelece e firma a tirania econômica do Estado sôbre os cidadãos e trabalhadores; espoliação pior, em certo sentido, vem a ser a socialização ou monopólio do ensino, porque escraviza as inteligências ao Estado que pretende impor aos súbditos a opinião de alguns poderosos do momento sôbre o sentido e a orientação da vida.

TENDÊNCIA GENERALIZADA

Observamos que em tôda parte, não só nos países totalitários, os povos como os indivíduos acham-se em nossos dias constantemente ameaçados pelas tendências crescentes do Estado moderno de impor a sua dominação absoluta em quaisquer setores da vida e das atividades humanas. O perigo de tornarem-se totalitários constitui tentação permanente dos governos em nossos tempos. Êsse totalitarismo está dentro da lógica do materialismo e da negação da vida espiritual. E' um método muito cômodo para o govêrno. Mas, não corresponde à justa concepção do homem e menos ainda ao conceito cristão do Estado.

Se, pois, negamos ao Estado o direito ao monopólio escolar, que erradamente êle se reivindica, temos a certeza de dar uma contribuição preciosa e talvez decisiva à vida cultural do nosso povo, ao seu livre desenvolvimento democrático no sentido mais verdadeiro da palavra. Na defesa da liberdade escolar a luta dos católicos deverá ser decidida e sem tréguas. O sr. Anísio Teixeira e seus colaboradores pretendem possuir um sistema ou método educativo próprio, que não é seguramente o que precisa e aplica a Igreja.

GLÓRIAS E FALHAS DO ENSINO PARTICULAR

Não tem fundamento a campanha de descrédito que alguns funcionários do Ministério da Educação movem contra a escola livre ou particular. Haverá certamente deficiências e abusos. Mas, porventura não existem êles nos estabelecimentos oficiais? As repetidas exortações de Pio XII e inúmeros documentos episcopais demonstram vivamente quanto a Igreja se preocupa com o aperfeiçoamento do ensino católico e a atualização dos métodos didáticos.

Centenas de milhares de pais e mães, em todo o território nacional, fazem pesados sacrifícios para enviar os filhos aos insti-

tutos educativos fundados e mantidos pela Igreja ou outras entidades particulares. Pensam êles sôbre o ensino livre de modo diferente do Sr. Prof. Asísio Teixeira e seus companheiros. Acusam êstes o ensino livre de mercantilismo e promotor ou conservador de desigualdades sociais. A generalização é inteiramente injusta. Concordamos em que aquêles que, ao abrir um estabelecimento de ensino procuram montar um negócio rendoso, não devem obter proteção do Estado. Mas, os abusos são exceções. Quem não observa que eventuais economias ou lucros dos colégios católicos são apucados em benefício do próprio ensino, isto é, em prol das obras de formação dos futuros mestres, ou na ampliação dos estabelecimentos e na construção de outros novos?

ALUNOS RICOS E POBRES

Serão as escolas particulares para os ricos? Nos estabelecimentos públicos estudam pessoas abastadas da mesma forma como nos colégios particulares. O Ministério da Educação e Cultura, como é indeclinável obrigação de justiça distributiva do Estado, auxilie com suas verbas as aulas particulares para que se possam manter honestamente e as taxas escolares serão diminuídas ou abolidas. Em muitas ótimas escolas do interior, os pais pagam a contribuição ínfima de vinte cruzeiros mensais ao professor primário particular que não aufere do ensino o mínimo indispensável para sua decente subsistência. muitos professôres municipais vivem nas mesmas precárias condições. E' uma clamorosa injustiça que o Estado comete obrigando os pais, que desejam uma escola informada de determinações, princípios educativos, a pagar duas vêzes a taxa escolar, uma vez contribuindo para os impostos comuns, com que são mantidos os estabelecimentos públicos de ensino, e outra vez atendendo às justas exigências da escola particular em que os filhos estudam.

APREENSÕES E ESTRANHEZA

Os ataques velados e abertos que partem do Ministério da Educação contra o ensino livre nos suscitam graves apreensões e alertam a consciência cristã. Devemos estar a postos para a defesa de uma das prerrogativas mais caras e imprescritíveis de um povo livre. Neste ensejo, em nome da população católica do Rio Grande do Sul, interpretando sem dúvida também o pensamento dos adeptos das religiões evangélicas, com o devido respeito, manifestamos a nossa estranheza diante do fato de que o Sr. Presidente da República e o Sr. Ministro da Educação não tenham tomado decisivas providências para impedir o agravo que se está cometendo aos direitos da imensa maioria dos cidadãos brasileiros, que se conservam fiéis à fé tradicional, e em geral ao direito fundamental dos pais à escola de sua preferência.

EXCELÊNCIAS DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

A educação cristã, que a Igreja preconiza e exalta, enriquece a vida intelectual com conhecimentos técnicos e científicos, enrija o corpo pela cultura física, mas, principalmente, fortalece a vontade, forja caracteres, purifica e enobrece o coração, desenvolve e alimenta uma sadia vida de fé e de piedade. Uma escola sem ideal superior, uma pedagogia sem alma, um ensino sem preocupação educativa, seria um jardim sem sol, um lar sem fogão, uma lareira sem chama, um coração sem amor, um corpo sem alma, uma fonte sem jôrro de água cristalina, um canteiro sem flor, uma rosa sem matiz e perfume. O efeito e o resultado, intencional ou não, se as falhas não forem sanadas em outros ambientes, seria um pernicioso atrofiamento da obra educacional, uma subnutrição afetiva, um depauperamento espiritual da criança e do jovem, a caminho para a des-cristianização do povo e o bolchevismo econômico e moral. Deus preserve o Brasil da perda do seu mais opulento patrimônio, a alma cristã dos seus filhos.

O PÃO E A PALAVRA DE DEUS

No evangelho dêste domingo, o primeiro da Quaresma, escutamos as palavras com que o Salvador repeliu o tentador: «Não é só de pão que vive o homem, mas de tôda palavra que sai da bôca de Deus». A escola dará ao educando não sòmente o pão da instrução, o aprendizado de noções e conhecimentos, a habilidade profissional; ao pão natural do enriquecimento intelectual e da preparação técnica, é preciso acrescentar o pão do espírito, a formação da vontade para a vida da graça, segundo a palavra que sai da bôca de Deus. Para os indivíduos e os povos é êste o caminho do progresso, da justiça, da felicidade, do triunfo e da glória.

ARTE MODERNA

OLYNTHO SANMARTIN

A chamada Arte Moderna num sentido generalizado onde a cultura na sua substância, foi perturbada, quer na poesia, na prosa, na música' na estatuária e na pintura, deu margem a uma longa dialética e choques de opiniões que até hoje perduram.

Felizmente, entre nós, a poesia aquietou-se e vive sua trajetória inexpressiva como corolário evanescente do grupo paulista que ainda conserva um aroma consagrador por ser o marco histórico de uma falange pioneira. Vai, contudo, marchando para a categoria do saudosismo.

A prosa não encontrou possibilidades para criar novos padrões, e estagnou-se nas primeiras investidas desarticuladas enquanto que a música, com suas interpretações delirantes vai salpicando, raramente, o mundo inviolável da harmonia clássica.

Já a escultura e notadamente as artes plásticas, persistem na sua tentativa demolidora baseada em teorias que no metamorfismo da transladação para a tela, cai no vácuo da inestética sistemática.

Não são necessários conhecimentos especializados para precognizar que nos moldes apresentados jamais a pintura moderna como arte dominará a arte humanista que desde a antiguidade aos nossos dias vem evoluindo e se plasmando como cultura aprimorada.

Um acervo de ordem genial não poderá ser destruído nem diminuído por um sistema onde a cultura e a razão são eliminadas abdicando de qualquer intervenção emocional humana.

Enquanto certas modalidades apresentam motivos racionais, o cubismo, jogando as formas geométricas com o quadro visual, deu-nos o resultado de coisas espantosas que o surrealismo mais avançou de um modo herético.

Sôbre êsse tema, um ilustre homem de letras atualmente em Londres, em resposta a uma carta que lhe escrevi abordando a arte moderna, escreveu-me extensa epístola que considero um depoimento de alta importância cultural, principalmente como documentário crítico e de que passo a transcrever a parte que interessa ao assunto, ainda que para isso não esteja credenciado.

«E' uma impertinência desvairada insistir nesse deslize teórico da pintura moderna.

«A sua legitimidade não chega a promover conflito, tal é seu primarismo frustrado.

«Na própria música clássica que aplaca a ferocidade dos ani-

mais bravios, ouvindo certas composições modernas, por certo que há de multiplicar a fúria das feras. A irracionalidade é uma prova da triste observação. E' a desintegração da harmonia tomando o rumo da alucinação. Todo êsse borbulho sem expressão autêntica, cai pela indigência filosófica.

«Com isso não estou pensando no renascimento, na herança da antiguidade clássica, no rigor dos cânones acadêmicos, mas apenas na infantilidade como se pretende jogar e adulterar uma tão alta virtude que o gênio humano conseguiu edificar no convívio do mundo.

A prosa literária moderna mal chegou a nascer e pereceu. Subsiste apenas numa tendência de obscenidade. A poesia, sem significação, é diluída, sem que alguém dela tome conhecimento. A música tem claros e escuros predominando sempre os escuros. A escultura e pintura, fácil e de forma quase vil de ser exercida, persistem no seu malôgro. E' uma arte que ficará na história como arte falida, semelhantes a alguns nomes quinhentistas que pela sua mediocridade daquela época, hoje são lembrados com chacotas.

A beleza emociona sempre, seja ela rústica, bárbara ou nobre, dentro da natureza ou concebida pelo gênio do homem. Basta que haja qualquer manifestação de conteúdo espiritual para despertar os sentidos da emoção. O próprio artifício, quando elaborado com fundo estético, fixa-se como módulo emocional.

Tudo o resto é frio, vulgar, massa convencional informe, coisa morta, inexpressiva, sem caráter e sem vestígios de cultura. A arte moderna de profundo, só conserva a pequenez. A dialética, meu amigo, que em tôrno dêsse surto passageiro que tenta conturbar o espírito de uma geração incauta, não passa de teorias sem lógica, trivialíssimas, concitando o homem à prática de mediocridades lamentáveis.

O que por aí se vê lembra um esquife diante de oradores panegíricos que falam ao morto, dando a ilusão aos circunstantes de que o corpo inerte os ouve em silêncio, agradecido.

Quanta banalidade rotulada de arte provocando sorrisos íntimos dos próprios autores.

Na impossibilidade de criar nova técnica artística, porque o renascimento alcançou o limite da genialidade estética, contenta-se a nova escola a tentar destruir o que é indestrutível, tornando imperfeito o que deve ser e é perfeito, monstruoso o que é belo por forças irremovíveis da natureza.

E' a paródia grotesca dos ideais da espécie humana como se a eternidade pudesse ser limitada e explorada num devaneio turístico.

Quer estabelecer justificativas numa retórica de bases transcendentes para que o equilibrado, o que é percebido pelos sentidos seja tortuoso, inverídico, falso nas premissas fundamentais e vazio no planejamento da sua própria esterilidade. O sol será visto como

um retângulo negro, a noite uma massa luminosa. Inversão total e absoluta das realidades normais.

O que vemos, o que encontramos aí? Apenas um cataclismo artístico, um amontoado de incongruências que não emocionam mas que fazem rir, que não atraem mas que conduzem ao anedotário picaresco, que não lembram museus mas fazem pensar nos hospícios. E com isso o mundo artístico se diverte.

Não repare, meu amigo, êste conceito, mas quero ser franco nas minhas convicções: Digo-lhe que a arte moderna é um embuste primário, estética cínica.

Será isso tudo evolução, liberdade, fuga ao classicismo para alcançar uma estética mais apurada, mais genial?

Não posso admiti-lo nem mesmo como absurdo. E' apenas uma queda, um recuo todo decorativo para a vulgaridade, para o inferiorismo essencialmente obscuro, dissimulado por uma fantasia audaciosa e ludibriadora convertida em ascensão divinizada. Pura mistificação. Mito sem conteúdo, sem harmonia, tanto em sua imaginação como na sua plástica e suas bases. Rudimentarismo que fere a sensibilidade onde a ciência alcançou seu ponto máximo, enquanto que a arte tenta alcançar seu ponto mínimo. Eis o contraste.

Falta-lhe humanismo, não apresenta sequer um matiz de lógica artística, originalidade mental.

Há modernistas de classe e os que não possuem classe alguma mas que na fatura ostensiva da obra não se distinguem porque não existem linhas características. Tudo é uniforme, plano, vazio. Conhecem-se os de classe, não pela obra feita, que é lugar comum, mas pelos conhecimentos revelados individualmente.

E' o artista que o denuncia. E êste artista onde foi haurir seus conhecimentos, sua cultura, seu humanismo? Nas velhas escolas, nos bancos acadêmicos, dos grandes mestres, no classicismo, na fonte da verdade e autenticidade artística.

Depois dêsses estudos fundamentais é que deriva para as fantasias de uma anatomia mirabolante de tolices. Deriva para essa conduta por consciência apenas para tornar-se extravagante e atrair sobre si a atenção estupefata do público. E' um negócio que surge aparente, porque entre uma multidão de normais, o anormal que aparecer entre êles, se distingue sempre e a curiosidade se movimenta.

Ora, caro amigo, se o classicismo, tornou-se indispensável para a formação cultural do futuro modernista, como poderá êsse mesmo modernista a *posteriori*, ultrajar o clássico se todo o seu egocentrismo, o colorido sensorial, é puramente clássico e dêle se valeu e o hauriu longamente para poder ser o que é?

Nada me induz a contaminar-me, porque tudo é instintivo e espontâneo, com o que nos deixaram de sublime as artes plásticas e a estatuária do pré-renascimento. Com o advento renascentista, a genialidade latina converteu sua obra artística em epopéia eterna.

Mas nem sempre a arte é beleza pura. Estabelecer a fronteira dessas duas imensas magias da vida, não cabe a postulados, a preconceito. Há uma realidade consistente que domina o convencionalismo.

A humanidade que rosou no período da pedra lascada, certamente viveu, pela própria inconsciência da beleza hoje classificada, horas de selvagem emoção. Sentir a beleza sem compreendê-la, sem identificá-la, é o paradoxo das realidades viventes.

Estou me tornando eufórico com fluidos de ostentação erudita, mas desejo ainda externar num momento, algumas idéias sobre este tema.

Se quiséssemos convergir para o ângulo de uma análise profunda veríamos que a nova escola não chega sequer a ser intuição. O método é o nebuloso, o descontínuo e inorgânico, despido totalmente de objetividade artística. É um esforço doloroso contra a justa sensibilidade humana. Não forma volume nem patrimônio moral, apenas provoca crítica pela seriedade que pretende ostentar.

É uma puríssima simulação com os caracteres daquela que Teofrasto tão bem definiu há quase 23 séculos e que acabou convertendo-se hoje em charlatanismo pomposo. O próprio ideal é negativo, de excelente imperícia concepcional numa insensibilidade estacionária.

Falta-lhe ainda a vivência, a substância de sentido universal, o espírito que não só o classicismo exige mas a ética e a moral e que se sobrepõem às extravagâncias individualistas. Não possui alma, girando em torno de fórmulas reflexas.

O instinto artístico é uma norma que tem por finalidade criar. Mas o que será a criação? É um esforço mental onde se manifesta, com todos os requisitos determinados pela boa-cultura, a concepção objetiva. Nunca, porém, será um improvisado, uma invenção sem ligação de idéias.

O modernismo improvisa sempre e se há idéia é exatamente esta de conseguir o máximo do ilógico, do inverossímil, do deformado, do incompreensível, numa confusa terminologia de escolas difícil de distingui-las. Tudo há de causar mau estar, sofrimento e muita obstinação. É claro que nesta categoria não se classificam os moderados, que na pintura e escultura e na própria música e poesia, mantêm a linha profunda de tudo o que é natural. O superficialismo e a plástica de uma arte anedótica faz de uma possibilidade artística, uma realidade morta sem aquela riqueza interior preconizada por Hegel. É esse plasma de virtuosismo capaz de dar sobrevivência e alcançar a posteridade da história artística, que mais falta ao modernismo.

Não passa de uma degradação com as facetas de uma pusilanidade que mais a inferioriza. Devemos ser francos, meu amigo, e compreender, porque a lição é muito elementar, que para acertarmos essa diabólica anatomia precisaríamos criar um mundo no-

vo habitado por aquelas figuras, com aquela colossal natureza caótica, para assim fixar-lhe o caráter, o estigma de uma arte fantasmagórica, e assim deixaria de ser transitória, fútil, arbitrária e sem significação em tôdas suas dimensões.

Aí a sensibilidade, o talento, o engenho não seriam aviltados e o sentimento e vitalidade seriam adereços sem importância.

Se contemporaneamente o clássico é para os corifeus modernistas, simples cópia, uma imitação comum, será sempre uma imitação difícil de executá-la que só raros artífices a conseguem. O modernismo não passa igualmente de uma medíocre imitação solidária entre si com a evidente vantagem de ser fácil, trivial, que tanto pôde ser exercida por um gênio como por um néscio porque a cultura não exerce função alguma na obra surrealista.

Para justificar as observações dessa nova arte plástica, seus mentores imaginaram enfeitá-la com artefatos metafísicos classificando-se gnosticismo estético que só os taumaturgos poderão compreendê-la porque seus autores admitem sua existência mas *in foro conscientiae* dela nada entendem.

Se formos admitir de que a teoria está certa, teríamos que admitir também, para a interpretação do mundo cósmico, novas leis para favorecer seus princípios, e chegaríamos a essa conclusão desoladora de que o cosmo reje-se por leis que nunca existiram, rolando assim na vala comum do artificial, do inconsciente, da fraude, da fábula artística, de tudo o que é falso e falho de senso e sabor intelegível.

Caso houvesse um fundo estético plausível, o surrealismo como o cubismo do princípio do nosso século, o expressionismo e mesmo o abstracionismo, com certa boa vontade, seriam dignos de exame. Mas o que se encontra é exatamente essa aridez, essa estática, êsse encanto amorfo, fuga de atração, de integridade sentimental que são inatas no homem. Tal arte não pode ser apresentada a quem vive neste mundo, que só conhece êste mundo, que se abeberou da cultura dêste mundo ainda que destendida por diferentes épocas e civilizações.

Embora considerando a idéia surrealista de querer aproximar o quadro especial às evidências reais, seria louvável fazê-lo, porém com arte e não acredito e ninguém seriamente o admitirá, que isso seja conseguido com o processo até hoje empregado. Isso seria conseguido por meio de símbolos executados com muita arte, nunca com borrões e imagens truculentas que dilaceram o espírito. Êsse problema caberia pròpriamente à literatura, nunca à plástica disforme.

A geometria, afinal, foi a responsável pela criação dessa morfologia cabalística que Picasso lançou aos ares para ser colhida por qualquer criatura que quisesse tornar-se artista. Poderíamos resumir o fundamento do cubismo e derivações ampliadas, de que tudo não passa de uma fórmula filosófica capaz de formar um clã que

sòmente entre seus adeptos deve ser praticado e o seu entendimento, por um princípio de coerência, deve existir como puro convencionalismo porque nada há de essência capaz de comportar expressões estéticas humanas. A própria certeza do arrazoado é convencional num aturdimento incensato, onde o raciocínio funciona inversamente. E' evidente a incapacidade de atender às imposições, às solicitações do espírito. A exegese é apenas um testemunho que lhe dá alento porque sem ela tudo seria um ensaio banal sem a menor significação real, sem resposta às perguntas circunstanciais. Pura fragmentação de entusiasmos que desconhecem sua própria genese. Sente-se como está desprovida de sensações, de êxtase, de excelsitude, como uma falsificação do possível para atingir o caos do impossível. Sua maior preocupação é a do excídio, que lembra o desesperado que na impotência de criar se contenta em destruir.

Não se trata de um fenômeno evolutivo, mas de uma revolução discricionária onde a formação biológica do homem é fulminada como se intelectualmente êsse ato de rebeldia dependesse da vontade de grupos inconformados com a obra da natureza.

O essencial é romper, destruir, desintegrar a imagem visual que a natureza soberanamente nos premiou, para estabelecer outra desconhecida que os sentidos normais repelem *in limine* por faltarlhe tôda a razão humanística como se contudo isso coubesse, ao menos a idéia de uma sucessão ou evolução quando a linha mestra exige «decomposição irracional» dos expressionistas e «destruição analítica racional» dos cubistas, conforme esclarece Cirlot.

Exprime tão pouca seriedade que a classificação de interpretações e práticas técnicas tanto se assemelham pela sua falta de conteúdo, que o movimento de Zurich, levando a teoria de roldão, ficou em evidência, não um propósito revolucionário mas uma tendência de completa anarquia sem nem um respeito à divina arte.

Não podemos conceber que nas esferas celestiais ou no fundo da consciência do homem que pratica o surrealismo, sòmente exista o monstruoso sem vestígio algum daquela beleza que o mundo onde vivemos nos mostra a cada passo. O surrealismo, essa metáfora, essa experiência teórica, pura invenção para criar coisas potencialmente contrárias às forças imanentes da natureza que nos cerca, poderá pensar e até realizar formas geométricas estapafurdias mas nunca com o rótulo de arte. Simples artezanato *sui-generis* onde a sensação da beleza, a emoção da harmonia, são sumàriamente excluídas. E' apenas a arte da «boa vontade/ isto é, resignação em aceitá-la, santificando-a a um modo gnotíscita, num halo de mistério laical.

Não devemos também argumentar com o fato de alguns mestres do renascimento terem deixado em suas obras sinais surrealistas, quando é lícito compreender a verdade da análise de que a teoria modernista surgiu a *posteriori* a consagração daqueles mestres po-

dendo; assim, intencionalmente, adotá-la aos motivos encontrados na arte passada.

A própria intenção é vacilante, precária, um mito que se contorce em dispnéia e anseia em corporificar-se numa escola objetiva onde lhe falta o absoluto oxigênio de sobrevivência. O mundo cósmico não é brutal, nem grotesco e não possui figuras humanas e paisagens que se dizem nossas, isto é, que se movimentam ao nosso redor, que nós dão sensações e vida tumultuária e simultaneamente harmoniosa.

André Breton, o inventor, se assim o podemos chamar, da pintura exotérica e outros feitos literários que iriam atingir música e a literatura, sem conseqüências plausíveis, quis com seu «automatismo psíquico puro» inverter os fatores, destruindo a realidade para substituí-la por outra filosófica representada na pintura. Aí é que se encontra o impraticável como objetivo artístico onde falta persuasão, idéia psicológica, espírito documentário, sabor de unidade e extensão universal, de possibilidades e bases sólidas de eternizar-se no tempo e no espaço.

A preocupação inicial foi a do **sensacionalismo** sem preocupar-se com a estabilidade da nova doutrina e sua possível proliferação. A proliferação, no entanto, não foi alcançada, quer num prolongamento espontâneo quer mesmo em surtos forçados provocados e planejados.

O estilo anárquico desprovido de justa posição, cores e outros elementos de substância vital, criou um autorealismo que é o seu tremendo equívoco estético. Sentindo-se livre, pelo «automatismo» acabou instituindo leis pelas quais se apresiona. E' assim uma doutrina contraditória, insubsistente e inoperante. Sua prática não quer dizer existência, por ser inócua como objetivo artístico merecedora de atenção.

Que arte é esta, mesmo sendo estratosférica, que tem por lema odiar a perfeição, ridicularizar o ideal e desprezar a razão? E ainda que se ordene a valorização do primitivismo, da arte dos loucos, como se os loucos fôsem criadores de uma possível arte? A euforia doutrinalícia é sempre irracional, como o desconhecido. Será que no cérebro do homem existe o mundo cósmico capaz de exteriorizá-lo numa mancha de tinta? Que nova classe de semi-deuses quer impor-se quando manda substituir a **capacidade** pela **vontade**?

Evidencia-se uma efusão de palavras tentando extrair a síntese pitórica imaginada.

Por tôda a parte há manifestação de total desumanização. Um artista que vê às avessas tôdas as coisas da vida, que subverte intencionalmente a realidade das emoções, não pode ser normal, de raciocínio elementarmente justo. E' a distorção e a deformação premeditadas num processo equacionado de trivialismo mórbido. Artificio puro. Não vai além de um convencionalismo internacional ar-

bitrário que os críticos entendem regulamentar com retórica também artificial.

Senão vejamos, caro amigo. Quem vê as normas estéticas de um modo substancialmente contrárias aos ditames da razão que é uma lei natural imutável da criatura humana, todo êle deve ser um contraste radical nas sensações espirituais e fisiológicas. O amargo será doce e o doce amargo, a dor prazer e o prazer sofrimento, o calor frio e frio calor. Vestir-se é andar nu e assim todos os fenômenos biológicos constituirão um organismo fabuloso.

Por que serão apenas os sentidos estéticos que se subvertem? Haverá leis específicas que regem essa classe de emoção? Um monstro será uma imagem celestial para o biótipo de tais sensibilidades? E' o homem que se deturpa no supremo valor da personalidade.

O próprio cérebro não deve localizar-se no crâneo. A uniformidade física deve existir nos moldes da sua espiritualidade, para comprovação da arte apresentada como coerente.

Devo dizer-lhe que não alimento nenhuma prevenção com êste surto deplorável a que um grupo de exaltados querem arrastar essa arte apócrifa em detrimento da legítima arte. Apenas isso. Nem mesmo me cabe discutir obras técnicas de alguns franceses, o próprio impressionismo e em alguns casos o abstracionismo que não apresenta o espetáculo grotesco do cubismo onde não há vestígios de natureza e depois o surrealismo onde os problemas de forma e plástica são exclusivamente formalistas com o aparato de manifestações vivazes de metafísica. Nem sequer há retrações de equilíbrio sensorial e o sentido é o de regressismo a uma idade rudimentar, às cambalhotas, de acôrdo com o que decidirem os congressos, tentando convencer o mundo normal daquilo que êles próprios não estão convencidos, conforme conceituava um antropologista italiano do século passado sôbre os advogados.

Nada se encontra de esteticamente sugestivo e quando isso nos parece surgir, é que o artista, sem o perceber, caiu na realidade clássica, com seus motivos postos em relêvo.

Sem dúvida que tudo não passa de uma ficção com pruridos perturbadores. Se vive ainda é por mera tolerância dos curiosos, tolerância das instituições e tolerância da própria inteligência». Parece-me suficiente o que ficou aqui transcrito.

Há, ainda, muito a considerar sôbre a arte moderna e já existe em literatura um manancial apreciável sôbre o assunto que muito interessa a boa cultura universal.

Seria mesmo desolador que a pintura do futuro se convertesse nesse propósito de flagelar a imagem visual, violentando o pensamento criador e equilibrado, subjugando a idéia pura para aceitar o irreconhecível, de explosões bárbaras, e obrigando a penetração do inexistente como manifestações artísticas consumadas de puro sabor convencional.

Para êsse louvável movimento de renovação, faltaram bases

concepcionais amadurecidas afastando-se da órbita natural para tentar a realização de um sistema dito estético, precoce e arbitrário incapaz de criar raízes no mundo da cultura. Vive a flutuar isolado num corpo minoritário espantoso, numa superfície demagógica, sem esperanças de consagração pública. Sua continuidade depende apenas da vigilância constante dos seus pioneiros porque sua obra nada edificou até hoje e só desperta a curiosidade dos entendidos e desentendidos.

Ao ser criada essa duvidosa aurora artística não compreenderam seus chefes ostensivos de que simultaneamente originava-se um poente melancólico a envolver essa iludente madrugada revolucionária.

UM PERFIL INTELECTUAL DA NOSSA ÉPOCA

Pe. CARLOS BORROMEU C. PP. S.

A nossa época é herdeira da confusão intelectual que governa o ocidente desde o chamado liberalismo, um sistema intelectual «liberal» com todos, com exceção da Igreja e do Cristianismo.

O propagandista liberal mais intolerante com a Igreja foi Nietzsche no assunto da literatura e da filosofia moderna do Ocidente.

No setor da moral foi Sigmund Freud, o inventor da Psicanálise, o destruidor dos valores perenes da moral e o propagandista e responsável pela anarquia atual na vida sexual. O homem vive sob os complexos da sensualidade em pensamentos, palavras e obras, e não deve reprimir os desejos do ambiente sexual para não precisar abraçar os complexos angustiosos da força e da deformação. Assim Freud torna-se contrário ao sexto mandamento da lei sináitica: «Não pecar contra a castidade». Para resolver os problemas da sexualidade, Freud instala «Stuben des Vertrauens» — «quartos de Confiança», quer dizer um sistema de confissão medicinal. Sobre o sistema de Confissão Sacramental não sabia nada o autor da confissão medicinal. Esses «quartos de confiança» ganharam fama na batalha contra a mania dos suicidas na Capital Austríaca.

No setor da literatura moderna revela-se Stefan Zweig como bandeirante do espírito «moderno», mas não como mestre da vida, porque terminou a sua existência voluntariamente por desgosto, em Petrópolis.

Uma vez que Stefan Zweig tinha muitas relações com o Brasil e a sua literatura goza ainda de grande circulação, precisamos dedicar-nos mais amplamente com as suas idéias.

NIETZSCHE E O OCIDENTE

«A Europa presente não tem idéia, qual decisão terrível será resolvida pelo meu pensamento, a que roda de problemas eu estou amarrado; que está se preparando uma catástrofe, cujo nome eu já conheço mas que não pronunciarei».

E a catástrofe visionada por Friederich Nietzsche foi realizada pelos cabos da sua ideologia infernal: Hitler e Stálin.

Nem Hitler, nem Stálin foram capazes se quiserem de uma única idéia própria, o seu sistema de Herrenmenschen (homens se-

nhores) e da sua moral de além do bem e do mal é literalmente imitado das idéias de Nietzsche, do autor: «Assim falava Zarathustra».

A destruição da moral cristã por Freud é grande, mas não comparável com as idéias messiânicas da Herrenmoral (moral dos senhores); no ambiente de Hitler, realizado pelo racismo germânico e no ambiente moscovita pelo sistema do predomínio absoluto do Kremlin em todos os setores da vida.

O tamborista de Braunau, Adolf Hitler, tirou as bases do seu Terceiro Reich com esperanças messiânicas do Uebermensch (homem superior) de Nietzsche. Toda a miséria desde 1933 para cá é escrita por conta do visionário demoníaco.

Não conseguiu a destruição do cristianismo, como planejava mas conseguiu uma aversão intrínseca e integral às idéias sobrenaturais, a Deus, à salvação e à Santa Igreja Católica Apostólica Romana. «Umwertung aller Werte» — Transformação de todos os valores — eis o ideal nietzscheano.

Joseph Goebbels, o propagandista fanático de Hitler adotou o lema ideológico do seu padrinho: «Com um riso vamos destruir o que adoramos até então, e vamos adorar daqui por diante o que destruimos até agora».

Nietzsche nega o cristianismo por completo, tolera umas idéias apenas para o domínio da massa sem nome, sem genealogia, sem nobreza, sem direito à «Herrenmoral» (moral dos senhores) e dos Uebermenschen» (superhomens).

Nietzsche nega a cultura grega, a mãe do Ocidente em assuntos de «Weltanschauung» (filosóficos), nega a cultura romana e o seu trabalho jurídico, que tolera apenas para os escravos, nega o trabalho cultural cristão de dois mil anos, para abrir o caminho ao novo tipo de homem, com nova concepção filosófica e moral (sem moral), com nova «Weltanschauung» da esperança do advento do «Uebermensch».

Nietzsche chama-se mesmo «um fugitivo errante» que deixou o terreno seguro do lar paterno.

Ódio contra o cristianismo, ódio cego, ódio infernal, como se revela em seu ensaio «O nascimento da tragédia pelo Espírito da Mística» (1872).

Neste ensaio nem fez referência à mística medieval, tão rica em representantes germânicos, nem de Seuse, nem de Auler, nem de Gertrude, nem de Margarida Ebner.

E em 1883 escreveu de Roma, onde procurava uma residência «Finalmente contentei-me com a Piazza Barberini, depois fiquei cansado em procurar uma região anticristã...»

Nietzsche condena:

a pregação do além — Predigt des Jenseits,

a concepção nobre da fraqueza — Nobilitierung der Schwache,

a glorificação da compaixão e da humildade — Verherrlichung des mitleids und der Demut, contra o ideal cristão — O Herrenmoral — moral dos senhores autônoma além do bem e do mal.

Na idéia de Nietzsche, o cristianismo quebra:

os fortes,
rouba a sua coragem,
aproveita-se do malestar e das fadigas dos homens,
transforma a intranquilidade e certeza em dúvidas e escrúpulos,
intoxica os sadios, que se mudam em doentios, raquíticos, anêmicos,
a sua própria vontade vai ser suspensa e virada contra eles mesmos,
que vão ser finalmente quebrados e escravizados pela luxúria da auto-destruição.

Por consequência exige destruição completa e integral do cristianismo até a lembrança do cristianismo deve ser arrancada da alma e da memória da humanidade.

Nietzsche chama êste processo; Entmachtung — Suspensão do poder da moral cristã que é na sua concepção a fonte de todo o mal — neste mundo. Um ódio infernal revela-se nas idéias de Nietzsche, mestre prototípico de Hitler e Stálin e de muitas seitas norte-americanas.

Misericórdia e humildade não servem mais ao dicionário nietzscheano.

«Deus é morto...» — Não há redenção, senão auto-redenção, pela vontade fanática no poder dos superhomens.

Não há pecado original, não há inclinação ao mal, só há superhomens, e homens da massa (a canalha) sem nome, sem nobreza, sem genealogia.

As câmaras de gás e de torturas hitleristas e stalinistas, as libertações da Hungria e da Polônia em nossos dias, sem misericórdia, sem idéia de justiça revelam a visão do poder do superhomem fanático de Nietzsche. Assim tornou-se Nietzsche o trágico profeta do materialismo desenfreado e do ateísmo mais consequente da época moderna.

STEFAN ZWEIG, VÍTIMA DA IDEOLOGIA PESSIMISTA

Stefan Zweig, o escritor conhecido e estimado no mundo civilizado teria festejado aos 28 de Novembro o seu 75.º aniversário e sem dúvida teria completado a sua obra literária.

Colecionador de bom gosto, conhecedor das obras artísticas históricas de Salzburg, da terra de Mozart, daquele recanto paradisíaco, de que fala tantas vezes em suas cartas. Com maior cuidado tinha organizado a sua coleção de autógrafos. O seu catálogo de autores

e de músicas foi único nas terras civilizadas da Europa prenazista, a escrevaninha de Beethoven foi no centro da sua residência literária de Salzburg, na casa rural sôbre a cidade dos Alpes.

A Stefan Sweig pertence a honra de ter realizado a maior coleção de autógrafos musicais do mundo.

Na vida de Zweig revelam-se duas contradições da época nazista: O Judeu e o alemão. Ambas as raças privilegiadas por virtudes e habilidades excepcionais, ambas com planos totalitários desde muitos tempos, ambas espalhadas pelo mundo, estimadas pela pontualidade e pelo caráter, mas ambas não bem vistas pelo rigor intrínseco.

As duas raças, já na época pré-hitlerista em luta, esquecendo-se que a união de ambas teria tido o resultado mais benéfico para cada raça e para o mundo.

Stefan Zweig tornou-se vítima dessa desunião das raças germânicas e judaica. Ao sair da Áustria deixou a sua bagagem literária histórica, deixou a sua raiz no morro sôbre Salzburg. Como Judeu nunca tinha encontrado contacto mais íntimo com o mundo cristão, tão ligado ao ambiente de Salzburg. Tantas vêzes tinha passado pelo Convento dos Frades Capuchinhos, tantas vêzes tinha visitado a câmara dos defuntos, o «Karnor» dos Frades e tinha recitado o «Memento Mori» da Fé Cristã e da finalidade da vida além da morte.

O teatro de «Jedermann» na praça da Catedral de Salzburg não tinha uma impressão mais profunda na psicologia do poeta adorado no mundo inteiro. «Jedermann» (cada um de nós) o protótipo do homem problemático na sua peregrinação do mundo para uma finalidade certa ou incerta, conforme a concepção filosófica (Weltanschauung).

Quantas vêzes Zweig assistiu com entusiasmo a essas representações, mas em 1937 já tinha perdido o prazer da vida ou falando em palavras de Nietzsche: a vontade de viver.

Zweig não podia mais se conformar com uma vida sem Salzburg, sem este ambiente tão afetuoso à alma de poeta. Quem estudou na Universidade, na alma máter salzburgensis não e nunca mais pode se esquecer do bêrço natal de Mozart, dos Alpes, do panorama singular.

Muitos tinham de deixar este cenário paradisíaco diante da invasão nazista, e procurar uma nova oficina para as suas idéas em outros cantos do globo terrestre. Amadores de Salzburg, natos e de coração ficaram espalhados pelo mundo inteiro, tanto civilizado como nas florestas virgens do Rio Mar e afirmaram a vida, lutando contra mil dificuldades e contra «Heimweh» (mal da saudade pelo lar, pela terra natal).

Na bela cidade serrana das hortênsias achou Zweig um asilo provisório, mas a sua alma intranquã nunca tinha encontrado o seu «Standort», o seu quartel fora ou longe do querido ambiente

de Salzburg. Nem a Matriz de estilo gótico de petrópolis lhe podia dizer alguma coisa. Nem tinha encontrado o caminho para a grande austríaca Dona Maria Leopoldina, até então hospedado no Mausoleu dos Frades Franciscanos no Largo da Carioca do Rio de Janeiro daqueles Frades que em maior número falaram o idioma de Zweig. A sorte de Maria Leopoldina podia aliviar as angústias do Danúbio, a saudade tremenda.

Sem fé em um ente supremo parecia a situação do mundo a desesperar. E essa fé faltava ou foi congestionada pelas impressões de todo diferente da querida cidade de Salzburg. Nem mais as hortnêcias de Petrópolis lhe valiam muita coisa. Falamos com Stefan Zweig em Belém do Pará, na orla do Rio Mar, em frente de numerosas ilhas, cobertas com matas virgens, terras até então desconhecidas por êle.

Lá nasceu a idéia da obra «Brasil, terra do Futuro», obra bem aceita pela crítica, obra com intuição singular, obra citada e abraçada pelo mundo literário.

O Brasil, terra do Futuro, e o poeta e escritor com as concepções mais funestas pelo desgosto pela cultura e civilização. Nem a mata virgem, nem o cenário do Rio Mar lhe podiam mais restituir a esperança pelo valor da vida individual. Com atenção ouviu os trabalhos feitos pelos missionários austríacos no Rio Mar na véspera da expulsão pelas leis pombalinas, precursoras das leis hitle-ristas, e êsses heróis afirmaram a vida, não capitulando diante uma realidade crua e dura.

Zweig não agüentava mais a prova da fôrça (Zerreissprobe). A sua fuga da vida deixou a sua obra literária incompleta, faltam as obras da véspera do setuagésimo-quíntenário.

Não lançamos uma pedra. Pedimos o Requiescat in pace. Mas lamentamos a falta de alguém que teria de dizer alguma palavra também à nossa época.

LE TEST DES PYRAMIDES DES COULEURS ET LES RÉSULTATS CLINIQUES OBTENUS

HILDEGARD HILTMANN

(De l'Institut für Psychologie und Charakterologie an der
Universität Freiburg/Beisgou, Direktor: Prof. Dr. R. Heiss)

I

INTRODUCTION

Au début environ de notre siècle, les recherches dans la psychologie expérimentale ont commencé à s'occuper de la question de l'importance psychologique des couleurs. Auparavant, les recherches avaient montré la difficulté de bien différencier entre le sens psychologique des couleurs et leur signification symbolique, traditionnelle, esthétique et culturelle. Ce problème est venu de ce qu'on a attribué aux couleurs d'autres valeurs où s'est trouvé aussi un contenu psychologique. L'on en trouve un exemple dans la Grèce ancienne, où, selon la tradition, les quatre couleurs (rouge, jaune, bleu-noir et blanc) qui symbolisaient les quatre éléments cosmiques — s'accordent avec les différents caractères humains: sanguin, colérique, mélancolique et phlegmatique.

Dans la première moitié de notre siècle on a rassemblé beaucoup de connaissances au sujet de l'importance culturelle et psychologique des couleurs. L'on a étudié les couleurs sous le point de vue artistique, esthétique, et aussi psychologique.

En 1911 DAVID KATZ (9) était parmi les premiers qui ont démontré que les théories classiques des couleurs (YOUNG-HELMHOLTZ, HERING) ne suffisaient pas à expliquer des phénomènes tels que la synesthésie et la perception des couleurs dans l'espace, autour d'un objet, et adhérents à une surface.

Une année plus tôt, WELLS (23) avait constaté dans son oeuvre sur la question des spécifiques traits affectifs des couleurs, que les relations entre les couleurs et l'affectivité étaient générales et constantes: «Un stimulant a de valeur affective qui reste constante, n'importe quelle attitude subjective qu'ait la sensibilité envers ce stimulant».

Cette hypothèse, qui se base sur la psychologie physiologique classique même, a été réfutée plus tard par de diverses preuves expérimentelles.

L'idée que les couleurs n'ont qu'une signification non-individuelle, c'est à dire générale, s'est tout à fait renversée en 1921, quand RORSCHACH (18) les a données une part fondamentale dans son test de la personnalité.

Puis d'autres tests sont venus qui se sont occupés des relations entre la personnalité, surtout l'affectivité, et les couleurs comme stimulants affectifs. L'on a pris de plus en plus d'intérêt à observer l'emploi des couleurs dans le dessin, surtout dans les dessins des enfants. En 1950 on a introduit une méthode nouvelle où on n'a donné aucun instrument tel que crayon, pinceau, ou plume, mais seulement des couleurs (Finger Painting). (7) Une année plus tôt le LOWENFELD Mosaic Test (11) et le LÜSCHER Test (12) se sont publiés. Tandis que dans le Mosaic Test le point capital c'est l'arrangement formel des carrées de bois colorées, dans le LÜSCHER Test ce n'est que les couleurs et les combinaisons des couleurs qui servent à montrer la personnalité. Dans le Test des Pyramides des Couleurs, publié en 1950, (14) et les couleurs et leur arrangement formel y prennent part.

Ces quatre tests: RORSCHACH (et le BEHN et le Z), (26) (27) (28) le Mosaic, les méthodes LÜSCHER et les pyramides des couleurs, emploient les couleurs comme stimulants pour révéler l'affectivité — bien qu'en diverse façon. Dans le dit d'interprétation des formes — on devrait dire «interprétation des formes et des couleurs» — dans le type du RORSCHACH, paraissent de verbales réactions affectives envers les taches d'encre colorées; dans le LÜSCHER, on les voit dans l'arrangement subjectif des couleurs préférées et refusées. Dans le Mosaic, les couleurs n'ont qu'une signification secondaire auprès de l'arrangement spontané des formes. Dans le test des pyramides des couleurs, les couleurs que choisit l'examiné dans la série des couleurs standard, et l'arrangement dans la pyramide des carrés choisis, donnent les indications sur les particularités et les structures qualitatives, les processus, la stabilité et la maturité de l'affectivité.

En 1950 MAX PFISTER (14) a publié les premières informations sur le test des pyramides des couleurs, qu'il avait inventé. Sa méthode a été comme suit: on a donné à l'examiné un tas de petits carrés de papier de divers couleurs, tout en désordre. Il a dû choisir quinze carrés et les placer et coller sur le dessin d'une pyramide à cinq étapes et quinze cases, pour l'effet produire qu'il a trouvé le plus agréable et convenable — en un mot: le plus joli. PFISTER a trouvé que le choix des couleurs et leur arrangement dans le dessin de la pyramide, ont laissé voir des relations avec la personnalité de l'examiné, qu'on a pu interpréter psychologiquement. Ainsi il a développé la première évaluation psychodiagnostique de ce test. Plus tard, HEISS et ses collaborateurs (4) (5) ont développé la procédure du test comme suit: l'examiné doit construire trois jolies pyramides et les mettre en ordre de préférence. Plus récemment encore, ils ont

ajouté à la tâche trois pyramides 'laidés' à construire — c'est à dire pyramides qui ne plaisent pas à l'examiné. Cette procédure du test suit ce certain principe de séries, qui tient compte de l'effet de la répétition des stimulants, plus au moins variée, comme, par exemple, dans le RORSCHACH et le BEHN et le Z Test (les uns avec dix tables, le Z avec trois) et dans le Thematic Apperception Test (avec vingt tables). Dans le test des pyramides des couleurs, on a réduit les carrés de papier à une série de couleurs standard comprenant vingt-quatre nuances de dix couleurs; les valeurs de norme (22) dépendent de cette série de couleurs.

Depuis notre première publication nos expériences et celles des autres personnes qui travaillent avec ce test ont suggéré qu'il serait peut-être possible de réduire la série de vingt-quatre couleurs encore une fois et de n'employer que dix ou quatorze couleurs. Actuellement on fait des expériences avec des séries de dix et de quatorze couleurs qui semblent convenir au test.

II

DÉSCRIPTION DE LA PROCÉDURE DU TEST RENSEIGNEMENTS GÉNÉRAUX

La procédure du test des pyramides des couleurs est aussi simple que possible et coûte très peu de temps et de matériel. L'examiné a l'impression qu'il joue avec des couleurs, et ne s'aperçoit que vaguement peut-être de l'obligation psychologique. On n'a besoin d'aucun grand effort de l'intelligence, d'imagination ou de l'activité pour pouvoir choisir des couleurs selon son goût subjectif et son plaisir, et pour en construire la pyramide. Par conséquent, le test n'a aucune limite d'âge. On peut le donner même aux petits enfants, où on désire faire des renseignements sur les phases du développement psychique. C'est applicable aux gens de tout âge, même aux gens âgés où il saisit les signes caractéristiques du processus de l'involution affective. Même ceux qui ont de très fortes inhibitions, et qui ne s'exposent bien dans d'autres tests, accomplissent d'habitude cette simple tâche, se « jeu de couleur's ». Les refus à faire le test, dont la raison est peut-être que « c'est un ridicule jeu d'enfant » sont le plus souvent à enlever sans difficulté. Les embarras, les inhibitions et les refus qu'on ne peut pas écarter sont très rares dans ce test.

Le spectre diagnostique du test renferme le champ suivant: la faculté de réaction et l'assimilation des expériences affectives, les qualités est les structures de l'affectivité, leurs façons de se dérouler et de se manifester, — tout ceci uniquement en ce qui concerne la partie formelle et structurelle de l'affectivité. On peut ajouter à ces possibilités, si importants dans le diagnostic de la personnalité,

d'autres, telles que le diagnostic du contact et de la conduite sociale, et de l'état de la maturité émotionnelle.

La stabilité du test a été statistiquement vérifiée au moyen des Test-Retest méthodes, e avec l'assistance de la méthode chi-carré. Les coefficients des corrélations des choix des couleurs se trouvent entre .66 et .86, et ceux de la constance variabilité entre .51 et .79. Ça veut dire que la plupart des corrélations dépassent significativement ou très significativement la limite nécessaire pour la stabilité d'un test. Il s'ensuit, donc, que la stabilité du test tout à fait assurée.

On a souvent mis à l'épreuve la validité du test, expérimentalement, en clinique, et au moyen des études des cas. En général, quant au diagnostic de l'affectivité de personnes normales, et aussi des désordres et des troubles émotionnels, déterminés par la névrose, par des troubles psycho-somatiques et par les phases spécifiques du développement de l'enfance (Gestaltwandel, puberté), les résultats sont satisfaisants. Le test différencie entre deux grandes groupes, la groupe 'abnormale' et la groupe 'normale', collectivement et individuellement significative. (2) L'hypothèse, que dans la groupe abnormale le test peut séparer la structure spécifiquement psychotique de la structure non-psychotique n'est pas à présent confirmée.

Le test convient bien à être donné le premier parmi une batterie de tests. Des répétitions, données assez rapidement, l'un après l'autre, produisent des renseignements d'une grande valeur sur le processus de l'affectivité, particulièrement sur les phénomènes de la sursatisfaction (Sättigungsphänomene) affective comme réaction de stress, et les dispositions aux crises affectives. (24) Des répétitions du test, faites quelques mois ou quelques années plus tard, peuvent montrer les développements spontanés, les processus de la maturation, les variations générales de la structure et de la dynamique de l'affectivité, aussi bien que les réactions aux choses vécues et aux traumatata. Le test est particulièrement propre au contrôle de la thérapie, parce que les répétitions du test son peu influencées par l'effet de l'habitude. Si l'on fait de nombreuses répétitions en très peu de temps (des heures, des jours, des semaines), on peut voir les effets et les désordres que cause le sursatisfaction affective.

III

LES INVESTIGATIONS EXPÉRIMENTALES ET CLINIQUES

A Fribourg nous avons réalisé plusieurs expériences pour éprouver nos premières hypothèses concernant les valeurs symptomatiques des couleurs.

Nous avons examiné les résultats de PFISTER, de même que nombre d'autres éléments concernant la psychologie des couleurs (13) — ainsi par exemple, ALSCHULER-HATTWICK (1) et des auteurs sur le «Finger Painting». De même nous étions en bonnes re-

lations avec LUESCHER; et pendant qu'il élaborait sa méthode et que nous développions le test des pyramides des couleurs, nous avons eu maints entretiens.

La différence entre le point de vue de LUESCHER et le notre se caractérise de la façon suivante: LUESCHER s'est appuyé sur une théorie spéculative à la base de laquelle se trouvent certaines hypothèses biologiques et psychologiques. Nous avons fondé nos hypothèses sur des investigations expérimentales et cliniques, et ceci fort conséquemment.

Nous avons fait, ou fait faire en partie 1.) des analyses statistiques; 2.) des analyses expérimentales; et 3.) des analyses cliniques. Nous y employâmes une casuistique large et intensive. Notre but est de trouver une théorie des couleurs psychologique, fondée sur l'empirisme.

Nos toutes premières hypothèses étaient d'aspect vague et général: Premièrement, les couleurs agissent sur l'émotionnalité, l'affectivité et les motivations émotionnelles du comportement. Deuxièmement, la préférence pour certaines couleurs ou leur dédainement nous renseigne sur la susceptibilité affective de réaction, sur les manières affectives de l'expression, sur la régulation interne de l'affectivité et sur les structures d'affects — en somme, sur les variations des motivations émotionnelles.

Ensuite nous avons fait des expériences au cours desquelles des individus furent transposés dans des états psychiques exceptionnels. Ceux-ci furent réalisés à l'aide de produits pharmaceutiques. Premièrement, la stimulation par un analeptique central dont l'effet correspond à celui de la Benzédrine ou de la Pervitine. (6) Deuxièmement, la sédation à l'aide d'hypnotiques. (19) Troisièmement, nous avons procédé à des expériences pour lesquelles nous avons provoqué la sursatisfaction affective. (24) Quatrièmement, nous avons examiné un groupe de personnes du type d'individus actifs et énergiques, doués de grandes capacités de rendement. (8) Dans tous les cas, nous nous sommes servis simultanément de groupes de contrôle.

Pendant les expériences pharmaceutiques, nous avons observé les règles de la permutation de l'ordre des expériences.

D'autre part, nous avons procédé à des recherches statistiques, afin de déterminer les valeurs de standardisation, leurs mesures de déviation pour les différentes classes d'âge, les valeurs chez des individus masculins et féminins et chez des individus de niveau social et culturel différent. (22)

En Finlande, des confrères ont accompli une analyse des facteurs, mais pas dans l'ordre standardisé du test (16). En ce moment, nous procédons à une analyse des facteurs dans les conditions de l'ordre standardisé. D'autre part, il existe une série d'observations cliniques réalisées en partie par notre institut. De même des études expérimentales psychopathologiques, (3) (10) (20) par exemple des

types précis de névrotiques sous l'effet de Mégaphène (un régulateur névro-végétatif du type du Largactil), sous l'effet du LSD (un médicament semblable à la Mescaline), et sous l'effet de Pervitine (un analeptique du type du Bencédrine). (25)

IV

LES HYPOTHÈSES D'INTERPRÉTATION POUR LES COULEURS

Avec ce qui suit, je compte exposer nos hypothèses d'interprétation pour les dix couleurs (rouge, orange, jaune, vert, bleu, violet, marron, noir, blanc, gris); les fondements expérimentaux et casuistiques et les déductions théoriques ne peuvent, bien entendu, être complets. Un aperçu des résultats est donné par le tableau suivant.

En lisant de haut en bas, à gauche les groupes expérimentaux et cliniques et de gauche à droite les dix variables des couleurs. Sur chaque ligne, l'augmentation de la couleur en question est indiquée par le signe plus (+), l'abaissement par le signe moins (—). Le signe (+) exprime l'augmentation de cette couleur en comparaison avec la valeur standardisée. Le signe (—), l'abaissement de cette couleur, en comparaison avec la valeur standardisée. Les valeurs de basés sont, à quelques exceptions près, vérifiées statistiquement de manière satisfaisante.

Basés sur ces résultats et sur des études des cas, nous avons développé les interprétations de couleurs que je veux présenter succinctement.

La couleur rouge :

La personne qui fait un choix excessif du rouge et ceci avec persistance, a tendance à répartir ses sentiments de manière plus ou moins indifférent. La susceptibilité émotionnelle de réaction est très large et ouverte à tout le monde. La tendance à réagir inopinément de façon émotionnelle est très accentuée en présence d'une irritation ou d'une situation quelconque. Son intérêt pour le monde extérieur, à ses attraits variés et ses conditions complexes est fort éveillé; les réponses émotionnelles s'effectuent de façon rapide, subitement et directement, dans le cas extrême, de manière brusque et fougueuse.

Ces manifestations ressemblent à celles du tempérament dit colérique.

Le rouge est une caractéristique signifiant que les désirs et les besoins émotionnels sont facilement excitables et ont tendance à s'assouvir immédiatement.

Celui qui dédaigne le rouge, ou l'évite, prouve que l'excitabilité et le caractère des réactions n'est pas si développé. Ceci ne signifie en rien que l'individu en question s'est détourné du monde extérieur

Table 1: LES RÉSULTATS DES CHOIX DES COULEURS CHEZ
LES DIVERS GROUPES EXPÉRIMENTALES ET CLINIQUES

Groupes cliniques	r	or	j	vt	marr	vi	blc	gr	n	bl
STIMULATION 4,5)	+	+	++	-	-	-	-	-	-	-
ENERGIE 8)	-	-	-	++	++	-	-	-	-	-
SEDATION (19)	-	-	-	++	++	+	+	-	-	-
SURSATISFACTION 24)	-	-	-	++	++	+	+	-	-	-
Delinquants sexuels	++	-	-	+	-	+	-	-	-	-
Prostituées	++	-	-	+	-	+	-	-	-	-
Schizophrènes; propriété générale	++	-	-	++	++	+	++	-	-	-
Epileptiques	++	-	-	++	++	+	++	-	-	-
" , calmés à l'aide de médicaments	++	-	-	++	++	+	++	-	-	-
Alcooliques	(+)	-	-	++	++	+	+	-	-	-
Psychopathes; propriété générale	+	-	-	++	++	+	+	-	-	-
Psychasthéniques	+	-	-	++	++	+	+	-	-	-
Individus insatiables d'activité (Hypertension)	-	-	+	-	-	+/	-	+	+	+
Degré d'inflexibilité IV (POPHAL) 15)	-	-	(+)	-	-	-	+	+	+	+
Névrotiques; propriété générale	-	-	+	-	-	+/	+	+	+	+
" anancastiques	-	-	+	-	-	-	+	+	+	+
" hystériques	-	-	+	-	-	-	+	+	+	+
" schizoïdes	-	-	+	-	-	-	+	+	+	+
" dépressifs	-	-	+	-	-	-	+	+	+	+
" anxiété, phobie	(-)	-	-	-	-	-	+	+	+	+
Névrotiques	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
" , sous l'effet de Mégaphène	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Névrotiques	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+
" , sous l'effet de Stimulants	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Névrotiques	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
" , sous l'effet de LSD	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Alcooliques chroniques, déments	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Résumé diagnostique	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

STIMULATION - EXCITATION
- E X T R A V E R S I O N -
ACTIVITÉ - ENERGIE

Labilité émotionnelles

Crises Mécanismes de défense

Contrôle — Sur-contrôle

dans sa totalité, mais en tous cas, d'un monde qui, pour lui, ne possède ni attrait, ni valeurs émotionnelles, ni propriétés stimulantes — pas plus dans le sens d'une valeur d'excitation que dans le but d'une décharge des tensions affectives.

Le rouge et le noir, les pourcentages de norme chez les adultes, sont en corrélation négative en particulier; de même dans la plupart des résultats cliniques collectifs. L'accroissement du rouge correspond, la plupart du temps, à une réduction du noir et inversement. Vou de cet aspect, il nous est facile de déduire une hypothèse d'interprétation pour

la couleur incolore noir :

le noir symbolise une fonction qui a non seulement pour effet d'écarter les excitations venant de l'extérieur, de restreindre l'attrait du monde externe, mais aussi de restreindre la décharge des émotions, et dans le cas extrême, de les paralyser.

Ceci correspond à la manifestation de la pseudostabilisation, mais simultanément aussi de la peur. Le syndrome «rouge normal ou réduit / noir accru» est caractéristique pour la coarctation extraversive du type névrotique ou pour la phobie. En général, ce syndrome représente, quoiqu'il en soit, la barrière contre les irritations venant de l'extérieur qui repose sur la répression (*Verdrängung*) de besoins, de désirs et de motifs émotionnels.

Le noir représente généralement un facteur d'inhibition de motivations et de réactions émotionnelles. Le choix naturel du noir — ni trop, ni trop peu — exprime cette mesure indispensable de répression que l'homme cultivé doit accomplir. Si le noir manque, nous voyons là un signe de favorisation du caractère émotionnel immédiat et du manque de contenance, précisément du fait que l'inhibition et la répression sont absents ou trop faibles. (Au lieu du noir, les couleurs gris et bleu peuvent jouer le rôle de facteurs de refoulement.)

La couleur incolore gris :

Le gris se présente sous le même jour en face de rouge en corrélation négative, mais uniquement dans le sens que lors de l'accroissement du rouge le gris diminue, mais non inversement.

Généralement, le gris ne fait même pas l'objet du choix chez la majorité des individus. L'absence du gris, tant du point de vue collectif qu'individuel, ne signifie pas grand'chose. L'augmentation de gris se rencontre, parmi tous les groupes cliniques, uniquement dans le groupe collectif des névrotiques. Il s'agit là d'un résultat fondé sur la statistique, correspondant à un groupe très étendu.

Des résultats casuistes ont confirmé la supposition que le gris, plus que toute autre couleur, correspond à ce mécanisme de défense qui nie la réalité (négation dans le sens de S. FREUD). Parmi les enfants jeunes, chez qui se développe le contrôle de la réalité, l'on rencontre la négation sous sa forme naturelle de l'évolution du Moi.

Parmi les adultes, les cas de névrotiques, où la négation constitue un élément essentiel de leur travail de défense, sont rares. L'accroissement du gris laisse apparaître des traits hystérisiformes chez des personnes sujettes à la névrose ou névrotiques empruntées de désirs instinctifs prononcés et de la défiguration perceptive caractéristique nommé «mythomane».

La couleur incolore blanc :

En considérant finalement sous ce même aspect la troisième couleur incolore, le blanc, nous percevons ceci: Entre le rouge et le blanc, il n'est guère possible de constater, parmi les groupes analysés, un parallélisme ou un antagonisme des quantités de pourcentage. C'est ainsi, par exemple, que le blanc s'accroît en présence de sursatisfaction affective, dans le groupe collectif étendu des psychoses schizophrènes, chez les épileptiques, chez certains types de psychopathes et de névroses, etc.

En général, le blanc ne fait même pas l'objet du choix chez la majorité des individus, — comme le gris aussi. La réduction du blanc a lieu par exemple sous l'effet de Mégaphène.

La signification fondamentale du blanc se laisse percevoir à partir des résultats des épileptiques, où le rouge se trouve également accru. Les épileptiques (surtout lorsqu'ils ne sont pas sous l'effet de médicament) se caractérisent par leur susceptibilité et leur irritation brusque qui peut les inciter à des actes de violence brutaux. Dans le cas extrême, ce symptomatisme agressif apparaît en discordance avec la personnalité, séparé, pour ainsi dire, de la personnalité.

Des phénomènes de discordance apparaissent également comme états passagers, notamment en présence d'épuisements tant psychiques que physiques, comme phénomène de la sursatisfaction, ou, à l'aide de médicaments, par le LSD. A l'état de discordance, une seule émotion peut s'approprier dynamiquement toutes les excitations affectives et les rendre brusquement manifeste. Ce processus de crise est connu sous le nom de «réaction-bascule» (Kipp-Reaktion). Cette réaction se caractérise par la décharge brusque, non motivée de l'extérieur, de tensions émotionnelles. La crise peut aboutir: ou bien à un symptomatisme agressif (brutalités épileptiques, par exemple) ou dans un symptomatisme dépressif (effondrement interne). Le dénouement d'un tel accès, s'effectue rarement dans «le calme équilibre».

Tout ceci est valable pour l'hypothèse d'interprétation du blanc, en ce qui concerne l'accroissement, cela va de soi.

L'accroissement simultané du blanc, du rouge et du gris caractérise l'état de conflit du type hystérisiforme: irritabilité aiguë avec tendance à des accès, simultanément négation des exigences réelles du monde extérieur. Dans ce cas, le dédainement de l'orange et du jaune vient s'ajouter fréquemment, comme symptôme de la suggestibilité.

La réduction simultanée du noir, du gris et du blanc se représente comme propriété complexe caractérisant l'évolution imparfaite de certaines fonctions du Moi, en particulier des fonctions défensives. L'on a observé un affaiblissement des fonctions défensives du Moi en présence des types qui ne refoulent ou n'assimilent pas suffisamment les exigences des désirs; c'est pourquoi le comportement est motivé dans le sens négatif du point de vue social (les délinquants sexuels, par exemple). Des faibles fonctions défensives du Moi se rencontrent également chez le type hypertonique, insatiable d'activité dont l'agitation continuelle n'est pas toujours d'un effet positif du point de vue social. Finalement les individus aux capacités accrues, actifs et énergiques qui se comportent normalement et de manière positive, font apparaître également une sous-évolution des fonctions défensives du Moi.

L'absence des couleurs incolores indique d'autre part une immuabilité de la structure des affects et une maturité émotionnelle relativement imparfaite. Ces individus n'ont jamais réussi à vaincre leurs désirs infantiles, leur Moi est livré aux impulsions des désirs de manière plus ou moins passive. Chez les enfants d'âge scolaire moyen, ceux qui évitent les couleurs incolores représentent enfants impulsifs, à problèmes, difficilement éducatibles.

La couleur orange :

Indépendamment de la couleur type de l'excitation, le rouge, les couleurs orange, jaune et les teintes claires du vert font partie de la face extraversive de l'affectivité. L'orange et le jaune symbolisent des qualités émotionnelles fort diverses.

Les individus choisissant obstinément l'orange ont avec le monde extérieur les rapports précis résultant de la projection de leurs affects. Ils réagissent surtout en face d'attraits et de situations qui leur offrent la possibilité d'assouvir leurs désirs accentués, — en précisant: d'assouvir leur sensualité très développée. Fréquemment il s'agit aussi de l'accentuation d'un désir prononcé de dominer. Leur désir de dominer est à la base de la motivation qui les fait se croire supérieur en tous lieux. Ceci entraîne un certain comportement social. Ces individus peuvent déranger de par leur présomption et leur surestimation les rapports sociaux de la communauté dans laquelle ils vivent. Il ne leur est possible de s'entendre qu'avec des individus qui de leur côté ont une tendance accentuée de subordination. Ils ont également un penchant à se croire persécutés, à cause de la projection de leurs propres désirs.

L'accroissement de l'orange se retrouve dans la plupart des cas de mégalomanie (dans la paralysie progressive, par exemple), chez d'autres expériences délirantes (ainsi le délire de persécution des schizophrènes paranoïdes, pas dans tous les cas —), dans l'état d'ébriété causé par le LSD et parmi les adonnés à la boisson chroniques et déments. L'on reconnaît à ces symptômes que l'accroissement

de l'orange est manifestement caractéristique pour l'altération malade de la façon de réagir face à la réalité; et de même pour le penchant accentué à la confabulation (Syndrome de Korsakow des alcooliques, état d'ébriété dû au LSD). Ce trait devient évident, sous une forme moins prononcée, en présence d'individus stimulés expérimentalement (Pervitine) qui sous-estiment la résistance du monde extérieur en surestimant leurs propres capacités de rendement.

En négligeant l'orange, une suggestibilité accentuée s'annonce, et, simultanément une faiblesse de la conscience de soi-même.

Le choix normal moyen de l'orange caractérise les individus qui disposent d'une sensibilité prononcée et chaleureuse, ni trop excitable, ni trop apathique; sentiments modérés (non pas, comme en présence du rouge: réaction spontanée) et sentiments assimilables (par contre, en présence du rouge: agitation débordante).

La couleur jaune :

Un choix accru du jaune indique des tendances extraverties prononcées avec le concours d'une certaine faiblesse du résonnement émotionnel, basée sur une réfrénation (Hemmung) générale des forces d'impulsion. Ces individus supportent mal des frustrations de leurs désirs et besoins rares mais précis. Ils sont quelque peu revêches, irréguliers dans leur comportement. Leurs rapports sociaux sont guidés par des sentiments prononcés de sympathie et d'antipathie; des motifs très développés servent à des buts (objectifs et personnels) précis, d'autres contre d'autres buts non moins précis. Ainsi, par exemple, les névroses anancastes où le fait d'éviter ou de rechercher détermine les différentes formes du comportement. De même les individus qui écrivent avec un degré d'inflexibilité IV (POPHAL (15)). (Le degré d'inflexibilité IV dans l'écriture peut provenir de la faiblesse, de la tension aiguë ou par suite de certains troubles extrapyramidaux). Dans certaines caractéristiques graphiques, l'ambivalence apparaît également, qui provient de conflits non résolus et ancrés et qui caractérise les anancastes.

Chez les anancastes et certains individus qui ont des traits d'écriture rigide, le choix accru de bleu s'associe au choix accru de jaune (nous insistons ultérieurement sur le bleu). En ce qui concerne la connexion du bleu avec le jaune, j'anticiperai en précisant que l'accroissement du bleu représente la caractéristique du contrôle trop prononcé de soi-même, comme c'est le cas chez les individus qui ont des traits d'écriture rigides et en présence d'anancastes.

La préférence du jaune indique également la présence d'aspirations et d'ambitions précises bien développées, empreintes, certes, d'une tendance à l'intolérance.

En présence de personnes douées de qualités de chef, l'on retrouve le choix des couleurs jaune et orange, ou au moins, l'une

des deux. (17) C'est à quoi l'on reconnaît que ces individus possèdent simultanément quelque chose de la volonté de puissance et de l'idée exagérée de soi-même caractéristique à ceux qui préfèrent l'orange, et des ambitions précises de ceux qui préfèrent le jaune.

La caractéristique principale de la suggestibilité est représentée par l'éviction du jaune.

La couleur vert :

L'accroissement du vert implique généralement une intensité accrue des réactions et des motivations émotionnelles. La terminologie introduite par HEISS (5) pour la valeur symptomatique du vert «cumulation des émotions» caractérise cette situation. C'est le symptôme de l'accroissement de l'intensité du sentiment qui provient de la cumulation d'excitations affectives.

L'accroissement du vert indique une accumulation d'excitations affectives qui peut mener à arrimage d'affects. C'est pourquoi ceux qui préfèrent le vert s'adaptent émotionnellement plus ou moins bien; ainsi les tempéraments schizoïdes, les névroses hystéroides et, en général, les psychopathes. Le trouble des contacts d'homme à homme fait également partie de cette adaptation externe imparfaite, — même cas lors de l'éviction du vert. L'un et l'autre sont sujets à des troubles d'adaptation. Le choix prononcé du vert indique également une hypersensibilité, une susceptibilité aiguë, qui se présente lors de cumulation et de faibles décharges d'affects.

L'accroissement accentué du vert et du rouge se rencontre comme caractéristique psychopathe en présence d'individus impulsifs dont le Moi est faible et où l'on diagnostique un manque de contenance plus ou moins prononcé; la plupart du temps l'orange et le jaune sont réduits. En présence de prostituées, avec leur Moi faible, qui se laissent entraîner passivement par leurs désirs instinctifs, l'on rencontre de pair avec l'accroissement du vert et du rouge une réduction du marron.

Le choix moyen des teintes claires du vert indique l'existence d'une certaine mesure de stimulation extraversive, tandis que les teintes foncées indiquent l'intensité de l'émotion. En allemand il existe un mot «Gefühlstiefe/ (verbalement: profondeur de sentiments) qui exprime l'intensité du saisissement qu'un individu est capable de ressentir en face d'émotions et d'expériences vécues.

En présence d'un syndrome des couleurs qui apparaît accentué dans son intégralité chez les individus actifs et énergiques doués de grandes capacités de rendement, l'on rencontre à côté de l'accroissement du vert une augmentation du marron et du jaune, tandis que les couleurs incolores sont réduites. Ce résultat caractérise l'état affectif des individus actifs et énergiques: on va son chemin conscient du but à suivre (jaune), avec une intensité voulue (vert), force et persévérance (marron) et agit dépourvu d'inhibitions, adapté à la réalité et consciencieusement (noir, gris et blanc réduits); on

n'est pas enclin à la suggestibilité et ne se berne pas si facilement lui-même (abaissement du jaune et de l'orange).

La couleur marron :

Le fait de vouloir demeurer, persister dans tel ou tel état émotionnel est caractérisé par la couleur marron, de même la durée et la persévération de l'affect. Ainsi nous percevons à quel point ces individus sont peu influençables, de même les difficultés d'approche, la résistance, l'opposition présentée qui caractérise ceux préférant le marron. Ils font preuve de résistance accentuée en face d'excitations nouvelles et inhabituées. Ainsi en présence de la fatigue toxique, chez les individus adonnés à la boisson et chez les névroses hystérisiformes. Tous ces individus ont tendance à demeurer dans leur état d'affect et à opposer aux influences extérieures, même à la thérapie, un mur de résistance.

Le fait que les individus préférant le marron sont fréquemment liés aux traditions et qu'ils forment leurs idéals culturels à l'échelle de leur maison paternelle et de leur patrie est conforme au facteur de persévération émotionnelle. Ils défendent avec entêtement, parfois même fanatiquement, les formes et les idéals transmis contre les influences et l'irruption de formes de vie nouvelles qui leur sont étrangères. Par conséquent, indirectement le marron représente une caractéristique de la force du Moi.

La couleur violet :

Nombre d'individus sains et tout à fait normaux ne choisissent pas le violet. Ce sont généralement ceux qui émotionnellement et en tant que personnalité sont dépourvue, de façon relative, de différenciation et où les symptômes de troubles affectives ou névrotiques sont absents. De même le type de l'individu actif et énergique n'éprouve rien pour le violet. Or, les névropathes schizoïdes et anancastes évitent également le violet, mais font preuve de bizarreries plus ou moins grossières dans d'autres couleurs. C'est pourquoi l'absence de violet ne peut être interprétée a priori comme caractéristique du normal. Dans l'état d'obriété dû au LSD le violet est accru; de même lors de la sédation à l'aide de Mégaphène, de sursatisfaction affective et en présence de schizophrènes. Ces constatations projettent une image très complexe de l'augmentation du violet.

Celui-ci apparaît le plus compréhensible si on lui prête la caractéristique d'une labilité affective non spécifique. Par exemple: L'individu le plus sain et le plus équilibré accuse en présence de sursatisfaction affective des réactions sortant de l'ordinaire, telles que apathie, persévération, manifestation violente d'affects, affaiblissement du contrôle — l'accroissement du violet est, en l'occurrence, l'indicateur de la labilisation. Subjectivement, la labilité s'identifie sous une forme d'inquiétude, d'agitation sourde dont la

cause est souvent ignorée des individus eux-mêmes; dans le libre comportement l'on perçoit fréquemment une irritation qui apparaît non motivée. Ces manifestations ont inspirées les premières formulations de la valeur symptomatique du violet: «agitation endogène». Cette définition touche très exactement la notion de la labilité de structure des individus préférant le violet.

C'est de cette façon que l'on parvient à s'expliquer les divers résultats obtenus chez divers types de névrosés sous l'effet de Mégaphène et du LSD; à l'époque de l'analyse au moyen du test des Pyramides des Couleurs, la régulation et la stabilisation désirée thérapeutiquement avec l'emploi de Mégaphène, ne se manifeste que petit à petit.

La couleur bleu :

L'accroissement du bleu, accompagné la plupart du temps d'une réduction plus ou moins importante de l'extraversion, s'identifie comme caractéristique d'un contrôle (parfois même sur-contrôle) des affects inconscients, perceptibles en partie, de temps en temps renforcé par la volonté. Le sur-contrôle est le résultat d'une attitude défensive envers les attrait du monde extérieur et d'un système d'échappement économe d'énergies affectives. Les individus préférant le bleu se développent souvent sur un fond d'infériorité biologique, l'équilibre entre les tendances introversives et extravertives est mal établi, ce qui favorise les évolutions névrotiques. Ces dernières sont caractérisées par deux symptômes: premièrement, l'ambivalence, et deuxièmement, l'attitude négative prise en face aux attrait venant de l'extérieur, aux influences et aux différentes situations. L'effet est un sur-contrôle. Cet instance de contrôle, symbolisée par le bleu, et le couleur incolore noir, ont ceci de commun qu'elles impliquent toutes deux un empêchement et un entravement des excitations affectives.

Dans leur libre conduite, ceux qui préfèrent le bleu affichent ce distancement poli qui s'accompagne de conventions prononcées et de formes rigides. L'authenticité d'un sentiment ou d'une attitude leur est étrangère. Ces mêmes individus ont tendance à styliser leur personnalité et leur mode de vie. Ils sont des pessimistes par principe, dans les cas extrêmes ils sont «négativistes».

L'accroissement du bleu et celui du gris, pris ensemble, ressemble beaucoup au domaine de l'expérience vécue introversive. Chez les enfants, il s'est établi une corrélation positive nette entre le type introversif (authentique et dépourvu de chocs) du test de RORSCHACH et un accroissement du bleu et du gris dans le test des Pyramides des Couleurs.

Ce que je viens d'exposer est le résumé des résultats principaux de notre analyse expérimentale et clinique du test des Pyramides des Couleurs. Certes les couleurs de ce test ne représentent qu'une partie des variables employés. Nous disposons, en outre, de variables des espèces structurelles des pyramides («Formung»), et de variables de l'alternance des couleurs choisies («Verlaufsformel/»). Dans le diagnostic nous ne considérons pas uniquement la signification des couleurs, mais nous utilisons aussi les variables précitées.

B I B L I O G R A P H I E

- 1) Alschuler, R. H. & L. B. W. Hattwick: *Painting and Personality*, Chicago, III. 1948
- 2) Brengelmann, J. C.: *Psychol. Rundschau* (Göttingen) 1953, IV, 33-43, 165-173
- 3) Frohoff, W.: *Zeitschr. exp. angew. Psychol.* (Göttingen) 1953, I, 145-181
- 4) Heiss, R.: *Psychol. Rundschau* (Göttingen) 1952, III, 1-11
- 5) Heiss, R. & H. Hiltmann (Hrsg.): *Der Farbpyramidentest*, Bern 1951
- 6) Hiltmann, H. & R. Heiss: *Schweiz. Zeitschr. Psychol.* (Bern) 1950, IX, 441-462
- 7) Kadis, A. L.: v. Abt, L. E. & L. Bellak (Ed't.): *Projective Psychology*, New York, 1950
- 8) Karl, H.: *Zeitschr. exp. angew. Psychol.* (Göttingen) 1953, I, 524-567
- 9) Katz, D.: *Die Erscheinungsweisen der Farben und ihre Beeinflussung durch die individuelle Erfahrung*, Leipzig 1911
- 10) Kloska, G.: *Der Neurotiker im Spiegel des Farbpyramiden-Tests*, 1955 (sous presse)
- 11) Lowenfeld, M.: *The Lowenfeld Mosaic Test*, London 1954
- 12) Lüscher, M.: *Psychologie der Farben*, Basel 1949
- 13) Norman, R. D. & W. A. Scott: *J. Gen. Psychol.* 1952, 46, 185-223
- 14) Pfister, M.: *Psychol. Rundschau* (Göttingen) 1950, I, 192-194
- 15) Pophal, R.: *Die Handschrift als Gehirnschrift*, Rudolstadt 1949
- 16) Rainio, K.: *Ztschr. diagnost. Psychol. & Persönlichkeitsforsch.* (Bern) 1954, 2, 292-308
- 17) Rainio, K.: *Leadership Qualities, a theoretical inquiry and an experimental study on foremen*, Helsinki 1955
- 18) Rorschach, H.: *Psychodagnostik*, Bern 1954
- 19) Sauer, P.: *Experimentelle Untersuchungen über Ermüdung im Farbpyramiden-Test*, Phil. Diss. Freiburg (Brsg.) 1955
- 20) Siedow, H.: *Ztschr. diagnost. Psychol. & Persönlichkeitsforsch.* (Bern) 1958, VI (sous presse)
- 21) Spreen, O.: *Studien z. Diagnost. Psychol.* (Biel) 1955, 3, 79-120
- 22) v. Studien z. Diagnost. Psychol. (Biel) 1955, 3, 121-132
- 23) Wells, N. A.: *Psychol. Bulletin* 1910, 7, 181-229
- 24) Wewetzer, K. H.: v. Hiltmann, H., H. Lossen, B. Muchov & k. H. Vevetzer: *Verlaufsanalyse in der psychologischen Diagnostik*, Bern 1954
- 25) Ziolko, U.: *Experimentell-psychologische Studien an Neurotikern mit dem Farbpyramiden-Test*, 1957 (publication préparée)
- 26) Zulliger, H.: *Behn-Rorschach-Test*, Bern 1952
- 27) Zulliger, H.: *Der Z-Test*, Bern 1948
- 28) Zulliger, H.: *Der Tafeln-Z-Test*, Bern 1954.

DR. HILDEGARD HILTMANN

Professeur de Psychologie à l'Université de Fribourg
(Brisgou), Allemagne, Bertoldstrasse 17.

EL IDIOMA ESPAÑOL

Al Rvdo. Hno. Dionisio Lucas y a sus
estudiantes devotos del idioma de Cervantes.

Hno. JOSE' IGNACIO

I — BOSQUEJO HISTÓRICO EVOLUTIVO

Los primeros vestigios del idioma vulgar español desaparecieron en la destrucción del imperio hispano-visigodo, en el siglo VIII. Pero el romance hablado antes de la conquista de Andalucía (s. XIII) se parecía al leonés, aragonés, catalán y portugués pero no al castellano.

«Al norte del reino visigodo (Cantabria) se mantenía latente el dialecto castellano, solitario como sus montes de Oca, rudo como el carácter cántabro, y resistente al empuje de romanización. Castillo defensivo..., más tarde nido roquero de rebeldes famosos como Fernán González y del más aguerrido alférez «Mio Cid» que en su expansión militar propagó el insignificante dialecto de Castilla, fundiéndole con el leonés y el aragonés, desalojando del sur el tímido romancero de los mozárabes» (Martín Alonso).

Conquistó pues el castellano el derecho de lengua al conseguir sobreponerse a los demás dialectos peninsulares como un hecho paralelo al acontecimiento histórico de la expansión de Castilla, tanto territorial como política y judicialmente...

Nadie podrá poner en duda hoy, de que, entre las lenguas europeas y universales, la española brilla con singular fulgor y goza de día en día de mayor prestigio. Sigamos paso a paso, siglo por siglo, aunque muy someramente, el origen y la evolución del idioma castellano. Podemos iniciar nuestro esbozo histórico a partir del siglo IX, en el que un condado **Castella**, «castillos», al este de Asturias, empieza a desarrollarse, pues

«Harto era Castilla, pequeño rincón,
cuando Amaya era cabeza y Hitera el mojón;»

dándole singular valor histórico el conde Fernán González, que consiguió en el siglo X notoria independencia para el condado.

El «castellano» empieza ya a proferir sus primeros vagidos en el siglo X; es informe e impreciso como crisálida aún de la futura lengua española. En una de las **glosas** del monasterio de San Millán de la Cogolla (Zogroño), atribuidas al siglo X, se encuentra un párrafo, publicado por el señor Gómez Moreno, que ya rezuma mor-

fología incipiente, pudiendo ser considerado como el primero y más antiguo documento que se conoce en castellano: «Como ajutorio de nuestro dueno, dueno Christo, dueno Salvatore, qual dueno get ena honore, equal duenno tienet ela mandatione cono Patre, cono Spiritu Sancto, enos siéculos de los siéculos. Fácanos Deus cmnipotes tal servicio fere que denante ela sua face gaudiosos seyaMUS. Amén».

Las palabras más antiguas conocidas en castellano, en honor y primer homenaje a nuestra religiosidad, son una humilde plegaria.

No menos brumosa y lenta sigue la gestación y metamorfosis de nuestro dialecto en el siglo XI; confuso e indefinido aún, se esfuerza por desembarazarse de las formas latinas y de la dureza e imperfección del léxico de primera etapa.

He aquí un curioso ejemplo sacado de una «Declaración de los derechos del canal de Castilla/, hacia el año 1030:

«De illa particigón que feci senigor Sango Garece. Ad Galino Acenarece era lorika, ero kabalo, era espata. Ad Sango Scemenones ero kabalo, era mulla, era espata, ero elemo. Ad Scemonio si tene illa onore (feudo), tiengo ero kabalo por mano de Cornela; e si lesca era onore, ero kabalo segat su engenobo libre»...

Por menéndez Pidal sabemos que «todos los escritores árabes españoles aluden a cada paso a la lengua romance usada entre ellos». Asimismo los poetas árabes compusieron antiquísimas canciones o **jarchas**, de las que Judá Levi (s. XI) nos permite dar un ejemblo lleno de interés en un castellano inseguro con mezcla de resabios árabes:

«Vayse meu corachón de mib,
? ya, Rab (oh Dios), si se me tornarad?
zan mal meu doler li-l-habib! (por el amado)
Enfermo yed, ? cuándo sanarád?».

El siglo XII tiene importancia decisiva en la Historia de la Filología española; Montero Díaz le apellida «siglo de la gran rotación de Europa». Como ya León, Toledo y Zaragoza estaban virtualmente dominados por los cristianos, los dialectos en boga eran el leonés, el castellano, el aragonés, el gallego y el catalán. Siglo de los cantares épicos, el dialecto castellano había de apuntarse una gran hazaña, Mio Cid, el mayor monumento épico del siglo, con evidente sentido patriótico y nacional, lo que permite considerar al héroe como un genuino símbolo de la Patria.

Aunque la métrica del poema es irregular y el lenguaje aun está lejos de acusar formas depuradas, la genial obra esboza claramente la enérgica impronta espiritual de los nobles atributos de la ardiente alma castellana.

Sirvan de ejemplo uns versos del primer canto (el destierro):

«Mío Çid Roy Díaz por Burgos entrove,
 en sue compañía sessaente pendones;
 exien lo veer mugieres e varones,
 burgueses e burguesas, por las finiestras sone,
 plorando de los ojos, tanto avien dolore.
 De las sus bocas todos dizían una razõne:
 «Dios, qué buen vassallo, si oviesse buen señore!/
 Tanto los cantares de gesta del siglo XII como el «Poema» son

anónimos; por lo que sólo el siglo XIII acusa los primeros autores responsables de sus obras, que son como los primeros pilares y fundamentos inapreciables de nuestra literatura. El clérigo riojano Gonzalo de Berceo es el iniciador de la poesía religiosa, tan pintoresca cuan realista en aquel su **román paladino**, en el que popularizó vidas de santos y leyendas milagrosas, en el verso espontáneo y plástico del **mester de clerecía**.

No menos célebre y más si cabe deve considerarse al «padre de la prosa castellana», Alfonso X el Sabio. Su palacio era una como Academia de la Lengua, en la que numerosos sabios, judíos como árabes, frailes como segrares, disertaban y escribían sobre las más variadas y elevadas concepciones del espíritu. Con el autor de las **cantigas** se concreta y define la unidad lingüística, perfeccionándose la sintaxis depurándose el vocabulario e introduciéndose palabras nuevas latinas y árabes.

En su **Loor de España** describe su riqueza y belleza como sigue: «España es abondada de mieses, deleitosa de fructas, viciosa de pescados, sabrosa de leche et de todas las cosas que e della facen, lena de venados et de caza, cubierta de ganados, lozana de caballos, provechosa de mulos, segura et bastida de castiellos, alegre por buenos vinos; rica de metales, de piedras preciosas... e dotros mirones muchos...»

El siglo XIV es de perfeccionamiento sobre todo en la prosa. El arcipreste de Hita deja una joya inmortal con el **Libro del Buen Amor**, en el que dibuja con mano maestra la sociedad española de su siglo, procurando demostrar entre risas, bromas y alegorías la vanidad del amor mundano.

El **Rimado de Palacio**, obra compleja religioso-político-moral del Canciller es satírica pero más severa y dura que la del arcipreste. Encuanto a D. Juan Manuel, de expresión concisa y ajustada, es como el precursor del conceptismo, pues prescribe se escriba con «las menos palabras que pudiéredes, con verdad y derechamente».

Libro del Buen Amor (Juan Ruiz)

«! Ay Dios, e cuán fermosa viene doña Endrina por la plaza!
 ! Qué talle, qué donaire, qué alto cuello de garza!
 ! Qué cabellos, qué boquilla, qué color, qué buen andanza!
 Com saetas de amor fiere cuando los sus ojos alza».

Pasado este siglo de literatura burguesa se presenta el siglo XV con sus poemas épicos y sus cancioneros; sus tres grandes poetas de transición entre lo medieval y lo renacentista, revalorizan nuestro léxico, dando al idioma un notable empuje evolutivo mediante notable suma de neologismos y equiparación sintáctica con el latín. El Marqués de Santillana, Juan de Mena y Jorge Manrique anuncian la alborada del Renacimiento. Siglo glorioso de los Reyes Católicos, artífices de la unidad nacional y de rechazo de la unidad lingüística. En esta época una ideal feliz vino a materializarse en la mente de Antonio Nebrija, la primera **Gramática** en lengua romance, que según él había de ser «compañera del Imperio».

Uno de los primeros efectos del Renacimiento español fué la creación del primer **mito** de la literatura universal, **La Celestina** (Burgos, 1499), puntal literario e ideológico en el que se ventilan dos conceptos espiritual y material — amor y dinero — en el que alternan dos estilos, erudito y popular.

Fragmento del aucto primero de La Celestina (Fernando de Rojas)

Calixto — En esto veo, Melibea, la grandeza de Dios.

Melibez — ?En qué, Calixto?

Calixto — En dar poder a natura que de tan perfecta hermosura te é facer a mi inmérito tanta merced que verte alcançasse e en tan conueniente lugar, que mi secreto dolor manifestarte pudiese. Sin dubda incomparablemente es mayor tal galardón, que el seruicio, sacrificio, deusción, e obras pías, que por este lugar alcançar tengo yo a Dios offrescido, ni otro poder mi voluntad humana puede conplir...»

Al advenimiento del siglo XVI ya cuenta el español con un estilo de corte clásico; se define como época aurea de perfección idiomática y de expansión lingüística. Juan de Valdés, en su **Diálogo de la Lengua** dice que «assi entre damas como entre caballeros se tiene por gentileza y galanía saber hablar el castellano».

Esta edad de oro de nuestras letras, que empieza con Garcilaso y pone broche áureo con los **Autos Sacramentales** de Calderón asiste a un desfile esplendoroso de luceros tales como Fray Luis de León, «clave del Renacimiento español, Fernando Herrera el divino/, los santos místicos Teresa de Jesús y Juan de la Cruz, el gran Cervantes o la plenitud de la novela, Lope de Vega o la creación del teatro culto-popular, Góngora o el artificio metafórico, Quevedo o el ingenio satírico, Gracián o la discreción profunda y Calderón o el simbolismo teológico.

Vértice de la pirámide de nuestro clasicismo es el gran momento de nuestra catolicidad idiomática. Europa aprende el castellano «por la necesidad que tienen, ansí para las cosas públicas como para la contratación» (Arias Montano); y de tal manera toma

auge, que Carlos V sustituye el latín por el español en las relaciones diplomáticas.

Verdad es que la rica exuberancia de nuestro clasicismo origina un lenguaje alambicado y artificioso en el siglo XVII, que culminará con Góngora; pero debe reconocerse que ello condujo a mayor riqueza de vocablos, a formas nuevas y a rumbos sintácticos insospechados. El siglo XVII (1605) puede sentirse orgulloso de haber sido testigo de la primera edición de **El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha**, sátira ingeniosísima contra el espíritu descabellado de aventuras, que dió al traste con la novela medieval y con los libros de caballerías. Cervantes no condena en sua obra todo lo caballeresco sino lo ridículo y extravagante, sabiendo enaltecer lo que de noble, hermoso e idealista encierra la sana caballería.

Este segundo mito de la literatura universal simboliza toda la nobleza idealista del alma humana y en especial la española y es el más desconcertante, espiritual y humano de todos tipos míticos literarios. Menéndez Pelayo no titubeó en llamar al autor el «primer novelista del mundo, gran poeta en prosa y admirable creador de representaciones ideales». Otro triunfo que se apunta el siglo XVII es el tercer mito de la literatura universal; «Don Juan», cuyo creador es Tirso de Molina en su obra **El Burlador de Sevilla y el Convidado de Piedra**. Figura netamente renacentista, Don Juan es el símbolo del hombre orgulloso, impio y libertino que procura gozar por todos los medios sin la menor preocupación del «más allá».

Este tema, como **La Celestina** y **Don Quijote**, ha tenido inmensa repercusión, no sólo en España sino por varios países de Europa, contando numerosas derivaciones que de muy variados modos tratan el tema fundamental.

De los cinco mitos de la Literatura universal, tres pertenecen a la literatura española; los otros dos son **Hamlet** de Shakespeare y **El Fausto** de Goethe.

Aventura de los rebaños (Quijote)

«En estos coloquios iban Don Quijote y su escudero, cuando vió Don Quijote que por el camino que iban venía hacia ellos una grande y espesa polvareda, y en viéndola se volvió a Sancho y le dijo:

— Este es el día, oh Sancho, en el cual se ha de ver el bien que me tiene guardado mi suerte: este es el día digo, en que se ha de mostrar tanto como en otro alguno el valor de mi brazo, y en el que tengo de haver obras que queden escritas en el libro de la fama por todos los venideros siglos...»

Después del «Siglo de Oro», época de la épica culta con sus variadas epopeyas, desde **La Araucana** de Alonso Ercilla hasta **La Cristiada** de Diego de Hojeda, así como de la picaresca, o crítica satírica de la sociedad y de sus vicios y ridiculeces, se nos presenta el

siglo XVIII — llegada de los Borbones — que aunque represente un «momento de ordenación y de estudio», se le deben apuntar dos graves deslices, el «afrancesamiento» de unos (Suzán, Moratín, etc) y el tinte «enciclopédico» de otros (Quintana, Marchena, etc.).

Pero también se esboza un buen deseo de purificar el idioma de las extravagancias y alambicamientos del barroco. Así pues, el P. Feijóo, «incorruptible a la tentación extranjera» (Marañón), es acreedor a nuestra gratitud, así como Forner y Cadalso.

Uno de los aciertos de este siglo fue la fundación de la «Real Academia de la Lengua», por Felipe V.

Sobre la opinión popular (P. Feijóo: Teatro crítico)

«Aquella mal entendida máxima de que Dios se explica en la voz del pueblo, autorizó a la plebe para tiranizar el buen juicio y erigió en ella potestad tribunicia, capaz de oprimir la nobleza literaria. Es este un error de donde nacen infinitos; porque asentada la conclusión de que la multitud sea regla de la verdad, todos los desaciertos del vulgo se veneran como inspiración del Cielo... **Aestines judicia, non numeres**, decía Séneca. El valor de las opiniones se ha de computar por el peso, no por el número de las almas».

Aunque Meléndez Valdés y Cadalso así como las Escuelas salmantina y sevillana pertenecen al siglo XVIII preludian ya nuevo rumbo pues descan y auguran verse libres de las trabas neoclásicas. Nuevas auras de libertad y de emoción subjetiva conducen al Romanticismo del siglo XIX, que nos depara un estilo de adjetivación sonora y expresión impetuosa, una oratoria patética e impresionante, una lírica sentimental con aciertos artísticos como en Bécquer, el Duque de Rivas y Zorrilla y no pocas aberraciones y extravíos lamentables como en Espronceda y Larra.

El Romanticismo tuvo pronta réplica a mediados del siglo que se tradujo en una reacción hacia el **realismo** con Pardo Bazán y Palacio Valdés, que deriva hacia el **naturalismo** con sus éxitos con Alarcón, Valera y Pereda, y sus excesos con Blasco Ibañez, Pérez Galdós y otros más.

Cierra este siglo airoso y gloriosamente para la cultura hispánica el insigne polígrafo Marcelino Menéndez Pelayo, creador de una obra gigante, histórica, filosófica y literaria, fundador de la crítica e investigación modernas; en suma genio inapreciable al servicio de la patria y de la religión, con un estilo que es el modelo más perfecto de la prosa didáctica en el siglo XIX...

Historia de los Heterodoxos españoles (Menéndez Pelayo)

«! Dichosa edad aquélla, de prestigios y maravillas, edad de juventud y de robusta vida! España era o se creía el pueblo de Dios, y cada español, cual otro Josué, sentía en sí fe y aliento bas-

tante para derrocar los muros al son de las trompetas o para atajar al sol en su carrera. Nada parecía ni resultaba imposible: la fe de aquellos hombres, que parecían guarnecidos de triple lámina de bronce era la fe que mueve de su lugar las montañas. Por eso en los arcanos de Dios les estaba guardado el hacer sonar la palabra de Cristo en las más bárbaras gentilidades.../

Finalmente, pasada la «generación del 98», impregnada de patriotismo pesimista, con sus valores literarios de entre los que descuellan Unamuno y Azorín, hace su entrada el polifacético siglo XX, que adopta el **modernismo**, o un nuevo «romanticismo estético», con más forma que fondo. Rubén Darío con su elegancia y musicalidad; Gerardo Diego, místico y escultural; Valle-Inclán, enérgico y satírico; Marquina, sobrio y profundo; Benavente, elegante e irónico; Ramón Jiménez, lírico y depurado; Dionisio Ridruejo, delicado y metafórico; Dámaso Alonso y Menéndez Pidal, eruditos y equilibrados...

A unas manos orantes (Dionisio Ridruejo)

«Como tibia azucena adelantada
castamente entre el alba y el rocío;
orante nieve, cúpula de frío,
ojiva pura y levedad trenzada.

«Como ramo del alma revelada
pulcramente a la luz sin atavío;
como la fe del suspirante brío
en un vuelo de carne sosegada.

«Como un sueño de amor encaminado
en alba de gemelos surtidores,
al éxtasis del cielo recatado.

«Como ave par, alzada sin temblores
calmando en su misterio desposado
la desazón humana de las flores».

II. — IMPORTANCIA, BELLEZA Y UNIVERSALIDAD DE LA LENGUA ESPAÑOLA

Importancia. — Las causas principales de la importancia extraordinaria que ha tomado el idioma castellano en el mundo se deben principalmente al descubrimiento de América, a los viajes que se siguieron tanto transatlánticos como transpacíficos, a las guerras europeas, y a la importancia política y jurídica de la España del siglo XVI. Razón tuvo Nebrija al afirmar que la «lengua era compañera del Imperio».

El insigne hispanista Mr. Allison Peers, catedrático de la universidad de Liverpool dijo en una conferencia pronunciada en los salones del Excmo. Ayuntamiento de Madrid:

«El castellano tiene sus orígenes en el siglo XII, toma cuerpo en las cancillerías, apareciendo en el **Fuero Turgo** y en **Las Siete Partidas**, lengua de Imperio y de espiritualidad; la que al decir de Carlos V constituye el mejor instrumento para hablar con Dios».

Hoy el español ocupa el tercer lugar en el mundo después del chino y el inglés, con un total de almas que lo usan en sus relaciones sociales de 145 millones, repartidos como sigue, según el «**Boletín de la Sociedad de Naciones**» de 1940:

Europa (España y judíos sefarditas de Grecia, Yugoslavia, Bulgaria, Rumanía y Turquía): 27.700.000.

Asia (Turquía, Siria, Palestina): 150.000.

Africa (Marruecos y colonia españolas): 450.000.

América (México, Américas Central y Meridional, Estados Unidos y Brasil: 108.540.000.

Oceania (Filipinas): 5.871.000.

En América principalmente hay una preocupación latente muy viva por el conocimiento científico del idioma español. Así el «Instituto de las Españas» de la Columbia University de Nueva York y la «American Spanish Society», fundada por Mr. Huntington en Nueva York, así como el «Instituto de Filología» de Buenos Aires son como los focos más importantes de la preocupación de cultura hispánica.

Pueden citarse algunas de las publicaciones de más relieve como «Revista de Filología hispánica» de Buenos Aires, «Revista Moderna Hispánica», de Nueva York, «Boletín del Instituto Caro y Cuervo» de Bogotá, «Boletín de Filología de Montevideo, amén de otras Revistas de Literatura y Lingüística que se imprimen en Méjico, Chile, etc.

De España sigue transmitiéndose por irradiación espiritual y científica el sentir por el vehículo de nuestra cultura que es el idioma, pues «La lengua, según dice von Wartburg, abarca todo lo esencial, es un gran todo...» Además de la labor de la «Revista de Filología Española», de nuestras revistas y publicaciones diversas, la actualidad cuenta con hombres entusiastas, paladines de la cultura hispánica: Menéndez Pidal, fundador de la escuela del positivismo científico; Américo Castro, pedagogo de la lengua y de la literatura; Navarro Tomás, organizador del «Atlas Lingüístico de la Península Ibérica», y otros beneméritos como Vicente García de Diego, dialectico; Rafael Lapesa, historiador lingüístico; Damaso Alonso, estudioso de clásicos y modernos, etc...

Como complemento a estas breves y sencillas consideraciones creo sea pertinente recordar que han sido otorgados cuatro «Premios Nobel» de Literatura a escritores de lengua española: tres a literatos españoles — José Echegaray (1905), Jacinto Benavente

(1922), y Juan Ramón Jiménez (1957) — y uno a la escritora chilena Gabriela Mistral (Luzila Godoy, 1955)...

Nuestro mayor timbre de gloria no es el haber descubierto un Nuevo Mundo, ni el haber conquistado tanto o cuanto territorio americano. El mayor título nobiliario de España consiste en haber comunicado a las naciones de esse Nuevo Mundo, su sangre, su religión y su lengua; porque si la sangre nos hace hermanos carnales de esos pueblos, la religión nos transforma en hermanos espirituales en Cristo con un lazo más sagrado, y la lengua nos hermana culturalmente, comunicándoles la impóncta de nuestra educación espiritual y de nuestra idiosincrasia intelectual.

Belleza. — Dos lazos poderosos, y los más hermosos, unen estrechamente a un pueblo: la Religión y el Idioma. Estos dos preciosos vínculos valornaran el espíritu y crean la tradición de una nación. Para España estos dos lazos son la razón de su existencia y los elementos más característicos de su recia personalidad: la religión católica y el enérgico idioma de Castilla.

Uno de nuestros clásicos del siglo XVI, el místico agustino Fray Pedro Malón de Chaide, dice en el prólogo de **La Conversión de la Magdalena** en honor del castellano: «...No hay lenguaje, ni le ha habido, que al nuestro haya hecho ventaja en abundancia de términos, en dulzura de estilo, y en ser blando, suave, regalado y tierno y muy acomodado para decir lo que queremos; ni en frases ni en rodeos galanos, ni que esté más sembrado de luces y ornatos floridos y colores retóricos...»

La belleza del lenguaje de Castilla es múltiple, pues sabe expresar tanto el enérgico lenguaje de sus héroes como el susurro espiritual de sus místicos. Es similar a la lengua griega en sonoridad y belleza, pues es armoniosa en la lírica, enérgica en la épica, varonil en la dramática, diáfana en la didáctica y flexible y gallarda en la oratía.

Otro testimonio de singular fuerza laudatoria en favor del idioma hispano nos lo facilita el escritor y monje cisterciense norteamericano Thomas Merton, que se expresa así: «Después del latín, me parece que no hay lengua tan apropiada para la oración y para hablar con Dios como el español, pues es una lengua a la vez fuerte y agil; tiene su precisión; tiene en si la cualidad del acero, que le da la exactitud que necesita el verdadero misticismo, y, sin embargo, es suave también, gentil y flexible, cosa que requiere la devoción; es cortés, suplicante y galante; tiene algo de la intelectualidad del francés, pero no la frialdad que la intelectualidad toma en el francés; nunca desborda en las melodías femeninas del italiano. El español es un idioma nunca flojo, aun en los labios de una mujer».

No menos encomiástico que los anteriores resulta el juicio del escritor francés Maurice Legendre, que no escatima ditirambos sobre la belleza, dignidad y universalidad de nuestro idioma: «Cette

belle langue qu'est l'espagnol n'a pas acheté l'universalité au prix de la vulgarité. Elle a au contraire beaucoup de tenue, de noblesse et de gravité... Elle est oratoire; elle a des sonorités qui conviennent aux assemblées; elle n'a pas le laisser-aller de l'intimité ou de la familiarité de mauvais aloi...

Rappelons enfin la preuve la plus glorieuse du caractère à la fois si universel, si populaire et si noble de la langue espagnole: la diffusion incomparable du chef-d'oeuvre de Cervantès...»

Muchos y muy variados son los elogios que se han dicho y escrito sobre nuestra hermosa lengua, y sería (que se han dicho y escrito sobre) exhaustivo el seguir transcribiendo la serie interminable de opiniones y críticas laudatorias a este respecto. Sólo me permitiré tres piropos más sobre el asunto:

— «El español es el idioma de los dioses» (Cardenal Gibbons).

— «Es una lengua divina» (Victor Hugo).

— «Es la lengua que por los labios de Teresa de Jesús mereció conversar con Dios, y en la cual escribió Cervantes la Biblia humana de la Edad moderna» (Blanca de los Ríos). Cierro este párrafo con la hermosa oda de corte clásico en honor del idioma castellano, homenaje sentido con honda admiración y simpatía, del poeta portorriqueño José Mercado:

Lengua inmortal que hablaron mis mayores,
Tan bella como tú no hay lengua humana,
Por tus frases enérgicas obtuve
El hermoso concetpo de la patria,
Y sé por ti que Dios, bondad suprema,
Sobre los hombres su piedad derrama;
Y al abrir de la História el libro inmenso,
Supe que fueron tuyas las palabras
Que pronunció Colón mirando al cielo,
Al descubrir la tierra americana.

Lengua inmortal, idioma de Cervantes,
El colono de ayer tu gloria canta.
Eres raudo torrente. Te despeñas
Y caes en deslumbrante catarata,
Llenando de sonidos el espacio
y de notas de fuego que se apagan
Con ese ritmo vago y misterioso
De un suspiro de amor. Sonora y clara
Expresas la pasión; y el pensamiento
Por ti se viste con brillantes galas.

Esse lazo que ayer rompió la fuerza,
 Átalo tú, mi lengua castellana.
 Mensajera perenne de concordia,
 Cruza el inmenso mar que nós separa
 Y lleva de la América latina
 A la nación que puebla nuestra raza,
 Con el pobre cantar del bardo triste,
 El beso fraternal de nuestras almas:
 ! Que se puede cambiar una bandera;
 Pero los sentimientos no se cambian!

Universalidad. — Al no caber nuestra lengua en los estrechos límites de la Península, nuestros conquistadores, misioneros, y humanistas la extendieron por Italia, Francia, Suiza, Alemania, Inglaterra así como por las Américas y Filipinas.

Dos polos magnéticos sorprendentes venían al apoyo de la envidiable y poderosa fuerza de atracción del castellano: Compostela y Salamanca. Aquélla como meta para los devotos del Apóstol, ésta para los doctos; unos, peregrinos de la fe; otros, caballeros de la ciencia.

Pasados ya aquellos tiempos, siguen siendo legión los que se sienten ligados por el vínculo de nuestra lengua a la espiritualidad española, tan profunda y expansiva, tan noble y generosa, que ha conseguido transvasar su fe y su habla a veinte naciones, que son su mayor gloria y su más brillante corona.

Lejos de debilitarse y declinar el español sigue su rumbo de esplendor y continúa proyectando su influencia cada vez más extensa. Em 1917, por ocasión del tercer centenario de la muerte de Cervantes, se abrieron en Londres 20 cátedras de español.

En cuanto a publicaciones podemos afirmar que en las principales ciudades de Europa y América se editan en castellano las obras de nuestros literatos, teólogos, médicos artistas, políticos y hacendistas.

En Méjico se imprimen con frecuencia ediciones del **Quijote** de 100 mil ejemplares, y en Nueva York se editan más de 30 publicaciones en español. En la actualidad casi todas las Universidades de Europa y América poseen cátedras de castellano, y sólo en Estados Unidos se cuenta con un cuadro de más de 4.000 profesores de español con cerca de medio millón de alumnos matriculados. El auge a que el estudio del español ha llegado en Estados Unidos queda oficialmente consignado con el testimonio de Mr. Carlton Hayes, ex-embajador norteamericano en Madrid. En el discurso de presentación de cartas credenciales decía en un párrafo a nuestro Caudillo:

«Señor, soy historiador de profesión y estoy familiarizado con la hermosa Historia de España. Como tal, sé que la gran deuda cultural que mi país, junto con las demás naciones del Nuevo Mundo,

tienen con vuestra Patria. Fué España la que durante generaciones sucesivas implantó por toda América algunas instituciones fundamentales, un sentido espiritual de la vida, y el sentido de la dignidad personal, que constituye una ilustre herencia de España. Es agradable poder decir que en la actualidad todas las Universidades y Escuelas de los Estados Unidos tienen profesorado y textos españoles, así como cátedras de literatura, y que el español es, desde hace años, el idioma que más se ha enseñado en nuestras escuelas secundarias».

Mucho interés ha existido siempre en Inglaterra, Francia y Alemania por la lengua, la literatura y la cultura hispánicas. Mr. Merford, autor del libro *Aportación Británica a los Estudios Hispánicos*, dice en un pasaje de la obra: «Algunos, después de una visita a la Península en viaje de negocios, fueron impelidos a un estudio más amplio; otros de un carácter más literario, como el personaje byroniano:

«... estudiaron español
para leer «Don Quijote en el original,
placer que a todos los demás oscurece».

«Pero sea cualquiera la chispa que encendiese la llama, la afición por la lengua española; tenida por Shelley y Coleridge como inferiorsele al griego, ha sido perenne en Inglaterra.

«Los ingleses, desde el alborar del renacimiento, no sólo aprendían la lengua española, sino que empleaban su conocimiento para estudiar aquellos aspectos de la cultura hispánica que les atraían...

«Hoy, la cantidad y la calidad de las obras extanjeras dedicadas a la investigación hispanista es impresionante, no siendo, ni mucho menos, despreciable la aportación inglesa...»

En estos últimos años se viene intensificando la curiosidad extranjera por las cosas de España, por conocer más y mejor nuestra vida, costumbres, arte, tradiciones, fiestas, en suma nuestra nación, tan llevada y traída por amigos y desafectos. El resultado del resurgimiento turístico en nuestro país se ha traducido en un mayor deseo de conocer a España y de captar sus variados matices, lo que ha contribuído no poco al incremento del estudio de su lengua, sea en los tradicionales cursillos de verano organizados en diversas ciudades españolas, sea en cursos normales seguidos en sus respectivos países.

III. — EL LIBRO ESPAÑOL

España ha sentado cátedra de «gran maestra de pueblos» gracias a su fe y a su idioma; y como vehículo práctico de cultura, gracias al **libro español**. Por él propagaron la fe de Cristo los misioneros; por él España ha iluminado con su saber teológico, místico y jurídico; ha señalado rumbos desde Trento al pensamiento humano, mientras Láinez, Vitoria, Suárez, Soto y Azpilcueta creaban con

la **Legislación de las Indias** los conceptos más altos y más cristianos de la civilización.

La Edad Media fué la época de un adelanto cultural inmenso en España y sobre todo en Europa. Las Universidades y Bibliotecas abundan en Andalucía, Córdoba atrae estudiantes de todo el mundo árabe. Salamanca cuenta en 1530 con 10 mil estudiantes, 70 cátedras, y da trabajo a 84 librerías y a 56 imprentas.

En el siglo XIII, siglo de las **Summas**, vió España el aparecimiento del más alto monumento jurídico en varios siglos: **Las Siete Partidas de Alfonso X, el Sabio**. En este período los libros revelan técnica de la escritura y un gusto tan refinado en la policromía del decorado, que no cabe superarlos.

Aunque de gusto marcadamente burgués el siglo XIV, ve surgir hacia su ocaso sobre todo libros de meditación y de piedad. Sus páginas son ricas de trabajo y habilidad, saturadas de arte, con miniaturas de una precisión detallista que la fotografía no ha podido superar, por su elevadísima contextura técnica.

Pero un gran acontecimiento fué para España el establecimiento de la imprenta en 1464, imprimiéndose diez años más tarde el primer libro en Valencia en honor de la Santísima Virgen, **Trobes en lohors de la Verge María**. Dos años después se estableció la primera fundición tipográfica (1494), fecha de la primera edición de **La Celestina**, que apareció en Burgos, y que tuvo tanta repercusión en Europa.

En el siglo áureo (XVI) de nuestra literatura aumenta prodigiosamente el número de talleres tipográficos. En los albores de este siglo se imprimieron en Logroño los Triunfos de Petrarca (1512), y en 1517 vieron España y el mundo la Biblia Políglota o Complutense (Complutum: Alcalá de Henares), gracias a la iniciativa, generosidad y entusiasmo del gran Cardenal Fray Francisco Jiménez de Cisneros. Por su parte el arcediano de Burgos, Pedro Fernández de Villegas, traducía al castellano **La Divina Comedia** del Dante, y en 1587 se daba a la impresión en Madrid **La Jerusalém** libertada de Torcuato Taso.

La característica del libro de los siglos XVI y XVII es el obsesionante relato de aventuras y descripciones del tipo del caballero andante, tales como Amadís de Gaula, Palmerín de Inglaterra, Tirante en Blanco, y otros más reales e históricos como **La Araucana**, **La Austríada** y **Carlos Famoso**.

El año 1605 es una fecha gloriosa para la literatura y el libro español, porque aparece impresa en Madrid **El Ingenioso Hidalgo Don Quijote** de la Mancha, una de las obras más admirables del espíritu humano; joya que ha sabido conquistar el mundo entero y es quizá con la Biblia, la obra que más ediciones ha conseguido (1200), y que se ha traducido en mayor número de idiomas (46).

El siglo XVIII es más reflexivo que creador. Se advierte por un lado una vuelta a los clásicos como reacción contra el barroco,

pero otro lado no se puede negar el carácter decadente de buena parte de nuestra literatura debido al influjo de los escritores franceses; contra nuestros escritores afrancesados redactó Forner **Exequias de la Lengua Castellana**.

No olvidemos sin embargo que este siglo vió fundarse la «Real Academia de la Lengua», que publicó el **Diccionario de Autoridades** en seis tomos — y la «Biblioteca Nacional» hoy con un millón de volúmenes — que constituyen dos hechos gloriosos en favor del libro español.

Nuevos altibajos se suceden en la trayectoria de nuestro libro en el transcurso del siglo XIX. En el primer cuarto de siglo sigue prosperando gracias a la protección regia, pero luego sufre lastimosa decadencia. Es el siglo nefasto del **liberalismo**, causa de tantas desgracias políticas y morales, cuya perniciosa influencia se manifiesta en la imitación de la producción extranjera tan escasa de contenido espiritual y de elegancia. Sin embargo al final de siglo se advierte un nuevo renacimiento del libro que inicia el ritmo acelerado de perfección con que culmina en el siglo XX.

En el «siglo de las luces» España produce y traduce en todos los ramos del saber, y artes gráficas se elevan al más alto grado de perfección. En la actualidad España no tiene nada que envidiar en la confección del libro a nación alguna. Podrían citarse multitud de obras como **Nueva Geografía Universal** (10 tomos), *Historia Universal* de Walter Goetz, versión española de García Morente (10 tomos), *Historia de España* de Menéndez Pidal (7 tomos publicados), *Historia del Arte Hispánico* del Marqués de Lozoya (5 tomos), *Química General* de Calvet (5 tomos) *Enciclopedia «Universitas»* (20 tomos), *Summa artis* de José Pijoan (más de una docena de tomos publicados), y muchos otros monumentos bibliográficos difícilmente superables tanto por la presentación técnica como por el contenido, dos caracteres generales del libro español moderno.

Una referencia especial se merece la *Enciclopedia Universal Ilustrada* (Espasa). Afirmamos que no existe ninguna que la supere, conservando inmensa superioridad sobre todas las demás por la cantidad y calidad del texto, con sus 70 gruesos volúmenes, 10 apéndices y 8 suplementos y cerca de 140.000 páginas de texto.

Y dónde se vió palpablemente el tesoro bibliográfico de que se depositaria la cultura hispánica fué por ocasión de algunas exposiciones. En las de Sevilla y Barcelona en 1929, se sacaron a luz de los archivos tesoros artísticos, celosamente guardados en catedrales, monasterios y bibliotecas. Pudieron admirarse bellísimos códices de gruesos infolios de pergamino, ilustrados con miniaturas finisimas, con márgenes y portadas filigranadas; hermosos ejemplares del Antiguo Testamento, Evangelios, misales y libros de coro; obras de los Santos Padres, moralistas y exégetas; libros cronológicos y recopilaciones legislativas, que son otras tantas indicaciones e ilustraciones preciosas sobre la vida del libro en la Edad Media. En este

acopio de riqueza artística se recoge un resumen cultural de la mayor parte del saber desde el siglo VIII al XIII, en el que aparecen datos preciosos para reconstruir la historia del libro medieval.

Para servir de complemento a la exposición del libro español antiguo se aprovechó la fecha del 23 de abril de 1947 (4.º centenario del nacimiento de Cervantes), para celebrar la exposición del «Libro español» moderno en la Universidad Católica de Washington. En ella se expuso a la admiración de los visitantes una selección de 3.000 volúmenes lujosa y elegantemente encuadernados, esmerado trabajo de la postguerra de España, que recorrió las principales ciudades de América del Norte.

Hace varios años que en Madrid se viene inaugurando la «Feria Nacional del Libro». Este año (julio 1957), podían visitarse 116 casetas, a las que acudieron con su producción bibliográfica las más importantes editoriales españolas. Parece ser que el número de visitantes ha sido imponente en cifras y calidad.

El público en general se ha interesado con preferencia por las obras literarias. — Ramón Jiménez, Galdós, Unamuno, García Lorca, Salinas, Tagore, Papini... — aunque también se ha notado un creciente interés por otras publicaciones: ensayos, historia, obras técnicas y científicas, y libros de consulta. La impresión de este año se inclina a creer que el libro técnico despierta cada vez más interés...

España, poseedora de una de las más ricas literaturas, ha dedicado siempre gran amor y culto al libro. Puede sentirse ufana de su gran aportación a la cultura universal; porque en 24 países se lee en el idioma de Cervantes y se reza en la lengua de la mística doctora, Santa Teresa de Jesús. España ha sido y sigue siendo por medio del libro — teológico, místico, artístico, literario, histórico, científico — antorcha espiritual de medio mundo civilizado, «rectora de las empresas espirituales», evangelizadora de pueblos y conquistadora tradicional, sino ya «de tierras para el Rey», por lo menos de inteligencias para el bien y sobre todo «de almas para Dios...»

B I B L I O G R A F I A

- 1 — Rafael Lapesa — Historia de Lengua española.
- 2 — Narciso A. Cortés — Historia de la Literatura española.
- 3 — Hurtado — G. Palencia — Historia de la Literatura española.
- 4 — A. Valbuena Prat — Historia de la Literatura española.
- 5 — Martín Alonso — Ciencia del Lenguaje y Arte del Estilo.
- 6 — A. Hoyos de Castro — Los grandes rangos históricos de América.
- 7 — Espasa - Calpe — Enciclopedia Universal Ilustrada, tomos, 19, 21 y 30.

LÔBO DA COSTA SATÍRICO

Irmão ELVO CLEMENTE

O poeta na sua contemplação da vida e das coisas defronta situações bem interessantes e por vezes bem contraditórias. Há situações que vão de acôrdo com o modo de ver, de medir do artista e há situações que não lhe caem no gôsto. O poeta percebe êste estado de coisas, toma consciência do mundo diferente de seus desejos. Desta inconformidade nasce a sátira, nasce a produção jocosa, mordaz, epigramática... A situação devera mudar, devera conformar-se com a personalidade do artista. O artista não pode e nem deve humilhar-se; as coisas hão de mudar e como as coisas e os homens não alteram o poeta lança seus versos para, entre risos, ou escárnios, corrigir o mau estado da situação ou os erros das pessoas. (1)

Lôbo da Costa vivia por tôda a parte, não desconhecia nenhum ambiente social do Rio Grande: penetrara os umbrais da elegância e do luxo, andara nas mansardas. Conheceu Pelotas, Rio Grande, Jaguarão, Arroio Grande em todos os refólios... Êle, desprezado, êle, festejado, êle, ajudado pelas pessoas humildes e pelos potentados vivia a vida do Sul. Conheceu nossas inquietudes, os ardores de nossas paixões políticas, os destemperos das loucuras amorosas, os pecados dos lares, os desmandos nas praças e nas ruas... Lôbo viveu os altos e baixos da nossa aristocracia e do nosso povo. Era um homem que veio da plebe e foi alçado por seu gênio às alturas de todos os degraus sociais.

Nem sempre o satírico é uma pessoa de costumes ilibados, nem sempre é isento de escândalos, nem sempre pode garantir-se contra o revide do atingido. Parece-me que as pessoas que usam da sátira procuram por meio destas setas castigar o seu próprio defeito, seus próprios desmandos. Haja vista o nosso maior satírico Gregório de Matos Guerra, vivia escândalos e no entanto era êle o azorrague implacável das pessoas que incidissem nalguma falta.

Lôbo da Costa via o próprio êrro, via os erros do outro e castigava ambos com suas estrofes mescladas de ironia, de suave humorismo ou de azedume feróz.

Lôbo e seus contemporâneos dêste modo entendiam-se muito bem. No entanto diversas vezes a mordacidade e os desvios de sua crítica valeram-lhe horas e dias pouco alegres, refiro-me ao empastelamento da Gazeta do Menezes... Os contemporâneos referem-se ao caráter violento do jornalista que nas colunas dos panfletos

que dirigia ou auxiliava, derramava com abundância o fel de seu ressentimento e de sua indignação. Sua pena jornalística foi virulenta, extraordinariamente violenta, muito do paladar da época. Paixões fortes, exacerbadas, reclamam veículos conformes a seu espírito e finalidade. Ah! as paixões políticas de 1870 e 1880!... Lôbo e seus colegas jornalistas ou panfletários acenderam as fogueiras das questões políticas e religiosas que agitavam o Brasil e o Rio Grande nos fins do século passado.

Voltando as páginas dos jornais e indo à obra poética do Lôbo (assim é que o chamavam) notamos como se amacia seu modo de castigar os contemporâneos. Parece que Melpômene lhe abrandou a arrogância do ímpeto e o veneno das setas ervadas...

Há momentos de exaltação, em alguns versos dos «**Homens de Roma**» em «**O Rei e o Operário**» e em «Sem título» poesias, que se encontram em «Auras do Sul». As Auras nestas composições parecem silenciar e deixar sibilar o agudo e cortante minuano...

Na poesia «**Homens de Roma**» suas flechas atingem a sotaina. Não castigam a humildade dos párocos da campanha ou a dedicação dos sacerdotes despretensiosos que vivem junto de seu rebanho simples e ordeiro. As setas do poeta querem atingir príncipes da Igreja, querem corrigir o suposto erro e o mal forjado escândalo dos altos dignitários eclesiásticos. Quem move o verbo de Lôbo é uma interpretação errônea do conceito de liberdade, dos direitos do homem e dos mandamentos da Santa Igreja. O poeta via nos cuidados da Igreja, não a solicitude de mãe extremosa, sim uma espécie de Cronos iracundo que devora os filhos, sedentos de ventura e de vida. Os «**Homens da Igreja**» seriam os pérfidos satélites do jugulador de tantas vítimas. E os «**Homens de Roma**» que Lôbo faz surgir das águas de Veneza a par da crueldade possuem os vícios mais hediondos...

Uma noite... ao sussurro de Veneza...

.....

Três fantasmas de pé fitam o horizonte,
Negros na veste, lúgubres na frente.

Espetros do luar!

.....

Vão em busca de terra do suplício,
Que adormece beijando os pés do vício,

Após uma oração! (2)

Por estas palavras podemos aquilatar que devera ter sido a ferocidade dos ataques do jornalista, formado nas diatribes e nas pugnas da imprensa da época...

Os versos dêste poeta são o brado de revolta que nada poupa no derramar da lava dêste vulcão que irrompe da pena do poeta... As pessoas e as coisas mais sagradas de nada mais servem. Tudo foi contaminado tudo é imundo, tudo é tirania.

Despertam os vis cossacos de batina,
 Têm por armas a cruz Santa e divina
 De quem nos quis salvar!...
 Trava-se a luta horrenda e fatricida:
 A honra, a liberdade, a idéia, a vida,
 São banidas por lei!
 Perdura uma só coisa — o despotismo...
 Roubo e morte, são palmas de civismo
 Aos pés do Papa-Rei! (2)

A diatribe, a calúnia contra o papado e a Igreja era a moda da época, Lôbo não pôde esquivar-se desta maneira, eflizmente em desabono da verdade para fazer uma crítica ao clero e à Igreja Romana. Ao mesmo tempo que injuriava a guarda vigilante da Verdade, invocava o nome de Deus...

E' a antítese vivida pelo poeta no recesso íntimo de seu ser. Crer em Deus e blasfemar sua Igreja, seus ministros! Contradições de Hugo, de Musset e de Álvares de Azevedo...

Após ter combatido a soberania religiosa volta-se contra o diadema real. O poeta republicano não tolerava mais o sábio monarca no trono do Brasil. Lança impropérios contra a majestade amável de D. Pedro II. A poesia «**O Rei e o Operário**» é o resumo de sua revolta e das virulências dos ataques contra o chefe civil da nação. Irônicamente fala ao Rei com estas palavras:

És um divino espantalho...
 Tu forjas a escravidão! (3)

Por entre escárnios e insultos estabelece um paralelo muito incompleto entre o Rei e o Operário e termina com a exaltação do proletário e com o desprezo do monarca:

Tu és a noite, eu o dia,
 Deslumbram-te os vivos sóis...
 Tu fundes a tirania,
 Eu fundo os pulsos aos heróis! (3)

A poesia «Sem título» é uma crítica à vida dos nobres e dos ricos e uma glorificação do pobre e do trabalhador. Passa o poeta por todos os miteres e contempla aí o movimentador do trabalho, o produtor do progresso; junto do malho, ao lado das máquinas, na senzala; vive com o operário, com o marinheiro, com o escravo e vê que todos êles trabalham, fazem a glória da nação, enquanto isto:

O Rico, o nobre que nunca
 Teve da glória a emoção,
 Dorme... e entre sonhos murmura:
 — Que tolos! que tolos são! (4)

O poeta tem para a gente do seu tempo versos bem violentos contra certos abusos, certas mudanças na vida humana, as mutações das atitudes, o esquecimento dos compromissos. Como chicoteia a ingratidão, leiamos a estrofe do «Adeus»:

Nunca viste a donzela lacrimosa
 Curvada no ladrilho mortuário,
 Beijando o esquife negro e solitário
 Em que dorme o despôjo maternal?
 E dois anos após... nem tanto ainda!
 Da festa no esplendor vir, orgulhosa,
 Passando muitas vêzes junto à lousa,
 Sem lembrar-se do anjo do casal? (5)

Quanta mágoa e quanto ardor nos versos em que exprobra o ato infame da mãe que vende a inocência da filha. Traz-nos êle o contraste que o tempo aproxima e faz esquecer:

Já viste a triste mãe que um bêrço embala,
 Velando uma criança adormecida,
 Consagrando-lhe esp'rança, amor e vida,
 Capaz de se finar se ela morrer;
 E após, se a idade veste-a de esplendores,
 Tornar-se seu algoz, ser seu patíbulo,
 E ir vendê-la nas portas do prostíbulo,
 Como rês inocente — a quem mais der?! (5)

De certo a crítica procura atingir elementos da sociedade contemporânea...

A elegância dos salões fornece-lhe razões sobejas para críticas e vilipêndios, a sociedade nobiliárquica que nascera quais cogumelos após a bâtega estival, ia desmoronando gangrenada pelo vício, pela vaidade, pelos festivais impudicos... O poeta, filho do povo, não podia tolerar tanto ignomínia... A nobreza a esbanjar fortunas numa noite de orgia e os pobres a morrerem à míngua nos degraus do palácio. O estro se inflama e vai a sátira, flecha certa, cravar-se no peito da sociedade elegante e despudorada...

Era uma noite de orgia no palácio...

 Ali folga a Marcô aos beijos mornos
 Da lascívia cruel... Treme a inocência...
 E goza o potentado!
 Ouve-se o tinir da dobra ferrugenta...
 Rola na banca um mundo de desgraça
 E Satã ri-se ao lado!
 Há um templo de luz — o altar é negro!
 Fumega em vez de mirra — o vinho ardente
 Aos pés da meretriz! (6)

Estremece o poeta ao contemplar tamanha loucura, ao ver tantos anjos de pureza que rolam para o lamaçal da miséria moral...

No entanto são formosas como o lírio
 As vestais dêsse templo vaporoso,
 — Tão pálidas que são!
 Vão das asas da dança como garça,
 Vão nas unhas da orgia como pombas
 Nos pés do gavião. (6)

O poeta multiplica os contrastes, gosta das sombras que realçam as côres do quadro:

Desci à rua, ao canto de uma esquina
 Sôbre mísera esteira, embriagada,
 Dormia uma mulher.

No palácio as mulheres vaporosas, as brancas pombas nos braços dos gaviões, ao pé da esquina pobre mulher, perdida, flor desfolhada: quadro exorbitante, quadro eloqüente a clamar por justiça, a gritar amor! O poeta ao findar da noite fecha a porta do palácio, calam-se as vozes do salão:

Ao amanhecer, porém, quando os caleches
 Roubavam do prazer as flôres mortas,
 As damas do salão:
 Um vulto levantou-se da calçada
 E a mão foi estendendo de contínuo,
 Chorando a pedir pão!... (6)

Lôbo que viveu tantos anos no vício, que tantas virgens infelicitou, era um acicate, um açoite, um flagelo da luxúria. Com que palavras amargas refere-se êle à triste e desventurada vida das mulheres que perderam o norte de sua honra e de sua dignidade. Dir-se-ia que é um asceta que fala na integridade dos costumes, na beleza da virtude sempre ilibada:

Anjo mau em que mundo tu habitas?
 Tu não sabes, mulher, que a vida é nada?
 Que se acabam essas graças tão bonitas
 E a noite sucede à madrugada? (7)

Deixemos o boêmio e suas considerações sôbre a beleza da virtude e a efemeridade da vida, folhemos a obra e vamos encontrar uma sátira mais leve, não menos perspicaz e penetrante. Nas «Dispersas» sob o título «Cismando» lemos alguns versos de raro sabor irônico, mordaz e envoltos nos raios benignos do amor. O poeta procura ferir, picadas dos espinhos da roseira, espinhos que anunciam um mimo, a rosa do amor. Descreve a beleza dêste espécimen feminino, que tudo concentra nos olhos e completou quinze anos...

Saiu há pouco da escola
 Mas, já sabe tanto já!
 Que lê de cor e salteado
 Qualquer verso pé quebrado,
 E escreve Amor com H. (8)

Analisa as habilidades da dona de seus sonhos e mistura tudo nesse tom de sátira e jocosidade:

No desenho, custa a crê-lo!
 E' tão hábil tão feliz,
 Que ao retratar certa velha
 Ia traçar uma orelha,
 Saiu-lhe logo um nariz. (8)

A bela do poeta chama de todos a atenção e os versos dêle nos contam as maravilhas e por fim aconselha de um modo um tanto grotesco:

Vê tu se as jóias consegues,
 Mas olha, não vejas, não!
 Mas se é teu gôsto... consente:
 Fica com os olhos sômente,
 E o resto põe em leilão! (8)

E' jocoso o poeta nos seus motivos de impressionar a pessoa amada. O tom suave da poesia convida para a intimidade e cria um ambiente familiar.

Deveriam ter sido célebres na cidade de Pelotas as referências maliciosas de certos versos do Lôbo. «**Por que será?**» São páginas interessantes em que êle analisa os principais vícios da moda da gente da margem direita do São Gonçalo. O poeta ri e castiga, ao mesmo tempo aconselha:

Por que será que uma **santa**,
 Que não mora em oratório
 Namora em certo cartório
 E com todos pinta a **manta?**
 E' porque, crendo que encanta,
 C'uns olhos onde o sol brilha,
 Do namôro a senda trilha
 Sem precaução nem cautela,
 Sem lembrar-se que a esparrela
 Anda perto da armadilha... (9)

Na primeira estrofe foi vítima uma senhora na segunda é a dama e o marido leva advertência:

Por que será que uma dama
 Casada, se não me engano,
 Nunca abandona o piano
 E as filhas deixa à mucama?
 E' porque o marmelo em rama
 Não tem de sobra o marido,
 E a tudo fechando ouvido
 Deixa ir à revelia,
 Sem se lembrar que algum dia
 Há de brigar com Cupido... (9)

Atira seus dardos contra uma pessoa de idade que morre de amôres:

Por que será que uma **cuja**
Cujo nome não declino,

Namora certo menino
 Sendo ela uma coruja?
 — E' porque a roupa suja,
 E' em casa que se lava,
 E ela pois, sendo uma escrava
 Do preconceito, pretende,
 Visto que tudo se vende,
 Comprar o fogo de... lava. (9)

O alvo de seus tiros não é somente o frágil sexo, os homens e os moços também sentem os ardores das setas que lhes dirige:

Por que será que o Mingote
 Que tem as vistas cansadas,
 Vê de longe as namoradas
 E atrás delas anda a trote?
 — E' porque o Dom Quixote
 Também viu moinhos de vento,
 E de amor o pensamento
 Tem mais fogo que a retina;
 Onde está uma menina,
 Foge o sol por um momento. (9)

Assim vai castigando os vezos dos outros, colocando em tudo uma pitadinha de sal e um sorrisinho malicioso...

Luis Jácome fêz um notável invento útil na arte de cavalgar. O poeta aproveita o ensejo para uma notável sátira às pessoas de seu tempo e da sociedade pelotense:

Senhor, o teu grande invento
 Tem nos feito admirar!

.....

Vem a recomendação do poeta:

Não maltrates só os brutos
 Dêsses que têm quatro pés
 Temos outros mais incultos,
 Até formados em leis;
 E se quisesses domá-lós
 Talvez mais do que os cavalos
 Te dessem coices fatais!
 Mas não temas, vem depressa
 Põe a sela ao que mereça
 Monta aquêle que te apraz! (10)

Continua enaltecendo o invento científico:

A ciência animaleja,
 Trata de aperfeiçoar,
 No club e até na Igreja
 Tens bastantes que domar!
 Dos padres castiga o êrro
 Mas, com esporas de ferro
 A fincar-lhes no garrão

E se faltarem-te ao passo
 A corcovo e monotago
 Tens um chicote na mão! (10)

Conclui veemente e decidido na arte de bater em quem precisar:

Eia, não tardes, atleta!
 Vem abrir escola aqui,
 Seja embora, o teu poeta
 Sujeito também a ti;

(Momento admirável, reconhece Lôbo que também precisa ser domado e batido...)

Mas antes que tu me **piques**
 Hei de ver muitos **repiques**,
Picados por tua mão!
 Hei de ver **emboçalado**
 Muito doutor... deputado...
 Muito visconde... barão!... (10)

Lôbo da Costa é incorrigível na sua ira contra os magnatas da nobreza e do poder, a razão é óbvia e a raiva viverá nêle enquanto êle viver!

A sátira do Lôbo mergulha no humorismo, num tom todo especial. Humor de alma que sangra, riso de lábios que crestaram sob o pranto... Apesar de tudo êle sorri. A vida é dolorosa mas é preciso rir da própria dor. Êle mesmo nos revela o estado de sua alma na poesia «**Sorrir**»:

E' preciso sorrir...

 E raras vêzes no meu rude engenho
 Solto o grito subtil das alegrias,
 Salta o riso em torpor.
 Respeito a dor das almas mais sombrias...
 Choro com elas... e se um riso, eu tenho,
 E' que eu rio de dor! (11)

As coisas mais corriqueiras emprestam ao poeta motivos para humorismo, para quebrar com um sorriso a monotonia do terrível cotidiano é o que nos mostra a poesia «**À meia-noite**»:

A noite é de luar... e que não fôra!
 Temos bicos de gás no lampadário.
 Quero o dia aguardar cantando trovas,
 Como canta frei João no Seminário. (12)

Para uma alma como Lôbo não é necessário muita coisa para impressionar, alma pronta a todos os sentimentos, espírito disposto a tôdas as mutações do ambiente.

Na página 124 de seu livro «**Lucubrações**» conta-nos a linda anedota do «**Comunismo de pés**». Dois moços viviam na mesma pensão e calçavam um par de sapatos, quando um calçava o esquerdo o outro usava o direito. Assim foram vivendo neste mundo e a composição assim termina:

Morre por fim o Pilades de casa...
 O mais velho... o mais pobre! Orestes chora,
 E pede à terra em lágrimas banhado
 Que seja leve agora

A quem pouco a pisou com seu calçado. (13)

O humorismo gaiato de Lôbo é algo de pitoresco, qualquer coisa torna-se para êle motivo de hilaridade. «Um passeio de tilbury» é outro passo anedótico contado com graça e elegância. A proposição da poesia é um pensamento assaz conhecido mas enunciado com rara fineza e maestria:

Ganha-se pouco, mas a vida é larga
 Quando se vive de ilusões qual eu!
 Nem sempre o fruto do presente amarga
 Quando é comido com favor do céu.

Tem êle um pensamento elevado, um ato de fé na Providência e vai dando seu passeio pela cidade. Passa pelas ruas, diante dos edificios, moças gentis nas janelas... Sorrisos... O poeta torna a passar para usufruir mais e mais das doçuras daqueles sorrisos por fim percebe o engano, engano de coração enamorado, engano que nos faz rir a bom rir:

Sube do caso... da galhofa enfim,
 Tudo por artes do senhor Diabo
 Ela, a pequena, não sorriu de mim,
 Riu-se da bêsta, que não tinha rabo! (14)

Concluindo as considerações sôbre o humor de Lôbo da Costa diremos que foi realmente um satírico que não poupou altos dignitários da Igreja e do Estado em sua missão de Juvenal de Pelotas e na sociedade do Sul. A sua sátira abrandou e até mesmo nos trouxe chocarrices que amenizaram sobremodo o andamento destas linhas. O temperamento de Lôbo era muito social, sua companhia devera ter sido muito procurada e muito divertida. Os azedumes de uma parte de sua obra não devem impressionar mal nossa retina, criticava e criticava acerbamente e em seguida era o poeta jocoso, amigo de todos e respeitoso das dignidades militares, civis e eclesiásticas.

Dum sabor todo especial é a composição «Ao meu chapéu alto». O poeta dirigese numa espécie de despedida ao velho chapéu.

Como estás acabado! Que mudança
 Vejo em ti neste instante! Grande céu
 Eu que te vi há pouco tão criança
 — Ver-te de barbas brancas, meu chapéu. (15)

Na décima primeira estrofe, choroso se despede do querido **chapéu alto**:

Té meu pobre chapéu quando morreres!
 Ao lixo não irás... de mim bem junto
 Aos evos bradarei: «Aqui repousa
 Um chapéu que foi gente e hoje é defunto».

O poeta dirige-se numa espécie de despedida ao velho chapéu. nos estar a transformar-se num manso e humilde propagador de anedotas, cada qual mais interessante. Revela fino gosto educativo pelo modo que a anedota, com singeleza e com o cuidado de nada decair para o lado fescenino.

O *Cabrion* n.º 57, de 1880, nos traz uma anedota bem interessante intitulada — **Descuido**. Conta a chegada a uma estalagem de um pobre viajante, todo molhado e tiritando de frio. Nada pede, quer fogo e calor. Achega-se ao fogão e estende as pernas junto às labaredas. De madrugada:

«Acorde! brada a criada,
Olhe que queima as esporas...
Além disso, meu amigo,
Amanhece, já são horas!»
— Quais esporas!... são as botas
Que êstes sustos me causaram?
— Não senhor, são as esporas
Que as botas já queimaram!... (16)

O poeta em pretensões de estudar ciências jurídicas não podia passar indiferente perante os discípulos de Galeno. A êles também dedicou anedotas, a êles também moveu uma crítica fina e mordaz.

Na revista «**O Cabrion**» n.º 59 de 1880 lemos as estrofes intituladas «**Barrate**»:

Foi demitido um empregado
De certa repartição
O qual jurou de matar
Muita gente à sua mão!
Chamado logo à policia
Respondeu com voz ferina:
«Pois, não me tirem o emprêgo!
Vou estudar medicina!» (17)

Neste mesmo número 59 encontramos outra anedota jocosa e de sabor infantil sob o título: «**Simplicidade**»:

Duas crianças brincavam
Saltando pelas janelas
E vendo vir duas vacas
À outra disse uma delas:
«Vês aquela vaca branca?
E' a que dá leite, Zezé.
— E a preta? — pergunta o outro.
«A preta... dá café!» (17)

Na mesma página da supracitada revista lança sua sátira contra o avarento sob a epigrafe de «**Já?!**»:

Estava um torpe usurário
Nas agonias da morte,
E ao médico que ao lado tinha
Maldizia-se da sorte.

«Que inferno êste em que vivo!»

Curtindo dores dizia.

Respondeu-lhe o bom Galeno:

— «Muito cedo principia!» (17)

Encerramos as rápidas considerações sôbre a sátira na obra de Lôbo da Costa dando um parecer dêle sôbre o pobre e ganancioso amante:

O amante tolo

E' como o cão:

Tanto mais adora

Quanto mais lhe dão. (18)

Os satíricos surgem em geral numa época de decadência política, Juvenal surgiu quando Roma principiava esboroar-se; entre os escombros do colosso romano o poeta castigava as ambições e as licenciosidades da pátria dos Césares por meio de seus versos; Lôbo aparece no entardecer da monarquia dos Braganças, ao descambar das glórias de uma nobreza que nem dominou um século! Vergasta o poeta com suas sátiras e motejos os costumes decadentes de uma sociedade que não terá amanhã na história...

O poeta ereto sôbre as ruínas do cataclismo lança seus versos à posteridade e ri-se de tudo quanto se abala, cai e desaparece...

CONCLUSÃO

O poeta não se conforma com tantas maldades humanas, apesar dêle não ser tão bom quanto querería, revolta-se e com as setas da sátira quer transformar a sociedade, corrigir os vícios, combater o mal e tornar o mundo melhor.

Lôbo da Costa em tôda a sua obra arquitetou um plano para o bem-estar do mundo que roda e roda para uma constelação de venturas e glórias sempiternas...

Lôbo da Costa cumpriu sua missão de vate boêmio que passa pela vida semeando em qualquer alma uma semente, uma semente de confôrto e de amor!

As páginas das Lucubrações, das Dispersas, das Flôres dos Campos, das Auras do Sul, do Filho das Ondas, hão-de-perdurar enquanto existir a língua de CAMÕES e de Catulo da Paixão Cearense.

NOTAS

- 1 — Cf. Augusto Magne, S.J. — Princípios Elementares de Literatura — 1935, Cia. Ed. Nacional — pág. 207 e 208.
- 2 — Auras do Sul
Homens de Roma — pág. 31-36.
Poema dedicado a Joaquim N. Epaminondas de Arruda.
- 3 — Auras do Sul
O Rei e o Operário — pág. 64-65.

- 4 — Auras do Sul
Sem Título, pág. 97-98.
- 5 — Auras do Sul
Adeus (À Sombra do Salgueiro) — pág. 22. Poesia dedicada a Maria, seu amor dos Molhos da Banda Oriental.
- 6 — Auras do Sul
Um canto do século — pág. 52-56.
- 7 — Auras do Sul
Mulher Perdida — pág. 141.
- 8 — Dispersas
Cismando A.M.R.J. — pág. 53-57.
- 9 — Flôres do Campo
Por que será? pág. 47-51.
Poesia descrita para a sociedade de Pelotas em 1877.
- 10 — Dispersas
Conversemos, pág. 35-38. Poesia dedicada a Luiz Jácome.
- 11 — Lucubrações
Sorrir — pág. 121. Primeira poesia do grupo que êle intitulou «**Humorísticas**».
- 12 — Lucubrações
À meia-noite — pág. 123.
Nesta poesia versa sôbre «coisas do cotidiano».
- 13 — Lucubrações
Comunismo de pés, pág. 124.
- 14 — Lucubrações
Um passeio de tilbury — pág. 125. — Passeio realizado em São Paulo ao bairro de Santa Efigênia, 1874.
- 15 — Lucubrações
Ao meu chapéu alto — pág. 126-127.
- 16 — O Cabrion, pág. 7, n.º 57, Pelotas, 1880.
Descuido.
- 17 — O Cabrion, n.º 59, pág. 7, de 1880.
Barrete.
- 18 — Gazeta Mercantil, pág. 7, de 5-5-1878, n.º 14.
Pensamentos.

MONOGRAFIA DA PROFISSÃO DE TÉCNICO EM EDUCAÇÃO

RUTH CABRAL

I. HISTÓRICO

Para alcançar as raízes históricas da profissão de Técnico em Educação é preciso fazer uma busca à vida educativa dos povos. Este exame nos revela que os teóricos e técnicos em educação estiveram primitivamente em estreita ligação com certos grupos da comunidade, como sejam a família e a religião. Assim, vamos encontrar nos antigos livros sagrados as primeiras considerações sobre a educação. Mais adiante já vamos deparar com a teoria educativa servindo de instrumento da política: é a época dos grandes legisladores e filósofos, como Catão e Aristóteles. No período medieval deparamos com os grandes catequistas cristãos, como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, preocupados com esta questão. O Renascimento, com a Reforma, revolucionou o mundo com novos princípios e diferentes conceitos sobre o homem e dessas considerações encontramos reflexos nos escritos de Erasmo e Lutero. A época moderna, com o iniciar do método experimental, leva a grande número de filósofos e cientistas a trazer novos conceitos para o campo educacional. No fim do século XIX e começo do século XX vamos deparar com o período áureo dos inovadores da teoria e técnica educativa, com Pestalozzi, Binet, Dewey e outros que lançam as bases da teoria científica da educação. Da mesma forma que na Europa e Estados Unidos vamos encontrar na América Latina e no Brasil a preocupação de aplicar cientificamente as conquistas das várias ciências do homem na elaboração de técnicas educativas adequadas à realidade de cada país. Surge então o técnico e perito no setor educativo.

Parece que, oficialmente, o cargo de técnico em Educação, no setor federal, já existia antes de 1939, mas com a criação da Faculdade Nacional de Filosofia passou a ser exigido o grau de Bacharel em Pedagogia para o preenchimento do cargo.

No Rio Grande do Sul, a história do cargo de Técnico em Educação, apresenta, cronologicamente, as seguintes fases:

- 1929: Foi criada, na Secretaria de Educação, a Diretoria de Instrução Pública, com uma divisão técnica, da qual faziam parte professores com experiência didática.

- 1941: Foi reorganizada a Secção técnica e criados cargos de Assistentes técnicos e Auxiliares Técnicos.
- 1945 e 46: Foram criados cargos de Técnicos em Educação.

II. IMPORTÂNCIA

A vida e a organização sociais têm assumido, no presente século, uma complexidade cada vez maior. Todos os setores da administração pública e privada exigem sempre mais e mais planejamento e resolução dos problemas por técnicos especializados. O setor educativo não podia fugir às exigências da demanda urgente de especialistas que, domiando o panorama geral da educação, estivessem em condições de examinar os problemas específicos das necessidades nacionais, planejar medidas para soluções educativas e regular a consecussão dêstes propósitos.

Vários estudiosos têm encarecido a importância do técnico em educação. Diz a respeito, A. Carneiro de Leão: «Poucos homens de estado nos tempos atuais poderão ter ação mais nefasta ou benéfica na formação, no crescimento, no aperfeiçoamento de uma nacionalidade e de um povo. Ele é um dos condutores do pensamento educacional em seu meio. Sua preparação deve ser alta, sua cultura geral e sua visão do mundo, clara».

Das atividades eminentemente diretivas e sociais que deve exercer decorre, pois, a importância das funções do Técnico em Educação.

III. NÚMERO DE PROFISSIONAIS EM OCUPAÇÃO

Atualmente, no Rio Grande do Sul, de acôrdo com o Decreto N.º 2020 de 2-1-53 (que regulamenta a função pública no estado), há 30 cargos de Técnicos em Educação lotados no Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais e no Serviço de Orientação e Educação Especial.

IV. NECESSIDADES DE TRABALHADORES

O número de pessoal exercendo as funções de Técnico em Educação é ínfimo em face do volume de trabalho que o setor educativo do estado exige. O crescente aumento da rêde escolar, trazendo necessidade urgente de direção técnica em múltiplos campos; a criação de novos órgãos na Secretaria de Educação, com problemas urgentes a serem objetivamente resolvidos, abrem perspectivas para o aproveitamento de pessoal nestes ramos de trabalho. Por outro lado, a situação presente de contenção das despesas públicas impede a criação de novos cargos, ainda que os órgãos que utilizam as atividades dêste técnico o tenha solicitado. Superada a presente crise financeira é de esperar-se que as exigências do ensino levem à oportunidade de aproveitamento de grande número de pessoas nesta especialidade.

V. DEVERES

A) Atividades específicas.

Dois órgãos da Secretaria de Educação prevêm, na sua organização, atividades que serão realizadas por Técnicos em Educação: o Centro de Pesquisas e Orientação educacionais e o Serviço de Orientação e Educação Especial. As atividades dêstes técnicos estão definidas por lei e são delimitadas:

- a) No Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (órgão diretamente ligado ao Secretário de Educação) e, cuja função precípua é a realização de estudos e investigações psicológicas, pedagógicas e sociais, destinadas a manter em bases científicas o trabalho escolar) pelos Decretos n.ºs 242 de 13-10-42, 3856 de 11-2-53 e 4207 de 10-10-53 como sendo:

- Estudar os assuntos e executar os trabalhos confiados por seu Diretor.
- Submeter à aprovação superior os planos.
- Traduzir, adaptar e aplicar testes psicológicos, proceder ao tratamento estatístico, instruções metodológicas, provas, diagnósticos de trabalho útil ao ensino.

Entre os trabalhos e assuntos confiados pelo Diretor do órgão estão todos aquêles realizados no centro e que são:

I — Realizar estudos e pesquisas sôbre:

- a) O educando em todos os aspectos que interferem no processo educativo;
- b) A aprendizagem — princípios e leis, métodos e materiais;
- c) O meio escolar — instituições, recreação e relações com o meio social.

II — Contribuir para maior eficiência da educação em geral mediante:

- a) A divulgação de estudos e pesquisas realizados no campo educacional, no país e no estrangeiro;
- b) A elaboração e publicação de livros didáticos, instruções metodológicas e do material útil ao ensino;
- c) A manutenção de uma biblioteca pedagógica para uso de professôres e estudantes de educação;
- d) A publicação anual do Boletim do Centro.
- e) A apresentação de sugestões sôbre livros didáticos a serem publicados, sempre que solicitados por seus autores.

III — Empreender atividades de orientação, através:

- a) Da assistência técnico pedagógica às escolas, exercidas diretamente, na Capital, e através das Delegacias Regionais do Ensino, quanto às unidades do interior do Estado;
- b) Da preparação de cursos de férias e outros de especialização e aperfeiçoamento, destinados ao magistério;
- c) Da organização, do ponto de vista técnico, de cursos propostos pelas Superintendências, cabendo-lhe, neste caso, indicar os professôres, os coordenadores ou diretores;
- d) Da indicação de material didático para uso de professôres e alunos;
- e) Da elaboração de programas, planos de trabalho, comunicados, circulares e instruções;
- f) Da organização de bibliografia para professôres e alunos.

IV — Elaborar medidas para:

- a) Organização das classes;
- b) Orientação educacional;
- c) Aferição do rendimento da aprendizagem.

V — Colaborar na solução de problemas relativos à orientação educacional encaminhados ao órgão por orientadores educacionais, diretores ou professôres de estabelecimentos de ensino:

- a) Opinando sôbre a orientação educacional mais conveniente em cada caso, com fundamento em estudos realizados sôbre a personalidade do educando e suas aptidões especiais;
- b) Investigando as possíveis causas de desajustamentos individuais ocorridos no meio escolar e estabelecendo a terapêutica pedagógica adequada.

B) No Serviço de Orientação e Educação Especial (cuja finalidade é atender a crianças e adolescentes nos casos em que as escolas comuns do Estado não tiverem recursos para a solução satisfatória) pelo regimento interno do órgão, onde se estabelece competir ao Técnico em Educação:

- a) Aplicar e corrigir provas pedagógicas.
- b) Reunir os dados para uma interpretação pedagógica dos casos.
- c) Elaborar planos individuais de orientação pedagógica para os casos estudados.
- d) Orientar e supervisionar o trabalho didático das instituições complementares (Escolas Especiais e Classes Especiais).
- d. Fazer aconselhamentos.

Compete-lhe, ainda, atribuições comuns a todos os funcionários técnicos do órgão:

- a) Lecionar nos cursos organizados pelo Serviço.
- b) Promover reuniões de pais e professores com fins de orientação.
- c) Realizar palestras para as quais forem designados.
- d) Cooperar na realização de pesquisas que interessem ao Serviço.
- e) Participar das reuniões de estudos para o aperfeiçoamento do pessoal.
- f) Participar dos seminários de estudo de casos.

B) Definição da ocupação.

De acordo com a Lei n.º 2020 de 2-1-53, que classifica os cargos do serviço público civil, a função desempenhada pelo Técnico de Educação está definida como um serviço de Educação e classificada no grupo de Pesquisas e Orientação Educacional.

Conforme a opinião dos que labutam nesta atividade, o Técnico em Educação desempenha várias funções, tais como:

- **Pesquisa:** estudo e experimentação de novos processos didáticos, detecção das causas de insucesso escolar, inovação de métodos de ensino mais atualizados.
- **Didática:** ensino de novas técnicas, aperfeiçoamento dos conhecimentos teóricos e práticos dos professores.
- **Administrativa:** planejamento de currículos, programas e atividades.
- **Orientadora:** resposta a consultas de professores, diretores e outros sobre problemas educativos.
- **Supervisora:** controle dos resultados do rendimento escolar, aferição da eficiência dos professores, diretores de escolas, etc.

Nestes termos, podemos dizer que o Técnico em Educação tem uma atividade que reúne as funções de professor, pesquisador e líder — nas quais deve buscar cientificamente meios para melhorar e conduzir os recursos educativos de sua comunidade, orientar e ensinar novos recursos didáticos, modificar processos antiquados, convencer elementos recalcitrantes para o uso de melhores métodos, formar a mentalidade educacional dos dirigentes e responsáveis pela comunidade familiar, escolar e social.

Professiograficamente, a atividade de Técnico em Educação pode ser classificada (conforme orientação de Mira y López) como um trabalho abstrato verbal, variável, perceptivo-reacional, que requer uma personalidade equilibrada, com inteligência superior, atitude

humanista, tendência auto-crítica observadora, bom desenvolvimento da sociabilidade, boa memória de dados e informações, boa capacidade de expressão e persuasão.

VI. QUALIFICAÇÕES

1. O edital de concurso da Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do Departamento de Serviços Públicos do Estado, baseado na regulamentação da função pública instituída nos Decretos n.ºs: 920 de 27-12-49, 1751 de 22-2-52 e 2020 de 2-1-53, expressa as seguintes condições:

- Nacionalidade: ser brasileiro, nato ou naturalizado.
- Sexo: ambos.
- Idade: mínima de 21 e máxima de 40 incompletos (não estão sujeitos a limite de idade os ocupantes de cargos públicos, efetivos).
- Comprovação de grau de cultura correspondente ao 2.º ciclo secundário.
- Comprovação de cumprimento das obrigações militares.
- Comprovação de estar em gozo dos direitos políticos.
- Comprovação de boa conduta civil e privada.
- Comprovação de boa saúde.

2. A opinião dos técnicos em exercício nos órgãos da Secretaria de Educação é a de que esta função deva ser exercida por pessoa que:

- Tenha experiência prévia nos vários setores de educação.
- Tenha cultura geral e específica de nível universitário, preferentemente Bacharelato em Pedagogia.
- Tenha realizado cursos de especialização nos campos das técnicas metodológicas educativas modernas, de legislação e organização escolar, de filosofia e história da educação, de fundamentos sociais da educação, de biologia e psicologia educacionais, etc.
- Domine, pelo menos, dois idiomas além do pátrio, entre os quais inglês, francês, espanhol e alemão.

VII. PREPARAÇÃO

A) Instrução geral.

De acôrdo com o edital de concurso, já citado, exige-se apenas curso de nível correspondente ao 2.º ciclo, sem especificação do tipo de preparação. No entanto, o mediano bom senso leva a considerar que uma pessoa com os conhecimentos gerais dados num estabele-

cimento de cultura propedêutica não está capacitado para êste trabalho. E' preciso que tenha realizado uma formação eminentemente pedagógica como a que se proporciona nas escolas normais (gimnásio e normal) para que tenha o mínimo «back-ground» cultural para realizar sua tarefa com possibilidade de sucesso.

A tendência atual e a opinião das pessoas que exercem o cargo encarecem como desejável uma formação mais ampla, de nível universitário, preferentemente Bacharelato de Pedagogia, completada com especializações em vários campos educativos. Entre estas podemos citar os cursos oferecidos pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Estatística Educacional, Orientação Educacional, Supervisão Escolar, etc.), pelo Instituto de Educação de Pôrto Alegre (Administração e legislação Escolar, Supervisão de Ensino, Especialização em classes de Jardim de Infância, 1.º ano, etc.) e de vários tipos de bôlsas de estudos em países de alto nível educacional, onde podem ser realizados estudos, observações e comparações entre o nosso e os sistemas educacionais estrangeiros.

B) Treinamento especial.

Não existe um curso específico para a formação de técnicos em educação que preveja todos os aspectos da tarefa que cabe a êste profissional. No entanto, as Faculdades de Filosofia, o Instituto de Educação e outros centros educativos, nos seus currículos, incluem atividades práticas como parte integrante do programa de formação de seus alunos. Não nos consta, porém, que haja um centro de treinamento para tal função.

C) Experiência.

Os órgãos da Secretaria de Educação, que utilizam o trabalho do Técnico em Educação, dão preferência exclusiva a pessoal que:

- Além de formação teórica, tenha experiência didática em qualquer setor educativo (pré-primário, primário, secundário, normal ou superior) de, pelo menos, 5 anos.
- Tenha labutado em funções de direção ou supervisão de escolas, tais como: diretores, supervisores, delegados regionais de ensino.
- Tenham demonstrado comprovada capacidade de trabalho, cultura pedagógica atualizada demonstrada na atuação docente.

VIII. MÉTODOS DE INGRESSO

A forma de ingresso no cargo está prevista nas leis que regulamentam os serviços públicos do Estado e consta de concurso de títulos e provas, especificados como segue:

- a) Prova escrita que consta de dissertação e resolução de questões objetivas sobre assuntos educacionais: Até 100 pontos.
 b) Prova de títulos que consta de pontos por:

- Exercício efetivo no cargo durante 730 dias ou mais: Até 80 pontos.
- Idem, inferior a 730 dias: Até 70 pontos.
- Títulos, pelos quais se possam verificar condições específicas de capacidade para o exercício do cargo: Até 70 pontos.
- Outros documentos pelos quais se possam verificar condições de nível cultural e comportamento em qualquer setor de atividade: Até 50 pontos.

A prova de títulos não pode exceder de 100 pontos.

A aprovação requer média 50 em cada uma das provas a) e b).

Atualmente existem vários Técnicos em Educação efetivados no cargo por decreto e outros, exercendo interinamente a função. Em 1955 o Departamento de Serviço Público publicou edital de abertura de concurso que teve sua realização sustada em face de protesto dos Técnicos em Educação (interinos e efetivos) não concordarem com as condições dos mesmos, isto é, não haver exigência de formação didática específica.

IX. PERÍODO ANTES DE ADQUIRIR COMPLETA CAPACIDADE PROFISSIONAL

Para o exercício da função, não há período de treino, mas é lógico que os técnicos com maior número de anos de experiência e mais estudos estão melhor capacitados para o desempenho de suas atividades.

X. PROMOÇÃO E AVANÇAMENTO

A função de Técnico em Educação efetua-se dentro de cargos isolados, não constituindo carreira.

XI. OCUPAÇÕES AFINS A QUE O TRABALHO PODE CONDUZIR

O Técnico em Educação pode ser designado para qualquer atividade de chefia de órgãos técnicos e administrativos da Secretaria de Educação. O critério estabelecido pela maioria dos Secretários de Educação tem sido o de utilizar o trabalho dos Técnicos em Educação, com vasta experiência e atuação marcante, nas atividades de chefia de órgãos como: O Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, Serviço de Orientação e Educação Especial, Superintendências de Ensino, etc. Todas estas são funções de comissão e confiança.

XII. VANTAGENS

O Técnico em Educação goza de tôdas as vantagens atribuídas ao funcionalismo público e mais as decorrentes de seu cargo, ou sejam: salário, gratificações, diárias, ajudas de custo e outras.

— **Salário:** O cargo, quanto ao salário, está classificado no padrão 7.º (último) da tabela de vencimentos, correspondendo a Cr\$ 10.000,00 (Dez mil cruzeiros). Trienalmente há um avanço automático de Cr\$ 1.000,00 (Um mil cruzeiros). Este salário está sujeito aos seguintes descontos:

— 5%: contribuição ao Instituto de Previdência do Estado.

— 2%: de acôrdo com a Lei n.º 3096 de 31-12-56 (aumento dos inativos).

— Tantos dias de serviço quantas forem as faltas não justificadas.

— Um têrço do salário diário por chegada após ou saída antes da hora regulamentar.

— **Licenças:** Cabe-lhe o direito de licença, sem perda de vencimentos:

— Para tratamento de saúde ou acidente no exercício da profissão.

— Para tratamento de moléstia de pessoa da família.

— **Gratificações:** De 15% e 25%, a partir da data que completar, respectivamente, 15 e 25 anos de serviço efetivo.

— **Diárias:** Por deslocamento da sede de trabalho em objeto de serviço.

— **Ajuda de custo:** Por transferência ou nomeação para cargo em comissão em nova sede, estado ou estrangeiro.

Por tarefa que o obrigue a ficar fora da sede mais de 30 dias.

— **Licença prêmio:** De 6 meses, após 10 anos ininterruptos de trabalho efetivo.

— **Aposentadoria:** Com 35 anos de serviços efetivos.

Por invalidez para o serviço público motivada por: moléstia, acidentes ou agressão não provocada, no exercício de suas funções.

— **Acumulações:** Como cargo técnico dá direito a exercer cumulativamente função docente em estabelecimento educacional de qualquer grau, desde que o sujeito esteja habilitado para tal, provada a compatibilidade de horários.

— **Abono familiar:** Por filhos menores solteiros.

— **Prêmios:** Por autoria de trabalhos considerados de interêsse público ou de utilidade para a administração.

XIII. HORAS DE TRABALHO

A) O técnico em Educação está sujeito ao regime de horário dos funcionários públicos que, atualmente, é de 6 (seis) horas, exceto aos sábados, em que há meio expediente. O horário semanal é de 33 horas.

B) Atualmente estão vedados os horários extraordinários remunerados, no entanto a natureza da função exercida pelo Técnico em Educação exige-lhe horas extras de estudo e pesquisas.

C) As férias são anuais (30 dias consecutivos), desde que tenha preenchido os seguintes requisitos:

- Não ter incorrido em mais de 30 faltas justificadas.
- Não ter fruído licença para tratar de interesses particulares por mais de 30 dias.

XIV. REGULARIDADE DO EMPRÊGO

O cargo, como função pública, é um emprêgo regular, não sofrendo interrupções, nem estando sujeito ao influxo dos ciclos de trabalho.

XV. RISCOS DE SAÚDE

Os riscos de saúde física e mental são relativamente normais a qualquer tipo de função pública burocrática, e estão previstas leis asseguradoras de direito a assistência e garantia contra invalidez. Entre as moléstias consideradas como dando direito a aposentadoria estão: tuberculose, alienação mental, neoplasia maligna, cegueira, lepra, mal de Addison, paralisia e afecções cardiovasculares incuráveis.

Entre os meios assistenciais a que pode recorrer está o Instituto de Previdência do Estado (empréstimos para caso de hospitalização, financiamento para construção de casa), a Associação dos Funcionários Públicos (assistência médico-dentária, exames de laboratório, raios x, etc.) e a Cooperativa dos Funcionários Públicos.

XVI. ORGANIZAÇÕES

Como função pública o cargo não está na dependência de organização patronal, mas diretamente sujeito à legislação e administração pública civil.

Ao Técnico em Educação, como a qualquer outro funcionário público, está vedado a fundação de sindicatos. No entanto, cabe-lhe o direito de fundar associações para a defesa de seus interesses, para fins beneficentes, recreativos e de economia e cooperativismo. Nestes moldes há duas instituições: a Associação dos Funcionários Públicos e a Cooperativa.

XVII. LUGARES TÍPICOS DE EMPREGAMENTO

Atualmente, no Estado, é a Secretaria de Educação a única repartição pública que utiliza o trabalho do Técnico em Educação. As organizações particulares (associações educativas, estabelecimentos de nível primário, secundário e superior) estão sujeitos à legislação oficial, atendo-se aos preceitos e orientação geral dos órgãos técnicos da organização federal ou estadual.

XVIII. INFORMAÇÕES SUPLEMENTARES

Fontes de informação para maiores esclarecimentos podem ser buscadas:

- Na leitura de:
 - Leis e decretos referentes ao funcionalismo público civil do Estado.
 - Regimento interno do Serviço de Orientação e Educação Especial e arquivo de leis referentes ao Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais.
 - Na consulta à Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento de Pessoal, do Departamento de Serviços Públicos do Estado.
 - Na entrevista com pessoas que exercem ou exerceram a profissão, entre as quais:
 - Da. Olga Acauan Gayer, ex-titular da Diretoria Geral da Secretaria de Educação.
 - Da. Amnéris Fortini Albano, ex-Superintendente do Ensino Normal.
 - Da. Ida Silveira, diretora do Serviço de Orientação e Educação Especial.
 - Da. Graciema Pacheco, catedrática de Didática Geral da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ex-Diretora do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais.
-

B I B L I O G R A F I A :

1. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica: dezembro de 49, junho de 50 e março de 52.
 2. Manual de Orientação Profissional — Mira y López.
 3. Introdução à Administração Escolar — A. Carneiro de Leão.
 4. História da Educação — Bento Andrade F.º.
 5. Noções de História da Educação — T. de Miranda Santos.
 6. História da Educação — Monroe.
 7. Noções de Administração Escolar — T. Miranda Santos.
 8. Educação Comparada — Milton Rodrigues.
 9. The Fundamentals of Public School Administration — Reeder.
 10. Enciclopedia de la Educación Moderna — H. Rivlin.
 11. Arquivos históricos do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais.
 12. Regimento Interno do Serviço de Orientação e Educação Especial.
 13. Diário Oficial do Estado, de 24-2-55.
 14. Leis e decretos referentes ao funcionalismo estadual.
-

DIONISIO FUERTES ÁLVAREZ

RECONSTITUIÇÃO DUM ITINERÁRIO — TEMPO INTERIOR

Betty Brognoli Borges Fortes

— Irmão, nunca mais escreverei comentários. Este é o último.

— Sim, o último até que se publique o meu novo livro...

E assim foi. Não escrevi mais. Não havia mais necessidade de escrever. Tão pouco havia coisas que me interessasse dizer...

Naquela manhã, há tantos dias, saí do gabinete d'êlé com as obras completas de San Juan de la Cruz. Depois de ler o místico, e meditá-lo, compreendi que havia, pelo contrário, muito que dizer. Nós falávamos regularmente, ano após ano, com a regularidade e constância de um determinismo, e afinal de contas, só agora fico sabendo que nós falávamos a mesma língua. Por isto é que eu sempre compreendia o que se passava na sua intelectual e interna química mística. Dionisio Fuertes Alvarez sempre recordou a minha esperança, pois que a minha alma se completa nas próprias reminiscências. Ele nunca mo disse, mas eu sabia qual era o céu que o tentava.

Por isto. Ambos renunciávamos lentamente aos luxos e às exorbitâncias técnico-estilísticas. Afinal, o que significa Olimpo para o Homem viajante, senão um ocaso triste de «faunos senis e bacantes mortas?»

Para nós, a linguagem poética, a acuidade poética, servia para indagar pela eternidade afora:

«— Passou o Amado por aqui?

Passou o meu Rei por estas bandas?»

E caminhávamos, carmelitas e descalços, em espirais, pela senda sulcada de suor, de sangue e de esforços. Evidentemente que fica um pouco dêste esforço nas florestas que se iluminaram. Há a neve que desceu do pranto e soterrou nossos festins de formas esplendentes. Eis que ficamos humildes e mansos de coração, e caminhamos tensos e doloridos. Tensos como carneiras em tambores funerários. Desceu um manto de neve e gelou o sangue dos homens de repente. Quando isto aconteceu, Dionisio Fuertes Alvarez me deu um roteiro para que entrasse e me resguardasse no Castelo. Despedimo-nos e fomos cada um para seu lado.

Agora eu pergunto que significado tem a poesia neste trabalho

imenso? Salvaguardar o próprio espírito ameaçado? Nada, não fôra ser uma vibração permanente, uma ladainha constante, a encher o coração infinito do espaço. Micromassagens a derreter pesados corações de gelo. Poetar é cantar uma prece e adormecer, guardando uma fé que poder algum da terra deixa então morrer.

Sim, porque eu entrei esta noite no Castelo, e êle veio me receber. E foi, não há dúvida, uma gentileza do Rei. Reconheci os signos que êle semeara ao passar. «Tempo Interior» se revelava, e por isso vai agora tempo interior com um ano de atraso. Certas experiências resultantes de sublimação em dimensão já não no psicológico-subconsciente, mas nas próprias terceiras dimensões do espírito, somente podem ser integradas com o próprio sangue, com a própria experiência, com a própria caminhada. E' o sentido da nova análise da realidade espiritual do homem ainda com assentos na psicologia que tão bem está representando no Ocidente o Círculo Vienense de Psicologia Profunda, dirigido, atualmente pelo Prof. Igor Caruso.

E o laborioso caminho da investigação analítica, não podia ficar, como efetivamente não ficou na Primeira Porta freudiana. O espírito avançou, e conseguiu estabelecer com um esforço inaudito no campo da investigação científica e aceitar o que estava perdido nos ocultos mistérios das religiões e constituíam quase-tabus para o escrúpulo ingênuo infantil e mórbido do pseudo-intelucismo do espírito científico. Entretanto, o espírito caminhando, fatalmente encontra estas grandes barreiras. Pode sentar-se na Primeira Porta. E' lógico. Entretanto, o «plus» existe, é e será objeto de investigação, ainda que o seja concomitantemente de veneração e culto, porque sempre, ao se atingir a etapa mística da alma, ela fatalmente se integrará nos limiares de sua Origem, e digo origem, porque nesta altura já o fim está presente, mas ainda como inatingível princípio.

Processa-se no espírito humano o fenômeno de cruza onde o espírito humano penetra, e treme, arrepiado da sua própria verdade e presença desencadeada. Jung trouxe-nos esta verdade como possível. Examinou a mística, os signos encontrados no Oriente. (China — o segrêdo da flor de ouro...) E desde então a pesquisa não parou. A mística medieval penetra como uma necessidade de completação nos domínios todos da cultura. O esforço é necessário, e o resultado que Franz Kafka expressa no «Castelo»: entrar ou não. Como Santa Teresa, entra-se no «Castelo» ou não se entra. Entretanto, para o analista, já o castelo é signo claro e perfeitamente integrado no patrimônio da completação espiritual. Assim sendo, já se estabelece a paragem transcendental do espírito, além da vegetação subconsciousiente, imanente e completa em si, tanto que há investigadores que não sentem a necessidade de sair dêste primeiro painel de investigação. E' além, é num painel mais arejado se bem que extremamente laborioso, porque é ativo e criador, que estão os limites do poeta-místico Dionísio F. Álvarez — Poesía e Beleza. Tan-

to, que já a própria análise nesta nova dimensão, há de ser, e o pode, e o deve, ativa. Assim o entendem, tanto os psicólogos como os guias da vida espiritual.

Este é o clima, e este é o itinerário, cheio de ameaças e tempestades. Dionísio F. Álvarez, é um dos viajantes que chegaram. Vamos ver os sinais deixados em sua obra poética.

Elementos preparatórios: A condição:

Ninguém diria que da pedra dura
e no deserto que **ninguém habita**
fôsse nascer esta fontana pura
que só eu conheço para minha dita.

.....

Quando as rosas se inclinam calcinadas...

(Tempo Interior — p. 19)

Em todos os que fazem reduções espirituais há esta primeira solidão, não tanto procurada como encontrada, após as primeiras manobras purificadoras em busca de uma autenticidade e pureza interna.

Provada e aceita esta aridez infinda e extremamente difícil, se esboça nitidamente a presença:

TU

Certo que não sou eu, és Tu que pensas,
tremes e cantas, gemes e suspiras,
que em mim, por mim e para mim deliras,
na exaltação de aspirações imensas,

Tu que susténs sensivelmente tensas
as cordas de cristal das minhas liras,
Tu que manténs rubras em **mim as piras** (signo flamejante
encontrado no Yoga do fogo)

Tu que moras em mim, oras e incensas.

Dada a primeira crise, e a grande experiência interna, encontra-se o grande mar que deve ser atravessado, a consciência ativa sempre presente, com seus reclamos insaciáveis:

MARES

Fora está o mar mutável e infinito,
o mar de sempre, calmo ou assanhado,
ou de espumosa alvura rendilhado,
ou de furor crispando o dorso invito.

Dentro, o imprevisto mar incircunscrito,
o de abismo insondável e insondado,
enigmático, escuro, encapelado,
ou de perplexo e extasiado hábito.

Ambos encerram já mil naufragadas
quilhas de naves céleres e ousadas
que afrontaram o **negro labirinto**.

Ambos são agulhões do meu desejo,
mas eu que devassei o mar que vejo,
devassarei um dia o mar que sinto?

Que Deus se apiede dos homens! Grande o mar. Pequenas as embarcações, que uma cultura velha, cansada, nos dá as mais das vezes.

Esta é uma experiência extremamente penosa onde a alma pode e deve gritar a Deus pedindo forças. Momento em que se revela a indissolúvel relação o Deus-Poder e o Homem-Míngua. Mas o Homem-Míngua deve aceitar, pois êsse momento há de passar sozinho. A graça está em que êsse momento passe.

E Dionísio F. Álvarez vai. Plana em plena beatitude. Ressuscita docemente no coração da espuma, iluminado como uma alvorada:

NAU

Nau que partiste pela madrugada
salpicando de pétalas a espuma,
.....
que já domaste as estações revôltas,
e chegarás nimbada pela glória
num amanhã ressuscitado e belo.

(p. 29-30)

Confirma-se em ILUMINAÇÃO, onde se evidencia a insuficiência de tudo o que é transitório:

Inda que resplandeçam nas campinas
supérfluas verduras mascaradas,
.....
inda que ensaiem harpas cristalinas
notas de exaltação exacerbadas,
.....

NÃO ENCHE O MAR A GÔTA CONSEGUIDA.

(p. 32)

Existe a visão presciente do fim, da meta: «Montanha abrupta,

vertical, selada» (Subida ao Monte, de São João. Analogia de verticalidade e de ascensão).

Analogia do fogo:

Rubra fornalha, sempre iluminada
com sinistros reflexos de braseiro

(p. 35)

Alegria de uma descompressão:

O' milagre da luz, da flor, do ninho,
na colmeia da vida sem alento,
novos favos de mel para o caminho.

(p. 40)

Oh! essa poesia branca e precisa de Dionísio F. Álvarez, fatalmente faz o espírito orar!

Como Tu, como Tu, Deus inocente,
a terra em estertôres de agonia
sente sede, Senhor, nesta sombria
tarde sem ar, sem fé, torva e silente.

Uma sede total, uma envolvente
sede de exaltação e de harmonia.

Exato. Preciso. Dolorosamente, angustiosamente exato. Preciso. O caminho, além do mais, é cansativo e longo:

Um cansaço de andar e estar parado,
uma dor de saber que não se sabe,
um antro subterrâneo em que não cabe
o espírito do céu precipitado.

(p. 45)

Há o despertar:

O' primeiro contato com o recente
fogo sagrado duma vida alada!
O' posses ardente da sonhada esfera!

Neste signo místico de alto valor e significação, o ocidente abraça o oriente, numa identidade de posse e de confirmações mútuas. Então vem:

UMBRAL

Vejo-te já na alvura **evanescente**
com halos de ilibada luz vestida

num mundo lirial, onde esta vida
abandona figura e acidente.

.....

Vejo-te **chama** silenciosa e pura
translúcida, no albor duma outra esfera
no alvorecer de irrevelada norma,

sombra já de tangível criatura,
fragrância que o santuário reverbera
INCORPÓREA ASCENSÃO DE HUMANA FORMA.

Eis que respira já o sobrenatural e a posse. Sente e apalpa em verdade a sobrenatural era.

E aqui a mística ocidental dá um ponto sólido de repouso após ingente trabalho de aproximação do objeto. A HUMANA FORMA. A Crística forma, ou a forma de Maria Mãe de Jesus. Exemplo na maneira de Grignon de Monfort. Reconstituir a personalidade desfeita (água) pela desbastação investigadora ou ascética, na forma de Maria, Mãe de Jesus.

Muitos caminhos chegam à fase líquida, mas o cristão nesta fase tem um ponto alto de repouso, o Cristo. Ou, como expressam os vienenses, o Arquetipo Cristo.

Já navega plenamente no mistério. Agora vai por atração:

Rasto: Só deixarás um rasto luminoso
de poeira estela, quando às esferas
— querubim exalando primaveras (que imagem maravilhosa!)
te arrebatam um êxtase amoroso.

Deixarás um odor silencioso,
de serena saudade de outras eras,
— espírito exilado entre quimeras —
plenitude do anelo impetuoso.

.....

Já sei que astro propício é nossa meta.
Seguirei com ardores de cometa
por esta via-láctea que deixaste. (p. 64)

E deu-se a transmutação final. Este é o momento culminante da sua procura mística

Hypnos: Umbral dos paços do deslumbramento.

.....

que se projeta na alma adormecida.
Onde o ouro de lei? Onde a miragem?
E' vida o sonho, ou será sonho a vida? (p. 70)

Então deu-se o milagra:

Deflagrou a invisível labareda
e alteou seu reflexo no horizonte,
de abismo a abismo, de barranco a monte,
em lampejos de luz potente e lêda.

.....

Com o universo em vibração de pira
ardeu a alma também, nova e absorta,
e tudo foi uma inquietude em chama.

Aqui termina a história da sua trajetória mística, de união e de experiência. Segue-se a visão já transmutada da realidade.

Catedral: Com a aurora despertas transmutada..

observe-se como o espírito dita as palavras próprias do seu grau atingido.

Vesperal: Treme o silêncio que a pairar flutua
como inconsútil e velada tela

O clima de tensão em que se moverá daqui por diante, expressa-se em Tensão:

Um silêncio pejado de amarguras
encheu o peito do trigal maduro.

.....

(visão de «anima» no sentido Junguiano, oposto a «animus»)
e palpitou na sombra um inseguro
escalar de gigantes às alturas
um esperar trememente e sem alento
um olhar sem sossêgo, da amurada,
um constante medir o meridiano,
na expectativa que, alteando o vento
a praia se descubra ensolarada,
e tombe enfim o plúmbeo véu do arcano.

E finalmente o desafio e a libertação:

Espera:

Sei que a noite me envolve, me domina,
circula em minhas veias, me satura,
é meu pão e meu vinho, minha dura
almofada e amarga medicina,
mas sei que a luz espera, que germina

.....

Sei que ao redor há mãos, lábios, acenos,

.....

mas eu sou cego, surdo, imóvel,
porque já apalpo a luz, inda invisível,
e quem vive no eterno não tem pressa.

E para todo o sempre, a poesia há de confinar com uma forma de renúncia e de ascese espiritual.

FIXAÇÃO DE DUNAS

Irmão Juvêncio.

Para quem percorre a costa rio-grandense imagina-se estar num deserto de região úmida. Não é um reg sahariano. Além do mais, se distingue por sua drenagem exorréica e não possui oueds. Caracteriza-se pela desigual distribuição e extrema variabilidade vegetativa.

Não é uma simples terra de trânsito, mas há uma intensa vida econômica residente na pecuária e no cultivo do arroz e da cebola. É um oásis plantado na restinga de Pernambuco. As tradicionais tamareiras saharianas são substituídas pelos gerivás e butiãzeiros. Caracteriza-se ainda pela ausência de sebkhas e chotts. A planície a perder de vista, contudo, é uma perfeita paisagem desértica.

Os areiais que se espalham ao longo da orla litorânea tomam aspectos e larguras diversas conforme a região em que se localizam. As areias tomam colorações variadas, passando da escala cromática branco-clara a amarelo-escuro. Influem neste pormenor a idade de cada espécie e a oxidação que suportaram. Quanto à espécie sob o ponto de vista de sua formação, podemos distinguir três tipos: 1.º Barkhane, duna em crescente com convexidade do lado do vento. 2.º Sif simples (siouf no plural), duna em S e com cristas bem pronunciadas. 3.º Agrupamento dos síouf em cordões, braços, maciços e cadeias.

Do ponto de vista de sua evolução encontramos ao longo da costa rio-grandense: 1.º Mar de areias que são as dunas baixas e inorganizadas cuja orientação varia após cada ventania mais ou menos forte e persistente. Localizam-se no estirâncio. Aqui a pavimentação das praias com valvas de moluscos e sua posição para baixo nos assinala um predomínio de sedimentação geológica. 2.º Os nebkas, montículos de areia coroados com tufo de vegetação. 3.º A duna propriamente dita, cuja altura varia conforme a latitude. Em geral, no nosso Estado, não ultrapassam 10 ms. 4.º Dunas adelgadas, existentes em regiões em que a ação dos ventos é bastante mutável não permitindo grande ajuntamento de areias num só ponto, ou ainda assinalando a fase de extermínio pela ação erosiva. 5.º Páleo-dunas ou árqueo-dunas, dunas fossilizadas já bastante interiorizadas e recobertas de tênue ou densa vegetação xeromorfa. 6.º Dunas rejuvenescidas, provenientes de páleo-dunas ressuscitadas pelo desmatamento, cultura e pastagem intensiva. Reiniciam a fase

migratória após tal intervenção. De mortas passam a ser vivas (Conf. clichês: 1 e 2).

Do ponto de vista da direção encontram-se dunas que seguem os quadrantes SE, SW, NE e NW, em especial, em íntima conexão com a direção dos ventos. Acham-se freqüentemente dunas interiorizadas, paralelas a outras de que estão separadas por gargantas que tomam direções, às vêzes, em contrário aos ventos predominantes. Tal fato se liga ao enfunilamento das correntes aéreas através das gargantas imprimindo um roteiro díspar às dunas. Têm uma declividade suave do lado do vento e a pique do lado oposto. Nas horas de ventania suas cristas fumegam.

Quanto à direção dos braços das dunas apresentam-se duas teorias: 1.^a Podem ser criados pela erosão eólica. 2.^a Podem ser resultantes da acumulação de ventos de duas direções diferentes.

Não escapa ao observador arguto a linha de separação dunar. Na base, observa-se o típico aleb sahariano (cordões de areia vermelha) sobrepostos de camadas arouq (areias brancas). Entre ambas não há uma verdadeira separação, em que camadas paralelas, entrecruzadas, oblíquas, erosionadas e exumadas se entrechocam numa grande barafunda.

Estas dunas podem ter profundidades bastante variadas. Em tôrres e adjacências acham-se isoladas e sem grande penetração pelo hinterland. Êste fato pode ligar-se à proximidade da Serra que não permite uma expansão eficiente e de grandes proporções. Já, entre Tôrres e Tramandaí, a faixa se alarga um pouco, mas não constitui sérios entraves à vida das populações. Apenas obstaculizam um tanto a vida balneária zonal. De Tramandaí para o Quintão são um pouco mais largas. Nestes trechos encontram-se em atividade serviços locais de fixação dunar. Dêste ponto em diante as dunas tomam aos poucos um aspecto um pouco mais adelgado até um pouco ao sul de Bojuru. O restante trecho até os molhes de Rio Grande já apresenta dunas desérticas em que as alturas e a profundidade de sua extensão são muito maiores. O trecho de Rio Grande até a barra do arroio Xuí apresenta diversas variantes, ora altas, ora baixas com maior ou menor interiorização.

Feita esta peroração esquemática queremos entrar no ponto nevrálgico da questão de que ora nos ocupamos, a fixação das dunas. Antes de tudo, devemos frisar que a fixação dunar se processa pelos métodos natural e artificial. O primeiro dêstes métodos está em desenvolvimento dêste milênios. Em perdidos tempos do pleistoceno e holoceno quando a colmatagem ia tomando conta dos baixios praieiros, também a vegetação halófila, posteriormente o manguezal, a subxerófila, a das matas miúdas com predominância das palmáceas e a palustre recobriram a extensa região litorânea rio-grandense. Um trabalho lento e constante formou o solo que possibilitou êste desenvolvimento vegetativo. Podemos, portanto, dividir a cobertura arbustiva e vegetativa litorânea em 5 tipos principais: 1.^o Algas na

zona das ressacas. 2.º Vegetação praieira psamófita reduzida e raquítica. 3.º Formações lacustres em que se misturam a halófita e a não-halófita. 4.º Pântanos litorais do lado das lagunas e do lado marítimo com vegetação própria em cada setor. 5.º Formação de restinga subxerófila e formação de matinhas campestres incluindo zonas em que predominam as palmáceas (butiâzeiros e gerivás).

Em 1953, cf. o Pe. Rambo, conheciam-se 1072 fanerógamos que se desenvolvem na orla litorânea. Esteados em A. J. Sampaio podemos verificar a possibilidade do desenvolvimento vegetativo na restinga: «E' claro que a composição do solo influi muito para o viço da vegetação, mas o estado físico, o húmus e a umidade parecem ter maior influência.»

Estas associações arbustivas foram aos poucos e com grande persistência tomando conta da grande restinga de Pernambuco e do Albardão desde as fases incipientes da colmatagem das áreas conquistadas ao mar. Deu-se uma verdadeira enxurrada de formações vegetativas higrófilas, xerófilas halófilas e hidrófilas ou aquáticas. Não há um verdadeiro têrmo de separação. Misturam-se e auxiliam-se mutuamente no embate da sobrevivência.

Os páleo-cômoros de areia interiorizados diversos quilômetros se encontram recobertos, na generalidade, por uma vegetação mais pobre, como cactáceas, espinheiros e maceguinhas campestres. Com o desaparecimento desta cobertura protetora êles reiniciam a fase itinerante em parte ou no todo. (Conf. clichê, 3). Na opinião de A. R. Lamago o poder fixativo da flora desapareceu na zona da planície interna do Albardão. Em consequência dêste fato as dunas marcham atualmente com mais veemência para o interior avassalando zonas de boas pastagens. Não houve mudança do solo; permanece o mesmo tipo de areia, apenas estacionou a expansão fitogeográfica que não mais conseguiu galgar o cômodo, dominá-lo e fixá-lo. Estão aí vegetais que desciam do interior em marcha sôbre o mar que se encontram quais vanguardas isolados ostentando troncos vigorosos, hoje com uma ramagem enfesada e em lenta fase de extinção. A êste respeito Alberto Sampaio declara: «A diferenciação mais recente dos climas teria provocado o aparecimento de tipos novos, adaptados a condições mais sêcas, de um lado, mais frias de outro.» E' o ciclo morfobiótico das dunas com séria intromissão climática. Em seu «Curso de Botânica, Alberto Sampaio apresenta 4 biótipos das associações florísticas do cômodo: «1.º Biótipo graminóide, na rampa da praia. 2.º Biótipo herbáceo. 3.º Biótipo crassicante representado por cactáceas. 4.º Biótipo lenhoso, as árvores da restinga até o interior.» Esta sucessão não se precisa em tôdas as partes. Há interpenetrações.

A fixação dunar artificial restringe-se a certas áreas. Vamos encontrá-la em Capão da Canoa, Tramandaí e Pinhal mui esparsamente. Tais trabalhos, nessas áreas, são recentes. Na generalidade, consiste em anteparos e taipas de juncos ou colmos de milho que

são fixos nas cristas das dunas para impedir o avanço das areias. Outra modalidade é ainda, nessa área, a plantação de determinados vegetais xerófilos e halófilos de radicação intensa que possa enfrentar a mesologia adversa e vegetar sobre os cômoros ardentes. Em parte, as mudas são plantadas pelo Serviço de Proteção e Fixação das Dunas e, em parte, pelos particulares que recebem gratuitamente as mudas daquele Serviço. A ação dos particulares restringe-se a gramear e arborizar a própria propriedade. Ao passo que a supervisão do SFD se restringe às zonas adjacentes aos balneários. Além do mais não é uma ação constante para subjugar o avanço das areias. Podemos aquilatar por aí que nesta zona Nordeste e Central do litoral rio-grendense o SFD tem apenas a nobre finalidade de proteção dos balneários e não propriamente a fixação definitiva.

Na praia de S. José do Norte, fronteiro à sede municipal, e na praia do Rio Grande, dos molhes ao Cassino, vamos encontrar de fato uma perfeita organização do SFD. Apesar de não ser muito antiga sua fundação, já funcionava aí em fase experimental quando a Compagnie Française du Port de 1908 a 1915 construiu os molhes de Rio Grande. Posteriormente, tendo sido incorporados à União a obra dos molhes e canal e ao Governo Estadual as obras do pôrto de Rio Grande, aquêlê SFD também passou ao Governo Estadual que não o vitalizou com suficiência. Apenas um par de anos para esta data tomou uma verdadeira estrutura. Hoje é subordinado à Secção de Dragagem. Consta de dois setores: o Viveiro da Barra e o Viveiro de S. José do Norte. As antigas instalações existentes junto ao Pôrto de Rio Grande foram transferidas para a Barra em 1955. A Sede está na Barra.

A' direita da estação do «Trenzinho do Amor», como é apelidado em Rio Grande o trem Rio Grande-Molhes, encontra-se o Viveiro da Barra ou 4.^a Secção. Encontramos aí mudas de cedros-marítimos, acácia, marítima, lomba-verde, eucalitos, etc. Sua área é de 108m sobre a linha férrea, 232m70 do lado leste e 283m45 do lado oeste. Dispunha de 15.000 mudas de eucalitos e 18.500 de acácia, em agosto de 1955. Constantes invasões e estragos causados pelos turistas obrigou a direção do SFD a destacar um policiamento de proteção. O setor da 4.^a Secção abrange a margem oeste do Canal do Norte e da orla marítima entre a raiz dos molhes e a praia do Cassino.

O Viveiro de S. José do Norte ou 5.^a Secção plantou até agosto de 1955, 45.114 acácias trinervadas, replantou 18.814 e transplantou 16.852 e construiu 1.650m de tapume para atacar as areias. Havia naquela data 30.000 mudas em latas e 200.000 nos canteiros. Depois de uma área de 1.650m. Localiza-se no final da Avenida que parte do pôrto local.

As funções do SFD podem-se resumir nos itens que seguem: 1.^o Semear, transplantar e fazer mudas. 2.^o Fazer caixas para as mudas. 3.^o Preparar o terreno pela lavra ou adubagem. 4.^o Plantar e replantar. 5.^o Fazer cêrcas ou tapumes. 6.^o Manter vigilância sobre plan-

tações. 7.º Estudar plantas fixadoras. 8.º Conservação do material. 9.º Executar obras correlatas.

Após sérias experiências sôbre variados tipos de plantas fixadoras chegou a um resultado satisfatório. Entre os estudiosos do assunto podemos alinhar como membros destacados Corthell, Caland, Bicalho e muitos outros investigadores. Hoje, usam-se com pleno sucesso os espécimens infra relacionados:

A. Na fixação: 1.º Lomba-verde (*tessaria absinthoides*), planta que cresce ereta, emite raízes horizontais que se ramificam, não se desenvolvendo em terrenos alagados. Farta folhagem no tópo de um caule esguio em vara. Fôlhas estreitas e lanceoladas. Plantado por meio de estacas de cêrca de 50cm. Atinge 2m50 a 3m de altura. Usada em terrenos baixos por requerer boa umidade para seu desenvolvimento. Espraia as raízes superficialmente e delas brotam novos rebentos, bem longe da raiz principal ou da planta-mãe. Assim, seu crescimento rápido, em pouco tempo cobre grandes áreas, suportando areia e vento. Seria a vegetação indicada para estas imensas paragens inóspitas. Apesar de satisfazer plenamente os requisitos desta região, seu cultivo foi abandonado por serem seus brotos cobidos pelo gado. Sômente poderá ser utilizado em áreas sem pastoreio.

2.º Cedro-marítimo (*Tamarix Galica*), arbustiva e ornamental. Desenvolve-se nas areias e alagados. Multiplica-se por estacas. Desenvolvimento lento. E' resistente, sóbria e de fácil adaptação a quaisquer condições do solo. E' planta européia e introduzida no Rio Grande por embarcações, por volta de 1860. Bicalho provocou sua difusão e expansão. Lança raízes em forma de pivot que alcançam boas profundidades. E' usado com grande êxito em ambos viveiros. Batalhador invicto contra a fúria avassaladora das areias. Necessita apenas um pequeno amparo em sua juventude contra as pragas que procuram extirpá-lo.

3.º Acácia Trinervis (*Acacia longifolia*) (Conf. clichê, 4). Introduzida do Uruguai onde está sendo empregada com grandes resultados há mais tempo. Porte regular, boa copada com 4 a 6m. Serve de anteparo contra o vento. E' a planta que está sendo mais empregada atualmente. Desenvolve-se facilmente nas areias. Radiculação densa, de grande penetrabilidade e distensão lateral do manto radicular. Resumindo as vantagens da adoção desta planta, por excelência para as regiões xerófilas e empregada para combater a erosão superficial, podemos atribuir-lhe os atributos seguintes: 1. Elevada produção de sementes ou propágulos. 2. Alto poder germinativo. 3. Alta vitalidade geral. 4. Sistema radicular forte e disperso. 5. Densa cobertura do solo. 6. Assenhoreamento rápido do terreno. 7. Desenvolvimento geral rápido. 8. Cobertura permanente da área ocupada. 9. Resistência às fortes insolações. 10. Resistência ao vento. 11. Resistência ao soterramento pelo pó.

B No Florestamento. — Não basta fixar as areias, mas precisa-

se completar a obra pelo florestamento para impedir futuros reinícios dos avanços dunares. Ao arquitetar êste planejamento apoiamonos na abalizada palavra de Rawitscher: «A falta de fertilidade não impede o reflorestamento. Para salvar os solos e reequilibrar as precipitações o único remédio parece-nos consistir na arborização dos campos.» Dentre os tipos mais empregados citam-se em 1.ª plana: a) Os eucalitos em capões densos e fechados para madeira ou em caponetes isolados servindo de abrigo à pecuária. Das 500 espécies determinadas estão em uso grande número delas. b) Pinheiro marítimo, árvore tradicional na Gasconha, Landes e regiões de inundações arenárias. Esta conífera foi introduzida entre nós pela Compagnie Française du Port. c) A'lamos, em trechos miúdos, para sombra e lenha.

C. Na Ornamentação. — Aqui as espécies variam com o gôsto das pessoas. Já se restringe mais à ação dos particulares no enfeitar a fachada e adjacências dos terrenos. Já na ornamentação pública de alamêdas, praças, jardins, logradouros públicos, notamos o cinamomo, o flamboyant, o jacarandá, a timbaúva, o coqueiro e outros.

O método de fixação das dunas mais em uso é o de Alexandre Míroli que resumimos nos itens:

a) Arrasar a crista do medão, fazendo-a plana a fim de atenuar a ação do vento. O cômodo assim não «fumega», fenômeno que se observa na crista da duna em dias de vento intenso em que o transporte de areia é muito grande. Êste aplainamento impede e mesmo anula a ação eólia e favorece as vegetações dunicolares.

b) Plantar sôbre o cômodo arrasado, estacas de álamo italiano, eqüidistante de 1m. Podem-se empregar também outras madeiras.

c) Podar as árvores nos três primeiros anos, para que o tronco suba ereto, elevando-se mais, para melhor aproveitamento industrial da árvore, no futuro.

Míroli experimentou seu método em 1906 em Córdoba, na Argentina, em dunas de 10 a 15 m. com resultados positivos.

Além do mais, são usados com êxito os renques de árvores para impedir a ação desagregadora dos ventos no transporte das areias. Constituem os quebra-ventos, de emprêgo muito comum nos países de ventos dominantes e nefastos às culturas. Além do mais, poderão servir de incitamento ao combate às vóssorocas. Tais filas externas ou de barlavento são em uso também na proteção aos viveiros, tanto para defendê-los das ardências solares como das fortes rajadas de vento que ressecam solo e desenraízam as tenras plantinhas. Empregam-se com mais vantagem as espécies folhosas compactas e de pouca filtragem das correntes aéreas, tais dentro as coníferas os cipretes. Outros tipos de copas mais largas e abertas são plantados com maiores espaçamentos. Na fase do plantio usam-se jacazinhos ou latinhas para conservar a umidade e manter em tórno do raizame uma terra fofa e fértil. Na fase do crescimento e do de-

seu desenvolvimento não se deve desbastar o arvoredo como se costuma fazer com outras espécies arbóreas e em outros climas e solos. Os claros, no caso presente, somente poderiam ser um auxiliar para fomentar a erosão e o avanço arenáreo. Na época do corte terá que se agir com inteligência, derrubando carreiras em faixas intercaladas para ter sempre uma cobertura vegetativa. Quando a primeira derrubada estiver desenvolvida poder-se-á fazer o corte das outras carreiras intermediárias. E assim por diante. Em zonas mais interiorizadas far-se-á o florestamento de espécies lenhosas e de industrialização.

Dentre as vantagens que oferecem as culturas de cobertura assinalam-se:

1. Reduzem o deflúvio, e assim, conservam a umidade.
2. Impedem a erosão desmedida do solo.
3. Melhoram as condições físicas do solo, pelo incremento no teor de matérias orgânicas.
4. Impedem a lixiviação de elementos nutritivos disponíveis.
5. Enterradas, originam ácidos orgânicos ou outros compostos, que contribuem para a libertação de elementos nutritivos minerais.

A seguir historiaremos, ainda que em leves traços, a atuação e fases por que passou o SFD. No decreto n.º 5.979 de 18-4-1906 aprovando o contrato com Elmer Lawrence Corthell e assinado em 12-9-1906 para a construção da Barra e Pôrto do Rio Grande, constava um item «fazer e conservar, na costa leste da embocadura do Canal Norte, as plantações necessárias para evitar que as areias vindas pela costa, se lancem no canal marítimo.»

Nos escritos legados por Pieter Caland nota-se a mesma insistência em se plantar árvores nos dois lados do Canal para deter o avanço das areias e impedir o entulhamento do canal.

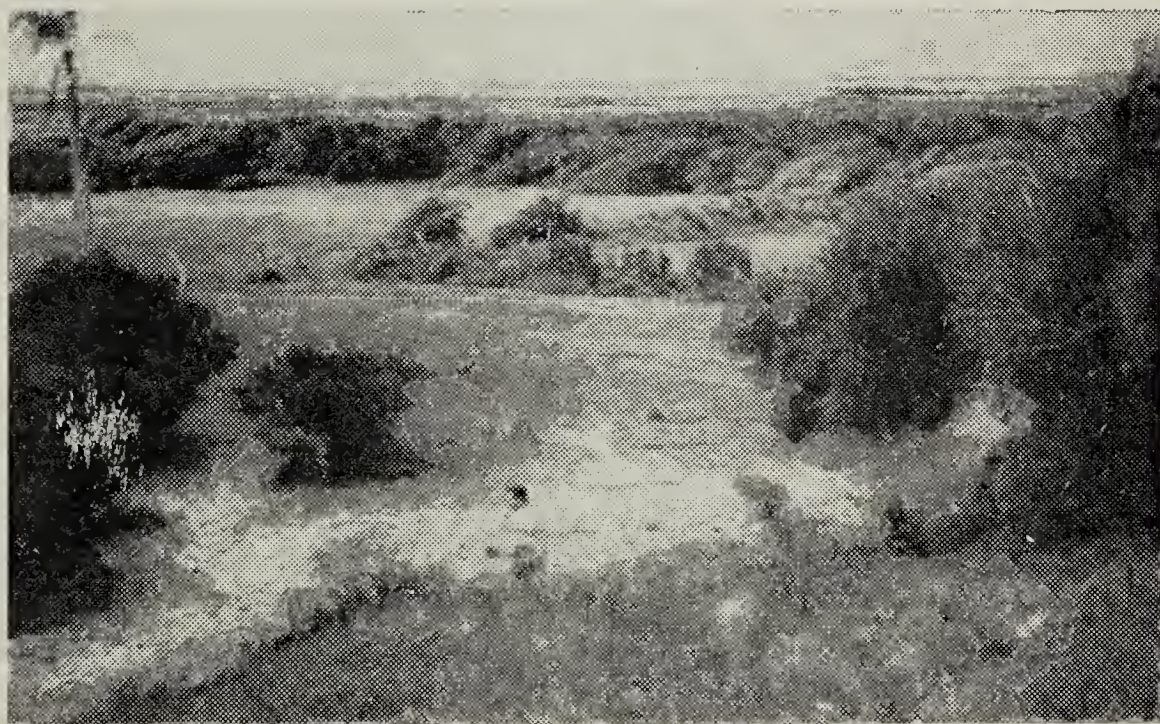
Em 1891 existia um serviço de fixação das areias nos cômodos a SO e NE da Barra. Experimentaram-se então muitos tipos de plantas com altas e baixas nos resultados.

A introdução do cedro marítimo foi difícil. O meio hostil não permitia seu desenvolvimento. Já em 1860 na 5.ª Secção havia plantações de cedro. De início foram plantadas de galho cêrca de 40.000 mudas numa área de 265.000 m².

A lombaverde foi experimentada desde 1893. Seguiram-se vários fracassos. De início plantavam-na em zonas baixas, alagadas periodicamente, e de areias compactas. Os resultados eram mesquinhos. Com a mudança de tática, corrigindo erros anteriores, localizando as plantações em terrenos altos e de areias movediças úmidas resultaram êxitos compensadores. É a planta sahariana do Rio Grande do Sul. Sua denominação deriva-se da ecologia em que se encontra. Crescia com grande exuberância nos espigões de uma lomba, ao sul da barra, e por isso, seu epíteto popular «lomba-verde». É autóctone.



1 — No domínio das dunas adelgadas ergue-se o farol da Solidão. Região despovoada. No 1.º plano tufo de vegetação praieira.



2 — Vegetação numa depressão do terreno em Capão Comprido, recobrimdo completamente antigas dunas. No fundo a lagoa do Peixe.

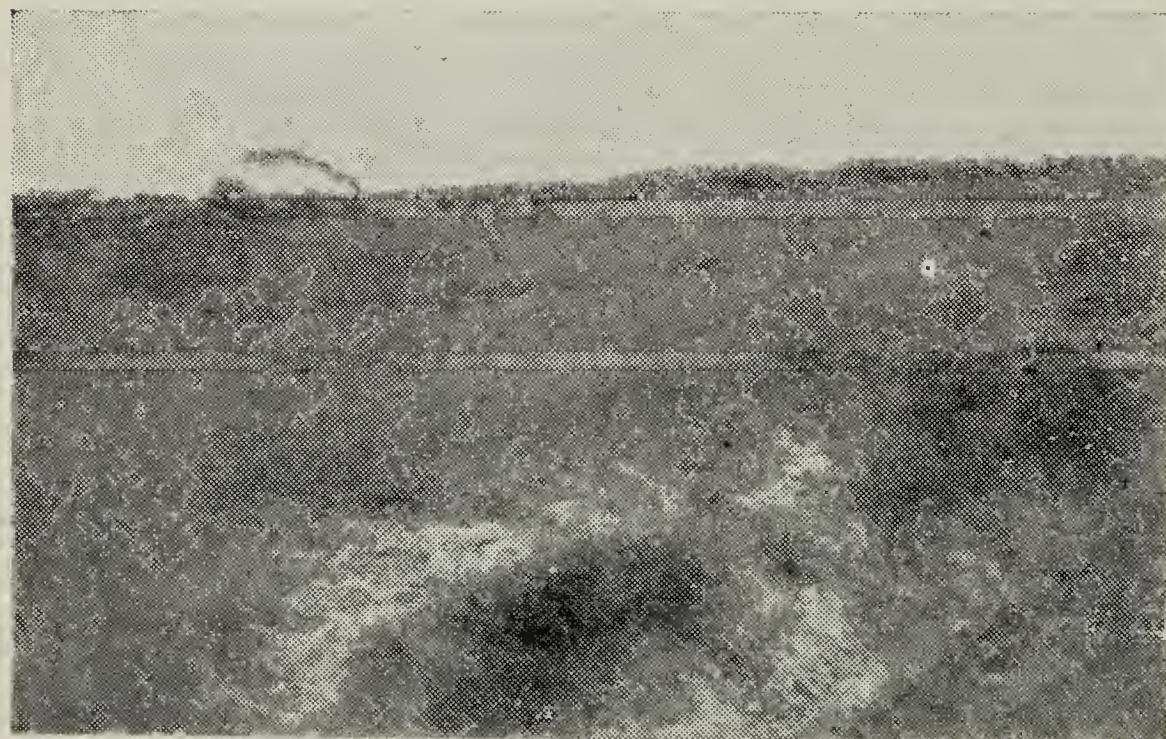


3 — Formações palmáceas (butiãzeiros) que se estendem ao sul de Palmares donde a denominação daquele acampamento humano. Apresentam troncos robustos ao passo que a copa é enfiada, sinal evidente duma mudança climática.



4 — Acácia marítima ostentando seu farto raizamento tão propício à fixação dos cômos de areia, São José do Norte.

5 — No 1.º plano a acácia marítima no assenhoreamento dunar. No 2.º, tapume para fixação tendo a cavaleiro uma plantação de eucalitos. Arredores de São José do Norte.



6 — Influência das lidas sôbre a vegetação, em Solidão. No 1.º plano cobertura graminácea em sua fase incipiente.

Nota — Tôdas as fotos aqui apresentadas são obra do Ir. Juvêncio.

Metòdicamente foi iniciado o SFD em outubro de 1919. Já em 1920 foi começada a retenção das areias junto ao mar e no Canal do Norte no enraizamento do molhe oeste. Ao mesmo tempo principia-se o trabalho de fixação no lado leste do Canal do Norte, junto ao enraizamento do molhe e na zona da 2.^a Secção (perto do Saco da Mangueira).

Com trabalhos metòdicos e persistentes havia-se dominado a fase itinerante arenárea na 5.^a Secção.

Por volta de 1922, atacam-se as construções das anti-dunas, ao sul e norte da Barra para deter a invasão das marés altas e das areias.

Em 1943, em plena guerra, com o fim de proteger a estrada do Petrônio (desde o Cocuruto até um quartel provisório num capão de eucalito da 5.^a Secção próximo à praia), onde se instalaram peças de eucalito da 5.^a Secção próximo à praia), onde se instalaram peças inicia-se êste trabalho.

Criado o Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais, pela Lei 1.561 de 1-10-1951, foi aprovado pelo Decreto 3.085 de 26-7-1952 o seu Regulamento com a atribuição anexa de «executar os SFD.»

Sua fôlha de serviços, apesar do mínimo restrito de operários é elevado. As plantações junto ao molhe oeste-Cassino são antigas. Dos 6.200 ms. de frente com 150 a 200 ms. de fundo (zona de localização dos cômoros) os primeiros 5.000 ms. são ocupados por 50.000 pés de cedro marítimo de uns 25 a 35 anos; no trecho restante de 1.200 ms. há uns 50.000 pés de acácia trinervis ou longifolia de 6 a 8 anos. São dunas semi-fixas. Notam-se apenas pequenas modificações itinerantes das cristas sôbre a mesma faixa, sem haver novos avanços para a zona do interior que é um brejal ocupado por juncos.

Na 2.^a Secção, a uns 700 ms. da ponte do Saco da Mangueira começa um mato de eucalitos e pinheiros marítimos. São 100.000 pés de 25 a 30 anos com uma extensão de 6.000 ms. por 150 ms. de largura. Do outro lado dos trilhos do «Trenzinho do Amor» há uma extensão de dunas semi-fixadas por cedros marítimos. Há pequenos cômoros de cá e de lá a serem fixados. Essas dunas entre a 4.^a Secção Velha e Nova se movem na direção leste-oeste com 83 ms. anuais. Na beirada do litoral do Canal se colocaram grandes quantidades de pedras para fixar o leito da estrada de ferro, impedir novas formações de dunas com as areias projetadas pelas águas do canal e impedir a erosão lateral pelas águas fluviais. Formações arenícolas, aqui e acolá, realizaram bom trabalho de fixação natural.

Na 5.^a Secção (molhe leste) desde 1953 a 1955 o cômoros de areia avançou 50 ms. enchendo a linha com areia e ameaçando as casas. Em diversos pontos as areias estão avançando. A velocidade de deslocamento das mesmas é igual a 167 ms. por ano. Construíram-se anti-dunas que as retiveram.

Os medões do lado leste, como no oeste, progridem na direção

NE-SO ou L-O e as areias de leste são um grave perigo para o Canal do Norte. As dunas errantes se estendem de S. José do Norte — Cocuruto e 5.^a Secção. Nesta margem do Canal em dias de fortes lestadadas ou nordestadas a linha férrea fica coberta numa extensão de 7 kms. pelas areias.

Em S. José do Norte duas anti-dunas, nos fundos do atual viveiro de considerável extensão estão sendo fixados com o plantio de acácia trinervis. O viveiro desde 1943 contém as dunas que ameaçavam devorar a cidade. Há pequenos bosques de pinheiro marítimo, de acácia, de eucalitos junto à estrada construída pelo Exército durante a guerra. A duna que ameaçava a igreja e a Prefeitura foi vencida. Os cômoros fixos envolveram um eucalital até 7 ms. de altura.

Num período de 20 a 25 anos, na frente entre a 5.^a Secção e a Ponta dos Pescadores, houve sensível deposição de areias e vasas, ficando em sêco um antigo trapiche. Ainda as areias invadiram a linha férrea 5.^a Secção-Cocuruto.

Para proteger o canal deve-se lançar mão da anti-duna. Hagen lançou a anti-duna de maneira técnica e metódica para deter a duna.

A contra-duna é o meio para fornecer às raízes das plantas possibilidades para o ataque (Conf. clichê, 5). Faz-se uma cerca de chamiço e vimes, suficientemente forte para que o vento não a derrube, mas ao mesmo tempo filtrável para deixar passar as areias. Estas se fixam em ambos os lados, formam baluartes, enterram cercas. Depois ergue-se no cimo desta cumiada novo tapume, o qual não demora a submergir-se como a anterior. Continua-se o mesmo processo até que as areias impossibilitadas de transpor a crista se fixem nas ladeiras. Está vencida a duna. Iniciada então a fase da vegetação.

A ação do medão não dominado seria um perigo quadrúpulo: paisagística e esfacelamento econômico da região atingida.

ruína das instalações humanas, subversão climática, modificação

Os materiais empregados são bastante variados conforme a mesologia. Tenho visto o uso de moirões de álamo, eucalito, estacas de pinho, maricá, etc. ligados por 3 ou 4 fios de arame. Enfiam neste aramado capim de junco, faxina, haste de milho, sapé, grama, paus, etc. Em alguns tratos, como S. José do Norte, na base desta cerca plantam gravatás do mato. Estes trabalhos são realizados em períodos sêcos.

O replantio das sementeiras para latas e para a fixação do solo é feita somente no período úmido. Procuram para esta finalidade as baixadas úmidas e abrigadas.

A proteção contra a duna é uma luta de muitos povos. Os holandeses, cujo país é dos mais castigados pelo mar e areias venceram-nas com os pinheiros, plantas rasteiras e outros processos. Para impedir o constante progresso e invasão praieira das areias os engenheiros holandeses construíram diques sobre a linha da maré-alta. Esses parapeitos ou anteparos, cuidados por turmas de conser-

vação, servem de paracheque em favor da vegetação que fixou os morrotes de areias móveis. Essa trincheira artificial denomina-se «duna litoral.» Já 220 kms. das costas francesas e toda costa holandesa e belga é defendida por ela.

A ante-duna Molhes-Cassino tem as características: 1. Alinhamento regular, esposando a direção da costa. 2. Situação longitudinal fora do alcance das ondas que poderiam danificá-la e não tanto afastada, portanto, não fugindo, à sua finalidade de proteger a própria praia. 3. Linha do coroamento aproximadamente horizontal.

Na 5.^a Secção deve-se lançar uma anti-duna para a fixação das dunas praieiras e errantes.

Na costa do Rio Grande do Sul os ventos NE e SE têm frequência de 34% e 17% respectivamente, conforme os dados de 1933 a 1942 e o transporte da areia com direção NE-SO e E-O.

Do lado da lagoa dos Patos, desde S. José do Norte até Bojuru há uma verdadeira cadeia de cômoros prestes a penetrar nas águas da lagoa (Conf. clichê, 6). Grandes tratos da mesma já possuem atualmente baixios enormes que tendem a estrangular a navegação interior. Verdadeiros pontais quais enormes pinças, construídos pela colmatagem das areias e dos sedimentos fluviais, avançam para o centro da lagoa e obrigam os poderes públicos a manter constantes obras de dragagem. As ilhas fronteiriças de Rio Grande também são completamente dominadas na sua parte central pelos medões arenários. Tais fatos não se acentuavam tanto em tempos idos. Faz-se mister um trabalho de conjunto e de envergadura para reconquistar êstes terrenos de primeira gema com risco de ver maiores trechos engolidos pelo avanço lento e seguro do elemento desértico. Somente um trabalho planejado e executado com tino e com as técnicas modernas poderá salvar vastas zonas, como a do Estreito que já foi o celeiro de Rio Grande, prestes a desaparecerem para a economia coletiva.

BIBLIOGRAFIA

Planície litorânea, J. J. Bigarella — Bol. Geo. out. 1947 n.º 55; Rio Grande, Fortunato Pimentel; O Rio Grande do Sul, W. H. Harnisch; O homem e a restinga, A. R. Lamêgo; Relatório do SFD, J. Cavalcante Fo.; A fisionomia do RGS, Pe. Rambo; Les aspects du Sahara, La Nature n.º 2.785 maio 1928; Le Sahara Français, Robert-Capot-Rey; O aspecto fitogeográfico atual do Paraná, R. Maack 1953, Manual de conservação do solo, TC 284; Considerações sobre Mimosa pudica no combate à erosão superficial, A. F. Coimbra F. A. Magnanini; Campo ou mato, Zygmunt Wieliczka 1953.

BIBLIOGRAFIA

Ricciotti (Giuseppe) — Pablo Apóstol — Biografía — Introducción crítica — Tradução do italiano por Xavier Zurbini. 550 páginas. Editorial Conmar — Madrid, 1950.

Ricciotti profundo conhecedor do mundo palestínense, do mundo árabe-oriental, escreve uma verdadeira biografia de São Paulo. Vemos o Santo pregando aos judeus, aos pagãos, aos antioquenos, aos gregos, aos romanos, aos hispânicos. E' o apóstolo das gentes. O autor nos leva pelos difíceis caminhos das viagens apostólicas paulinas. Na companhia de Paulo conhecemos povos e civilizações orientais. O trabalho de Ricciotti é o trabalho científico do verdadeiro historiador e do exegeta atilado. Documentos antigos são vistos através de acurada crítica e só admitidos quando reconhecidamente irrefutáveis. Além do estudo da vida, trabalho e sofrimentos de Paulo, Ricciotti nos leva ao estudo do epistolário paulino. Estudo sério dos textos através dos pergaminhos gregos, sírios e latinos.

Numa palavra, o livro de Pablo Apóstol é um grande livro que nos dá a conhecer a grande vida do Grande Apóstolo.

O estudo de São Paulo se torna cada vez mais necessário em nossos dias pois queremos arquitetar um mundo melhor e esta obra só é possível imitando a Cristo, vivendo como Cristo, vivendo como Paulo.

A. Kriekemans — Préparation au mariage et à la famille — 1957

Casterman — Tournai — Paris.

Livro traduzido do flamengo para o francês por Cécile Seresía — 218 páginas.

Conhecemos pessoalmente o Prof. Albert Kriekemans, da Universidade de Lovaina, que esteve entre nós no lembrado curso de Psicologia em agosto de 1957. Agora visita-nos com um livro que nos instrui sobre o casamento e a vida da família. Profunda psicologia do sexo e do amor. Páginas seguras de orientação para a nossa juventude e nossos lares.

O livro tem dois grandes capítulos. O primeiro capítulo — intitula-se: **La préparation au Mariage**. Divide-se em subcapítulos que só o seu enunciado nos dá idéia clara da matéria: Une compréhension,

de la psychologie des sexes. Une éducation sexuelle sérieuse. Une juste notion et une expérience conséquente de l'amour dans le mariage. Un choix et des rapports judicieux. Capítulo II: L'éducation fonctionnelle par la famille et le structure familiale. No segundo capítulo encontram-se subtítulos como: «L'entente conjugale ou le mariage parfait et imparfait. La tâche du père. La tâche de la mère. Les relations entre parents et enfants. Amis et amies. Hôtes. Domestiques.

O livro de Kriekemans nos traz, outrossim, uma rica bibliografia sobre assuntos de vida familiar.

É um livro rico de doutrina, encanto para o leitor, formador do coração e da vida da juventude que deseja construir um lar segundo o coração de Deus.

J. E. C.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO GRANDE DO SUL
Pôrto Alegre**

ENTIDADE MANTENEDORA

União Sul Brasileira de Educação e Ensino (U.S.B.E.E.)
Irmãos Maristas

ADMINISTRAÇÃO GERAL

Chanceler

Dom Alfredo Vicente Scherer, Arcebispo de Pôrto Alegre

Reitor

Prof. Irmão José Otão

Vice-Reitor

Prof. Manoel Coelho Parreira

Secretário Geral

Irmão Elvo Clemente

Conselho Universitário

Prof. Irmão José Otão
Prof. Manoel Coelho Parreira
Prof. Francisco da Silva Juruena
Mons. Alberto Etges
Prof. Antônio César Alves
Prof. Ivo Wolff
Prof. Irmão Faustino João
Prof. Balthazar Gama Barbosa
Prof. Wilson Tupinambá da Costa
Prof.^a Elsa Helm
Acadêmico Milton Roa

Conselho Superior

Prof. Irmão José Otão — Reitor
Prof. Irmão Faustino João — Representante da U.S.B.E.E.
Prof. Irmão Leôncio José — Representante da U.S.B.E.E.
Prof. Irmão Liberato — Representante da U.S.B.E.E.
Mons. Alberto Etges — Representante do Chanceler.

DIRETORES DAS UNIDADES UNIVERSITÁRIAS EM 1957

- 1 — **Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas:** Prof. Dr. Francisco da Silva Juruena.
- 2 — **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras:** Prof. Ivo Wolff.
- 3 — **Faculdade de Direito:** Prof. Dr. Balthazar Gama Barbosa.
- 4 — **Faculdade de Odontologia:** Prof. Wilson Tupinambá da Costa
- 5 — **Escola de Serviço Social:** Prof.^a Elsa Helm
- 6 — **Instituto de Psicologia:** Prof. Irmão Hugo Danilo.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO GRANDE DO SUL
Pôrto Alegre**

Equiparada pelo Decreto n.º 25.794 de 9 de novembro de 1948

FUNDADA E MANTIDA PELOS IRMÃOS MARISTAS

A Pontifícia Universidade Católica do R.G.S. compreende:

I — INSTITUTOS UNIVERSITÁRIOS

- 1 — Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas —
— Fundada em 1931
- 2 — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras —
Fundada em 1940
- 3 — Faculdade de Direito — Fundada em 1946
- 4 — Faculdade de Odontologia — Fundada em 1953
- 5 — Escola de Serviço Social — Fundada em 1945

II — INSTITUTOS COMPLEMENTARES

- 1 — Instituto de Psicologia — Fundado em 1953
- 2 — Centro de Pesquisas Econômicas — Fundado
em 1954
- 3 — Curso de Orientação Educacional — Fundado em
1958

